



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**CONJUGALIDADE, COPARENTALIDADE E RELACIONAMENTO COM OS  
FILHOS: SUBSISTEMAS EM INTERAÇÃO**

**Priscila de Oliveira Chiari**

**Brasília/DF – Abril de 2022**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**CONJUGALIDADE, COPARENTALIDADE E RELACIONAMENTO COM OS  
FILHOS: SUBSISTEMAS EM INTERAÇÃO**

Priscila de Oliveira Chiari

**Dissertação de mestrado apresentada como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia, Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia Clínica e Cultura  
do Instituto de Psicologia da Universidade  
de Brasília.**

**ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup>. DR.<sup>a</sup>. ISABELA MACHADO DA SILVA**

Brasília/DF – Abril de 2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CC532c Chiari, Priscila de Oliveira  
Conjugalidade, coparentalidade e relacionamento com os  
filhos: Subsistemas em interação / Priscila de Oliveira  
Chiari; orientador Isabela Machado da Silva. -- Brasília,  
2022.  
128 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Psicologia Clínica e  
Cultura) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. conjugalidade. 2. coparentalidade. 3. relação com os  
filhos. I. Silva, Isabela Machado da , orient. II. Título.

Esta tese recebeu o seguinte apoio institucional:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Programa CAPES: DS – Programa de Demanda Social), pela concessão de bolsa para a realização dos estudos de Mestrado (Processo 88887.512336/2020-00).



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA**

**PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isabela Machado da Silva – Presidente

Universidade de Brasília - UnB

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos) – Membro Interno

Universidade de Brasília - UnB

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Clarisse Pereira Mosmann – Membro Externo

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sheila Giardini Murta – Membro Interno Suplente

Universidade de Brasília - UnB

Brasília, abril de 2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma maneira, participaram e tornaram possível a conclusão desta dissertação.

Ao meu marido, João Laterza, por sua paciência, apoio, incentivo e carinho durante todo este árduo processo.

À minha orientadora, Isabela Machado da Silva, que me acompanha desde a minha pós-graduação, por ter me acolhido e acreditado na minha capacidade, de forma a me auxiliar tanto profissional quanto pessoalmente.

Aos meus queridos colegas do mestrado, Júlia Gouveia, Felipe Mattiello e Lilianny Souza, pela companhia e apoio em todo o processo.

Aos meus amigos, por permanecerem ao meu lado me apoiando mesmo quando meu único assunto era o mestrado, em especial Flávia Lacerda, Luiz Fernando Chiari e Letícia Chiari.

Aos meus avós, Fernando e Luiza, e aos meus pais, Ricardo e Fátima, pelo investimento durante toda minha formação escolar.

Por fim, aos casais que participaram deste estudo compartilhando sua história e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio na realização deste mestrado.

## RESUMO

A presente dissertação teve por objetivo a compreensão das relações entre conjugalidade, coparentalidade e relacionamento com os filhos em famílias intactas com filhos em idade escolar. Embora o tema em questão seja retratado na literatura, ainda existem poucos estudos nacionais a respeito. Diante desse contexto, foram realizados, nesta pesquisa, dois estudos: uma revisão integrativa da literatura e um estudo de caso de coletivo. O primeiro buscou levantar como a temática tem sido abordada nos últimos cinco anos, recorrendo-se às bases de dados BVS-Psi, Oasis e PsycINFO. Os resultados desse estudo corroboram a interligação dos subsistemas, sinalizando múltiplos fatores que podem influenciar a dinâmica da família, tais como a forma como a díade maneja sua relação conjugal e coparental; a percepção das crianças sobre esses subsistemas; a influência dos filhos na relação do casal; a maneira da família lidar com as flutuações derivadas do ciclo de vida; e a satisfação/insatisfação da díade coparental com as divisões de tarefas relacionadas às crianças. O segundo estudo compreendeu um estudo de caso coletivo qualitativo, realizado por meio de entrevista semiestruturada com três casais pais de crianças de seis a onze anos de idade, e posterior análise de conteúdo. Para a análise dos dados foram selecionadas, com base na literatura, quatro categorias voltadas para a conjugalidade (coesão; afetividade/sexualidade; flexibilidade; e comunicação) e quatro voltadas para a coparentalidade (concordância ou discordância quanto a aspectos relativos ao cuidado e educação das crianças; divisão de trabalho relacionada a crianças; apoio – ou falta de apoio – ao papel coparental; e manejo conjunto das relações familiares). Foi ainda proposta uma categoria de análise adicional (interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos). Como resultado, observou-se que os casais que demonstraram maior dificuldade nas dimensões da conjugalidade também perceberam, como um desafio, o manejo coparental, sendo relatado pelos pais uma menor adaptabilidade das crianças e das

famílias, além da dificuldade dos casais de abordarem sua relação conjugal sem se referirem à dinâmica com os filhos.

**Palavras-chave:** conjugalidade, coparentalidade, relação com os filhos

## ABSTRACT

The present research aimed to understand the association between conjugality, coparenting and the relationship with children in intact families. Although this subject is mentioned in the literature, there are still few national studies on it. Given this context, two studies were carried out in this research: an integrative literature review and a collective case study. The first sought to raise how the subject has been addressed in the last five years, using the BVS-Psi, Oasis and PsycINFO databases. The findings of this study point out to an existing interconnection between the subsystems, indicating multiple factors that can influence family dynamics, such as: the way the dyad manages their marital and coparenting relationship; children's perception of these subsystems; the influence of children in the couple's relationship; the family's way of dealing with fluctuations derived from the life cycle; and the satisfaction/dissatisfaction of coparents with the divisions of tasks related to children. The second study involved a qualitative research of collective cases, carried out through a semi-structured interview with three couples, parents of children aged between six and eleven years, and subsequent content analysis. For data analysis, four categories focused on conjugality (cohesion; affectivity/sexuality; flexibility; and communication) and four focused on coparenting (agreement or disagreement regarding aspects related to the care and education of children; child-related division of labor; support - or lack of support - for the coparenting role; and joint management of family relationships) were selected based on the literature. An additional analysis category was also proposed (interactions of conjugality, coparenting and the relationship with children). As a result, it was observed that couples who showed greater difficulty in dimensions of conjugality also perceived coparenting management as a challenge, with children having a lower adaptability, in addition to the emergence of indications of crossing between marital and

coparenting subsystems, perceived in the couples' difficulty in approaching their relationship without bringing the dynamics with the children into the conversation.

**Keywords:** conjugality, coparenting, relationship with children

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>v</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>vi</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>viii</b>
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	<b>xii</b>
<b>1. APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	<b>3</b>
<b>2.1. Terapia Familiar Sistêmica</b> .....	<b>3</b>
<b>2.2. Conjugalidade</b> .....	<b>4</b>
<b>2.3. Coparentalidade</b> .....	<b>6</b>
<b>2.4. Conjugalidade, coparentalidade e relação com os filhos</b> .....	<b>8</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS</b> .....	<b>11</b>
<b>3.1. Objetivo geral</b> .....	<b>11</b>
<b>3.2. Objetivos específicos</b> .....	<b>11</b>
<b>3.3. Justificativa científica</b> .....	<b>11</b>
<b>3.4. Justificativa social</b> .....	<b>12</b>
<b>4. ESTUDO 1: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA</b> .....	<b>13</b>
<b>4.1. Método</b> .....	<b>13</b>
4.1.1. Delineamento .....	13
4.1.2. Questão de pesquisa .....	13
4.1.3. Bases selecionadas .....	13
4.1.4. Descritores .....	14
4.1.5. Critérios de inclusão e exclusão .....	14
4.1.6. Categorias para análise .....	15
<b>4.2. Resultados e discussão</b> .....	<b>15</b>
4.2.1. População estudada .....	16
4.2.2. Método e delineamento do estudo .....	19
4.2.3. Local de desenvolvimento do estudo .....	20
4.2.4. Relações entre conjugalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil .....	21
4.2.5. Relações entre coparentalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil .....	23
4.2.5.1. <i>Interação dos pais e sua influência nos filhos</i> .....	24
4.2.5.2. <i>Coparentalidade em casais em diferentes estágios do ciclo vital</i> .....	27
4.2.6. Relações entre conjugalidade, coparentalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil .....	28
4.2.6.1. <i>Questões de gênero na vivência da conjugalidade e da coparentalidade</i> .....	31
4.2.6.2. <i>Relações com o desenvolvimento infantil</i> .....	33
4.2.7. Síntese .....	33

<b>5. ESTUDO 2: ESTUDO DE CASO COLETIVO .....</b>	<b>35</b>
<b>5.1. Método .....</b>	<b>35</b>
5.1.1. Delineamento .....	35
5.1.2. Questão de pesquisa .....	35
5.1.3. Procedimentos .....	35
5.1.4. Participantes .....	36
5.1.5. Instrumentos .....	37
5.1.6. Análise dos dados .....	37
5.1.7. Considerações éticas .....	42
<b>5.2. Resultados e discussões .....</b>	<b>44</b>
5.2.1. Família 1: Aline, Carlos, Gustavo e Felipe .....	44
5.2.1.1. <i>Descrição da família</i> .....	44
5.2.1.2. <i>Relação conjugal</i> .....	44
5.2.1.3. <i>Relação coparental</i> .....	52
5.2.1.4. <i>Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos</i> .....	56
5.2.2. Família 2: Mariza, Ricardo, Matheus e Leticia .....	57
5.2.2.1. <i>Descrição da família</i> .....	57
5.2.2.2. <i>Relação conjugal</i> .....	58
5.2.2.3. <i>Relação coparental</i> .....	65
5.2.2.4. <i>Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos</i> .....	70
5.2.3. Família 3: Valéria, Lucas, Pedro e Alice .....	71
5.2.3.1. <i>Descrição da família</i> .....	71
5.2.3.2. <i>Relação conjugal</i> .....	71
5.2.3.3. <i>Relação coparental</i> .....	78
5.2.3.4. <i>Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos</i> .....	83
5.2.4. Análise integrativa das famílias .....	84
5.2.4.1. <i>Relação conjugal</i> .....	85
5.2.4.2. <i>Relação coparental</i> .....	87
5.2.4.3. <i>Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos</i> .....	89
<b>6. CONCLUSÃO .....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO B – ENTREVISTA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DO CASAL .....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O CASAL ..</b>	<b>113</b>
.....	
<b>ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....</b>	<b>115</b>

**LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> - Seleção dos artigos para análise.....	16
<b>Figura 2</b> - Distribuição dos artigos por quantidade de casais .....	17
<b>Figura 3</b> - Distribuição dos artigos por faixa etária infantil.....	18
<b>Figura 4</b> - Distribuição dos artigos por delineamento e método do estudo .....	20
<b>Figura 5</b> - Distribuição dos artigos por local de desenvolvimento do estudo.....	21
<b>Figura 6</b> - Categorias de análise dos dados.....	39

## 1. APRESENTAÇÃO

No intuito de contextualizar a presente dissertação, faz-se necessária a descrição da minha trajetória e da minha escolha pela temática, sendo assim, o meu interesse pela sistêmica surgiu desde o primeiro contato com a abordagem, ainda na graduação na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC- Minas). A partir desse momento, escolhi me aprofundar e fazer os estágios nessa área, sendo os meus primeiros pacientes crianças e suas famílias. Nesse contexto, percebi que as famílias, nos seus vários subsistemas, estavam em constantes trocas, e que seria impossível trabalhar com crianças sem entender profundamente o seu sistema maior. Então, logo após me formar, me especializei em Terapia de Casais e Famílias (Interpsi-PUC-Goiás) e realizei junto à minha orientadora Isabela Machado da Silva o trabalho de conclusão da especialização cuja temática era a dificuldade de aprendizagem da criança e a conjugalidade parental. Paralelamente à especialização comecei a atuar na clínica. Meu consultório se encheu de crianças com as suas mais diversas demandas, sempre conectadas à dinâmica da conjugalidade e da coparentalidade.

Dessa forma, decidi me aprofundar mais sobre a temática para que, ao escutar as crianças, eu pudesse perceber também toda essa grande inter-relação dos subsistemas familiares. Acessando a literatura para me conectar ao conhecimento, percebi que grande parte dos estudos tinha uma visão compartimentalizada sobre o assunto, por se centralizar nos comportamentos sintomáticos infantis, sendo mais escassos estudos que apresentassem um questionamento sobre a dinâmica relacional. Observei, ainda, que as pesquisas conduzidas têm sido, predominantemente, de origem internacional, e que adotam, em sua maioria, métodos quantitativos, de modo que eu poderia contribuir com um estudo qualitativo e nacional sobre o tema. Ademais, como na literatura sobre o tema, o foco têm sido a pré-infância e a adolescência, optei por considerar, no meu trabalho, crianças na faixa etária da meia infância, visando contribuir para a superação dessa lacuna.

Logo, tomada pelas minhas indagações e pelo desejo de contribuir para a pesquisa e para a prática clínica, decidi conduzir minha dissertação segundo a perspectiva sistêmica, com pais de crianças entre seis e onze anos de idade que fossem casados. O estudo teve, por objetivo compreender, a partir da descrição do casal, suas narrativas sobre as relações entre a conjugalidade, a coparentalidade e a relação entre pais e filhos.

A pesquisa foi conduzida a partir de dois estudos: (a) uma revisão integrativa da literatura, buscando levantar como tem sido abordado o relacionamento entre a conjugalidade, a coparentalidade, o relacionamento com os filhos e o desenvolvimento infantil; (b) um subsequente estudo de caso coletivo, subsidiado pelo levantamento teórico realizado, que buscou compreender as narrativas dos pais sobre sua conjugalidade, sua coparentalidade, sua relação com os filhos e a inter-relações desses subsistemas.

Assim, a presente dissertação conta, no Capítulo 2, com uma breve contextualização sobre o referencial teórico em que esta pesquisa se embasa. Em seguida, no Capítulo 3, são abordados a justificativa e o objetivo do trabalho. O Capítulo 4 apresenta o Estudo 1, ao passo que, no Capítulo 5, é apresentado o Estudo 2. Por fim, nas Considerações Finais, no Capítulo 6, são registradas as minhas conclusões sobre o tema em questão.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO

### 2.1. Terapia Familiar Sistêmica

A Terapia Familiar Sistêmica (TFS) recebeu influência de diversas áreas do conhecimento, tendo tido como marco o contexto de pós-guerra na década de 1950 nos Estados Unidos. Concomitantemente, vários outros países começavam a desenvolver estudos teóricos sobre a TFS. O início da prática de atendimento familiar teve como origem a necessidade de inserir famílias nos atendimentos de “pacientes psicóticos e delinquentes”, já que as abordagens tradicionais não se mostravam mais efetivas. A abordagem sistêmica, trouxe o pensamento interrelacional para o contexto psicoterápico (Grandesso, 2008 p.106).

Ao longo do desenvolvimento da TFS, surgiram várias escolas. As primeiras escolas foram influenciadas pelo pensamento da Cibernética de Primeira Ordem, que se baseava nos pressupostos empiristas da simplicidade, objetividade e estabilidade. Os terapeutas, segundo essa perspectiva, possuíam uma postura de neutralidade, tendo por motivação a busca pela realidade, a funcionalidade dos sintomas e a intervenção ativa com a família (Grandesso, 2008).

O questionamento da neutralidade e da objetividade deu origem a uma nova fase da terapia familiar: a Cibernética de Segunda Ordem. As novas escolas que surgiram desse pensamento se caracterizam por valorizar a linguagem e o seu significado, em seus múltiplos sentidos existentes. O terapeuta já não é mais visto como um especialista, e os atendimentos passam a ser mais colaborativos, de forma a permitir uma co-construção entre terapeutas e clientes (Grandesso, 2008).

Dentre essas escolas, a terapia narrativa situada na dita pós-modernidade propõe o uso da linguagem como forma de organizar e ressignificar as relações. White et al.1990 diz que as narrativas incluem diferentes interpretações da realidade, que recebem influência cultural e que gera coerência a vida humana. As histórias que os indivíduos contam sobre si podem dar

sentido para as suas vidas e para suas relações de forma a modificá-las. Os terapeutas dentro dessa perspectiva trabalham com as histórias de modo a reconhecer a compreensão narrativa dos pacientes e a interpretações sobre suas percepções, auxiliando na elaboração de histórias de vida alternativas. (Nichols et al.2007)

## **2.2. Conjugalidade**

A família é compreendida, pela abordagem sistêmica, como um conjunto de indivíduos interdependentes que, ao se relacionarem, desenvolvem padrões de interação, que são os conteúdos presentes na relação familiar que perduram no tempo e dão à família uma noção de identidade e previsibilidade. (Minuchin, 1982). O sistema familiar é considerado o primeiro e mais importante contexto interpessoal para o desenvolvimento humano, sendo composto por vários subsistemas. (Minuchin, 1995). Define-se como subsistema os agrupamentos existentes no núcleo familiar, as díades, tríades e também o sistema individual. Esses elementos são organizados segundo diversas variáveis como o sexo, a geração, os interesses e as funções desempenhadas pelos membros. Pode-se citar, como os principais subsistemas que compõem a família, o individual, o conjugal e o executivo (Minuchin, 1982).

O subsistema conjugal é formado pela união de dois adultos que se ligam com o objetivo de constituir uma família, cada um carregando consigo um conjunto de valores e expectativas, que vão dando espaço à interdependência mútua, necessária para a organização do novo sistema. Segundo Minuchin (1982), as principais funções do subsistema conjugal são a de servir de refúgio frente às demandas cotidianas e a de satisfazer as necessidades de apoio.

O relacionamento conjugal é abarcado por distintas dimensões, como a questão econômica, a questão emocional, o poder na relação, as fronteiras estabelecidas, a sexualidade, a criação dos filhos, as tarefas e atividades de lazer (McGoldrick, 1995). Uma forma de se compreender esse conjunto de dimensões presentes na conjugalidade é por meio do Modelo

Circumplexo proposto por Olson (2000), que integra três dimensões, que, segundo ele, estariam presentes em todas as relações familiares: a coesão, a flexibilidade e a comunicação.

A coesão se refere ao vínculo emocional existente entre os membros do casal. A flexibilidade diz respeito ao movimento do sistema em relação ao seu equilíbrio, podendo existir períodos de estabilidade e mudança. Enfim, a comunicação é considerada como uma dimensão facilitadora da relação e é avaliada pela habilidade de escuta, auto revelação, clareza e respeito. Apesar de não ser apresentada como uma dimensão independente no modelo de Olson (2000), a sexualidade é também um aspecto relevante da relação conjugal. Para Wright (1998) a sexualidade são expressões físicas existentes entre duas pessoas que se conectam.

Ao longo do desenvolvimento da relação conjugal, o casal se depara com várias transições e eventos os quais vão precisar manejar. A transição do casal para a formação do subsistema parental é uma mudança importante no ciclo de vida familiar, demandando flexibilidade (McGoldrick, 1995). O subsistema conjugal pode ser fonte de apoio e refúgio e é vital para o crescimento dos filhos, por permitir que a criança aprenda meios de expressar seus afetos e lidar com conflitos, servindo como modelo para as suas demais relações (Minuchin, 1982).

Os conflitos conjugais são comumente encontrados nos relacionamentos, sendo importante o modo como o casal conduz e maneja as desavenças dentro da relação, o que pode ocorrer de maneira construtiva ou destrutiva. A comunicação aberta entre os cônjuges que busca avaliar as alternativas para a resolução de seus problemas é vista como construtiva. Já estratégias que envolvem a evitação e a hostilidade, são consideradas destrutivas, quando os cônjuges optam por não conversarem, deixando que o tempo resolva suas desavenças (Bolze et al., 2017).

Em estudo realizado por Mosmann et al. (2011) com 149 casais que possuíam pelo menos um filho, foram identificadas seis dimensões de desentendimento entre o casal (assuntos

relacionados aos filhos; tempo de interação entre o casal; questões financeiras; tarefas domésticas, sexo e questões legais). A dimensão apontada como tendo a maior prevalência de conflito entre o casal foram os desentendimentos ligados a assuntos dos filhos. Esse dado ressalta a bidirecionalidade entre as dimensões da conjugalidade e parentalidade, de modo que os conflitos impactam ambos os subsistemas.

As repercussões do conflito conjugal nos filhos são caracterizadas pelo tipo de conflito enfrentado e pela forma com que os cônjuges conseguem encaminhá-lo. Conflitos destrutivos, recorrentes, intensos e pobres em resoluções costumam contribuir com problemas no comportamento e ajustamento dos filhos, os quais podem ser expressos em casa e na escola (Davies & Cummings, 1994). Estudos sugerem que crianças expostas a altos níveis de conflito estão mais propensas a desenvolverem uma série de problemas emocionais e comportamentais na infância, dentre eles baixa autoestima, depressão, distúrbios do sono e agressividade (Keller et al., 2009).

### **2.3. Coparentalidade**

Ao se tornarem pais, os membros do casal iniciam o desenvolvimento de aliança coparental, na qual irão precisar aprenderem, colaborar e gerenciar tarefas para atender às necessidades dos filhos (Gallegos et al., 2019). A coparentalidade pode ser definida como o compartilhamento, entre os pais ou cuidadores, das funções de cuidado com os filhos, envolvendo a divisão de tarefas, o apoio ao papel coparental desempenhado pelo parceiro e as atribuições de liderança (Frizzo et al., 2005). Embora esse conceito trate do compartilhamento, isso não quer dizer que os papéis coparentais sejam igualmente divididos no que se refere à igualdade, autoridade e responsabilidade, variando de acordo com a interação dos membros da díade (Feinberg, 2003). Os estudos sobre coparentalidade, surgiram no contexto de casais

separados, de modo que pesquisas com famílias intactas que utilizavam esse conceito foram desenvolvidas apenas posteriormente.

Feinberg (2003) desenvolveu um modelo que propõe integrar os principais componentes da relação e que pode, ser definido segundo quatro dimensões principais: (a) a concordância ou discordância quanto aos aspectos de cuidado e educação dos filhos, que se refere ao grau no qual as figuras parentais concordam/discordam quanto a questões ligadas à criança; (b) a divisão de trabalho relacionada aos filhos, que diz respeito ao compartilhamento das responsabilidades financeiras, emocionais e médicas, bem como aos devidos cuidados domésticos; (c) o apoio (ou a falta) ao desempenho do papel coparental pelo parceiro, que se refere a quanto cada membro se apoia de forma a respeitar e sustentar as decisões do outro; e (d) o manejo conjunto das interações familiares, visto como o estabelecimento de uma relação de corresponsabilidade no que se refere à comunicação, à formação de fronteiras entre os subsistemas e à contribuição nas interações familiares.

Outros modelos também abordaram as dimensões presentes na coparentalidade. De acordo com Van Egeren et al. (2004) a coparentalidade pode ser conceituada por meio de quatro dimensões: (a) a solidariedade coparental, dimensão de apoio e afeto entre os pais; (b) o apoio coparental, que se refere ao sentir-se apoiado pelo parceiro nas atividades parentais e nas interações com a criança; (c) o boicote coparental, que se caracteriza por declarações negativas, falta de confiança e inibição das ações parentais do parceiro em suas decisões; e (d) a parentalidade compartilhada, que se refere à divisão de tarefas voltadas para o cuidado infantil e ao seu investimento individual na relação com a criança. Já Margolin et al. (2001) acentuam existirem três dimensões: conflito, triangulação e cooperação. O conflito respeito às discordâncias e concordâncias entre os membros do par coparental. A triangulação é voltada as coalizações presentes na relação entre pais e filhos. Por fim, os autores abordam a cooperação como a valorização e o apoio existente na díade.

A coparentalidade apenas tem relação com questões ligadas ao bem-estar da criança e as dimensões de cuidado, não incluindo, portanto, outras dimensões da vida do casal e dos demais subsistemas familiares. (Margolin et al., 2001). Dessa forma, a coparentalidade se diferencia da conjugalidade pelo fato de abordar assuntos relacionados à criança e não apenas ao parceiro, ao mesmo tempo que se distingue da tanto da conjugalidade como da parentalidade por envolver um relacionamento triádico e não diádico (Margolin et al., 2001).

Consequentemente, a coparentalidade pode ser definida como a ponte que estabelece a conexão entre a qualidade das interações da díade parental e os percursos desenvolvimentais da prole. Segundo Belsky et al. (1995), a relação coparental é fundamental para o desenvolvimento das crianças, podendo ter efeitos negativos ou positivos, dependendo da forma como é conduzida pelas díades.

#### **2.4. Conjugalidade, coparentalidade e relação com os filhos**

Um dos principais pressupostos da TFS é de que os subsistemas se influenciam mutuamente, de forma que a conjugalidade e a coparentalidade se desenvolvem de modo interdependente (Minuchin, 1995). Os conflitos mal resolvidos na díade conjugal podem ultrapassar as fronteiras entre os subsistemas, acabando por serem conduzidos para a área da educação infantil, já que não é possível o casal separar as funções conjugais das parentais (Minuchin, 1982). Esses conflitos podem gerar consequências para o comportamento da criança, pois, muitas vezes, o casal utiliza os filhos para regular as tensões de seu relacionamento (Minuchin, 1995). Segundo Goulart et al. (2013), não é apenas por meio dos conflitos conjugais que podemos entender o impacto da conjugalidade e da coparentalidade sobre o desenvolvimento dos filhos. É necessário, também, compreender o significado atribuído pelos filhos aos conflitos observados, já que nem todas as crianças expostas às

experiências negativas de conflito conjugal desenvolvem problemas de ajustamento emocional.

Estudos nacionais e internacionais sinalizam a existência de uma forte correlação entre a qualidade das relações conjugais e a qualidade das relações coparentais (Belsky, 1995; Boing et al., 2016; Boas et al., 2010; Erel & Burman, 1995; Gootman, 1998; Kreppner et al., 1998; Mosmann et al., 2011). O relacionamento conjugal vem sendo apontado como um dos fatores que influenciam a qualidade de vida das famílias, principalmente nas relações entre pais, mães e suas crianças (Braz et al., 2005).

A inter-relação do subsistema conjugal com o coparental pode ser explicada por meio de três principais hipóteses encontradas na literatura. De acordo com Erel e Burman (1995), existe um transbordamento (*spillover*) entre a conjugalidade e a coparentalidade, que se reverbera no desenvolvimento da criança. Dessa forma, questões mal-resolvidas na relação conjugal tenderiam a comprometer os comportamentos dos cônjuges como pais ou mães, da mesma forma que uma relação conjugal de boa qualidade tenderia a contribuir para o exercício da parentalidade (Silva et al., 2012).

Estudos mais recentes apontam que esse fenômeno pode ocorrer não apenas por meio do efeito direto dos conflitos parentais sobre os filhos, mas também pela forma como as crianças vivenciam e percebem os conflitos e como são expostas a eles (direta ou indireta). (Hameister et al., 2015). Uma possível explicação para a ocorrência desse fenômeno é que casais que vivenciam dificuldades conjugais reduzem o apoio mútuo e aumentam as tensões, prejudicando a relação com os filhos.

Outra hipótese existente no que se refere às relações entre conjugalidade e coparentalidade é a compensatória, que diz da existência de uma relação inversa entre a qualidade da conjugalidade e a qualidade do relacionamento entre pais e filhos. De acordo com essa ideia, os pais podem cobrir suas necessidades não atendidas no relacionamento conjugal

por meio da relação com os filhos, criando interações parentais de maior qualidade, em oposição a níveis mais altos de sofrimento conjugal (Enger, 1988).

A última das hipóteses é a da compartimentalização, que defende a ideia de que os pais seriam capazes de separar as questões existentes em cada subsistema, desenvolvendo fronteiras podem conter os efeitos dos conflitos. (Krishnakumar, 2000)

Além da ênfase na inter-relação da conjugalidade e coparentalidade, a qualidade das relações nesses dois subsistemas estão relacionadas a fatores comuns, que podem interferir em ambos, como o estilo relacional, a personalidade e o desenvolvimento individual dos membros. (Grych, 2002).

A família passa por várias transformações ao longo do ciclo vital, sendo importante a compreensão desses estágios, já que essas modificações podem interferir no funcionamento do sistema familiar. A união do casal se constitui em uma etapa do ciclo vital da família, onde deverá ocorrer a separação da família de origem e o comprometimento com a formação de um novo sistema familiar, sendo necessário ao novo casal a renegociação de suas questões individuais para a formação do novo sistema. A passagem para a paternidade, marca o início de uma nova etapa no ciclo de vida do casal que precisará se adaptar e se reorganizar para receber o novo membro familiar, assumindo novas responsabilidades que vão aparecer com o vínculo coparental (McGoldrick et al., 2014).

### **3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo geral**

O objetivo deste estudo trabalho é compreender as relações entre conjugalidade, coparentalidade e relacionamento com os filhos, em famílias intactas com filhos na infância.

#### **3.2. Objetivos específicos**

- Estudo 1: Identificar o que a literatura dos últimos cinco anos tem abordado sobre a temática da relação entre conjugalidade, coparentalidade e relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil, em famílias intactas com filhos na infância.
- Estudo 2: Descrever e compreender as narrativas dos casais sobre sua conjugalidade, sua coparentalidade, seu relacionamento com os filhos e a inter-relações desses subsistemas, em famílias intactas com filhos de 6 a 11 anos.

#### **3.3. Justificativa científica**

A maioria dos estudos identificados na literatura que abordam as relações da coparentalidade, da conjugalidade e da relação entre pais e filhos são internacionais e quantitativos (Blandon, et al., 2014; Gallegos et al., 2019; Latham et al., 2018; Zemp et al., 2017). Os estudos nacionais, por outro lado, investigam o conceito de coparentalidade predominantemente em contextos envolvendo casais separados. Pesquisas voltadas para a coparentalidade de casais casados têm se mostrado recentes e escassas no Brasil (Frizzo et al., 2005; Gzybowski et al., 2010; Lamela et al., 2016). Logo, o presente estudo irá contribuir para a ampliação da literatura nacional sobre as relações familiares, apresentando, como diferencial,

ter sido realizado com casais pais de crianças em idade escolar, ou seja, entre os seis aos onze anos.

### **3.4. Justificativa social**

Compreender a dinâmica entre os subsistemas conjugal, coparental, bem como sua inter-relação com o desenvolvimento dos filhos, pode vir a contribuir com informações e discussões atualizadas sobre a temática e contextualizadas à realidade do nosso país. Assim, este estudo poderá auxiliar na elaboração de intervenções e estratégias de prevenção e intervenção com famílias, a fim de minimizar os impactos negativos da dinâmica entre os subsistemas.

Estudos nacionais e internacionais apontam que a conjugalidade e as práticas coparentais estão entre as principais variáveis associadas ao desenvolvimento socioemocional infantil (Böing et al., 2010; Parkes et al., 2019; Silva et al., 2012; Stroud et al., 2015). Sugere-se uma grande associação entre o comportamento infantil e as relações conjugais e coparentais, caracterizando-se uma associação bidirecional entre os sistemas (Estlein, et al., 2014; Mosmann et al., 2018; Young, et al., 2017). Nesse sentido, fazem-se necessárias mais pesquisas de modo a possibilitarem-se intervenções de maior efetividade no atendimento às famílias.

## 4. ESTUDO 1: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

### 4.1. Método

#### 4.1.1. Delineamento

Na primeira etapa, foi realizada uma revisão integrativa da literatura. Trata-se de método que proporciona a síntese do conhecimento e sua agregação pela aplicabilidade dos resultados na prática, incluindo a literatura empírica e teórica, bem como estudos com diferentes abordagens metodológicas (Souza et al., 2010).

Esse método tem como finalidade reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um determinado tema de forma ordenada e sistemática, contribuindo para o aprofundamento do assunto pesquisado (Mendes et al., 2008). Dessa forma, foi descrito, nessa etapa, o processo de levantamento bibliográfico abordando a questão de pesquisa, as bases selecionadas, os critérios de inclusão e exclusão e as categorias escolhidas para análise.

#### 4.1.2. Questão de pesquisa

A revisão integrativa da literatura foi conduzida no intuito de responder à seguinte pergunta: “Como a literatura dos últimos cinco anos tem abordado as relações entre conjugalidade, coparentalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil?”.

#### 4.1.3. Bases selecionadas

Para o levantamento dos artigos, foi realizada uma busca nas seguintes bases de dados: BVS-Psi, Oasis e PsycINFO. A plataforma BVS-Psi foi escolhida para compor a base deste estudo por ser referência em informação científica em Psicologia na América Latina e no Caribe. A Oasis, por sua vez, permite o acesso à produção científica desenvolvida em

instituições portuguesas e brasileiras, dentre outros países, reunindo estudos publicados em língua portuguesa. A PsycINFO é desenvolvida e preservada pela American Psychological Association (APA) e é considerada uma das mais importantes bases de dados da área, compilando publicações nacionais e internacionais em Psicologia.

#### 4.1.4. Descritores

A busca pelos artigos foi realizada considerando os seguintes descritores e suas combinações nas línguas portuguesas e inglesas: coparentalidade AND criança; coparentalidade AND “desenvolvimento infantil”; coparentalidade AND “relações conjugais”; “relações conjugais” AND criança; “relações conjugais” AND coparentalidade; “relações conjugais” AND “desenvolvimento infantil”; *coparenting* AND “*child behavior*”; *coparenting* AND “*child adjustment*”; “*marital relations*” AND “*child behavior*”; “*marital relations*” AND *coparenting* e “*marital relations*” AND “*child adjustment*”.

#### 4.1.5. Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos os artigos que atendessem aos seguintes critérios: (a) ser um estudo empírico; (b) abordar as relações entre a conjugalidade, a coparentalidade e o desenvolvimento infantil; (c) ter sido publicado entre 2010 e 2020; e (d) ser redigido no idioma português, inglês ou espanhol. Foram excluídos após leitura completa, os artigos que não eram da área da Psicologia ou que tivessem como foco a experiência de casais separados, casais homossexuais, casais com filhos adotivos, adolescentes e bebês. Foram excluídos também artigos que tratassem de temas específicos, tais como violência familiar, comorbidades físicas e psicológicas, migração, famílias com baixa renda e dificuldade de inclusão social. Esses artigos foram excluídos por apresentarem especificidades que demandariam uma análise minuciosa, fugindo do escopo deste estudo.

#### 4.1.6. Categorias para análise

Para a análise dos artigos selecionados foram consideradas seis categorias: (a) população estudada; (b) método e delineamento do estudo; (c) local de desenvolvimento do estudo; (d) relações entre conjugalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil; (e) relações entre coparentalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil; e (f) relações entre conjugalidade, coparentalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil. Essas categorias foram selecionadas com a finalidade de identificar dados atuais sobre a temática, de forma a permitir a compreensão das relações entre os diferentes subsistemas familiares, fornecendo subsídios para os estudos e intervenções na área de psicologia familiar e para a compreensão de como o tema vem sendo estudado segundo diferentes metodologias e abordagens. As categorias apresentam tanto análises qualitativas como quantitativas.

#### 4.2. Resultados e discussão

Foram recuperados, na busca com os descritores, 15 artigos da base BVS-Psi, 47 da Oasis e 153 da Psycinfo. Desses artigos, foram retirados os duplicados e, a seguir, realizou-se a leitura dos resumos e seleção dos estudos segundo os critérios estabelecidos, permanecendo 64 artigos. Após a leitura completa dos artigos, quatro foram excluídos por não corresponderem a estudos da psicologia, sendo que 60 artigos constituíram a amostra final, como mostra a Figura 1.

## Figura 1

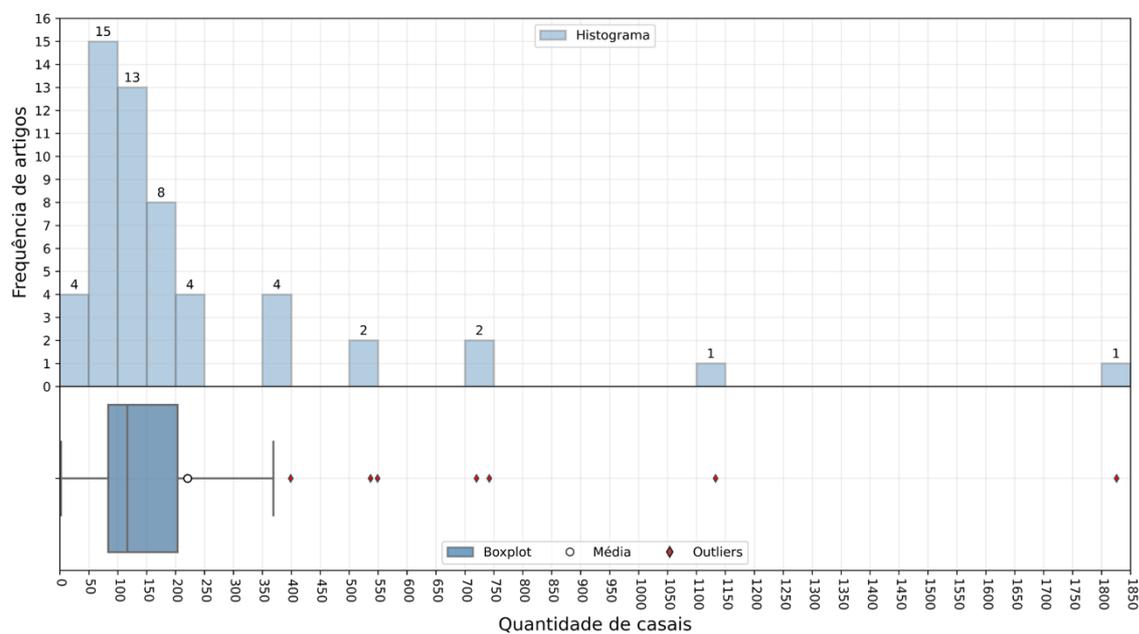
### *Seleção dos artigos para análise*



Fonte: Elaboração da autora.

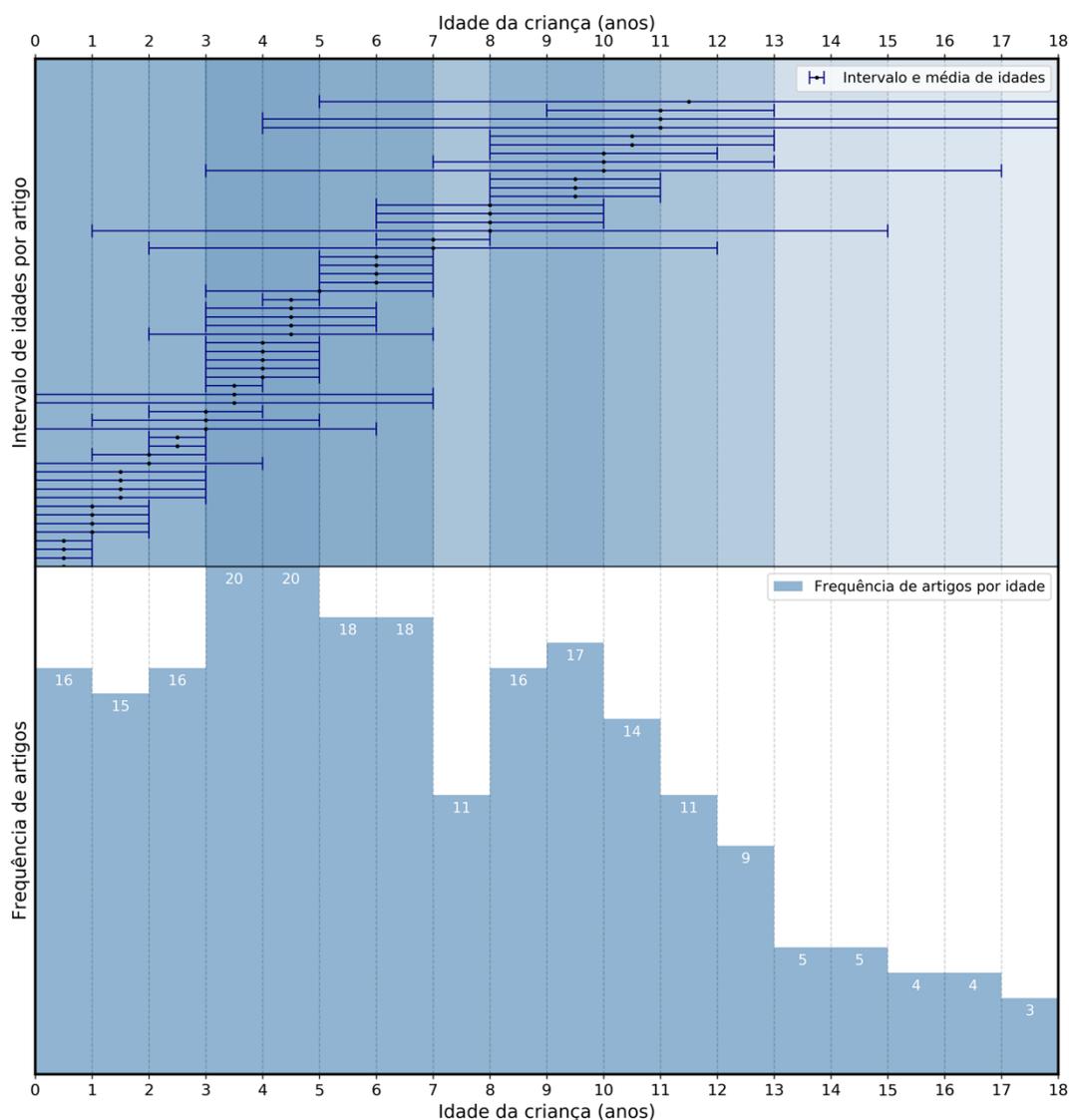
#### 4.2.1. População estudada

A população considerada nos estudos é composta por casais e seus respectivos filhos. Os casais abordados são heterossexuais e possuem diferentes características e nacionalidades, sendo difícil serem qualificados sob um denominador comum. Seis dos artigos selecionados não abrangeram os dois membros do casal, sendo conduzidos com a participação de professores e analisando a interação mãe-filho ou pai-filho. Os demais estudos foram realizados com, em média, 221 casais, como ilustra a Figura 2. Observa-se ainda que o quantitativo de casais varia, majoritariamente, entre 84 e 204 díades, com uma mediana de 117.

**Figura 2***Distribuição dos artigos por quantidade de casais*

Fonte: Elaboração da autora.

Adicionalmente, foi avaliada a faixa etária das crianças abrangidas na amostra. Para isso, foi levantando o intervalo de idades considerado em cada um dos artigos e construído um histograma de frequência de artigos por idade (Figura 3). Pode-se observar uma predominância para os intervalos de 3 a 5 anos (20 artigos) e de 5 a 7 anos (18 artigos). Constatou-se ainda que a média de idade abrangida pelos artigos foi de 6,4 anos, com uma queda abrupta no intervalo de 7 a 8 anos e uma tendência decrescente a partir dos 10 anos. Em 6 artigos não foram encontradas informações relacionadas à idade das crianças.

**Figura 3***Distribuição dos artigos por faixa etária infantil*

Fonte: Elaboração da autora.

Embora a criança seja elemento de interesse na população em questão, observou-se que, em apenas 62% dos artigos, os dados para análise foram obtidos com a participação direta dos filhos. As interações triádicas pai-mãe-filho foram observadas em 28,3% dos artigos. Nos demais casos, os pesquisadores recorreram a métodos como entrevistas com os pais, questionários respondidos por professores e observações de interações diádicas pai-filho e mãe-filho.

A interação triádica permite uma maior compreensão da dinâmica familiar, uma vez que aborda a visão de todos seus integrantes, inclusive a percepção dos filhos, permitindo ainda entender o dinamismo das relações da família. Ainda que a participação de outros informantes, como pais, professores e demais envolvidos, ajude na triangulação de informações, contribuindo para o entendimento da dinâmica familiar, não permite focalizar como a criança é incorporada no sistema e como este a acomoda (Dessen, 1997).

#### 4.2.2. Método e delineamento do estudo

Dos 60 artigos que constituíram a amostra final, 90,0% (54) foram estudos quantitativos; 6,7% (4) estudos qualitativos e 3,3% (2) estudos mistos. Observa-se uma predominância de métodos quantitativos, com a coleta de dados baseada em instrumentos como questionários semiestruturados e escalas. No que diz respeito ao delineamento dos artigos, 38,3% (23) foram longitudinais e 61,7% (37) transversais. As distribuições em questão podem ser observadas na Figura 4.

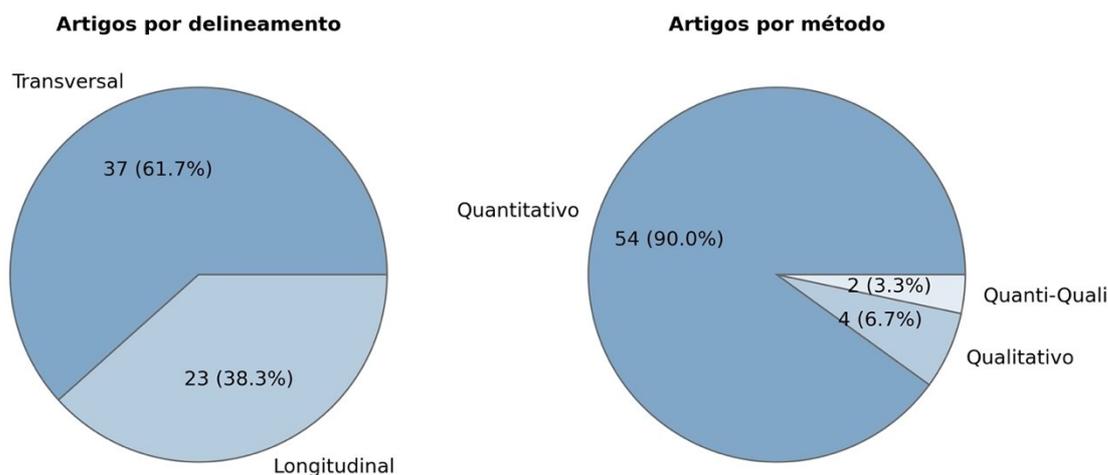
A pesquisa qualitativa permite uma maior compreensão e aprofundamento das relações e do contexto. Já a pesquisa quantitativa utiliza-se da mensuração para compreender os fenômenos, de forma que o majoritário número de estudos quantitativos indica a existência de crescentes informações sobre tendências gerais, e menos dados sobre as particularidades das famílias e seus contextos. (Guther,2006).

Em estudos longitudinais, um mesmo grupo de sujeitos é visto em diferentes momentos. Pesquisas com esse delineamento permitem um maior aprofundamento das dimensões individuais ao longo do tempo e do desenvolvimento dos sujeitos, sendo, portanto, possível acompanhar suas alterações e mudanças. Por outro lado, estudos transversais observam indivíduos diferentes em um mesmo momento. Uma possível justificativa para a predominância de artigos com estudos transversais é o seu menor custo e maior facilidade de

condução, quando comparados a estudos longitudinais, que demandam maior planejamento e investimento financeiro, trazendo ainda riscos associados à perda de participantes ao longo da pesquisa (Marin et al., 2021; Mota, 2010).

#### Figura 4

*Distribuição dos artigos por delineamento e método do estudo*



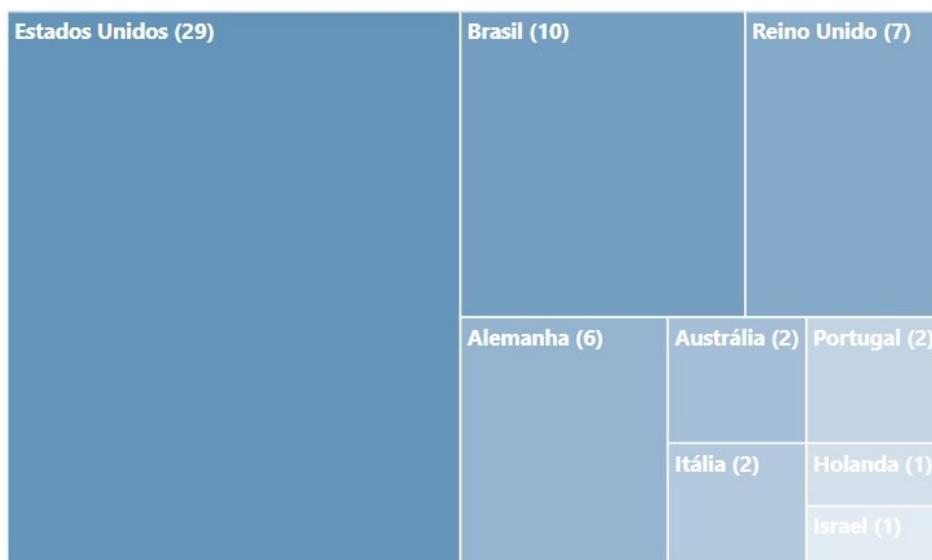
Fonte: Elaboração da autora.

#### 4.2.3. Local de desenvolvimento do estudo

Com relação ao local de realização dos estudos, observa-se, na Figura 5, que os Estados Unidos se destacaram em relação aos demais países, com 48,3% (29) das pesquisas, seguidos pelo Brasil, com 16,7% (10), Reino Unido, com 11,7% (7), Alemanha, com 10,0% (6), e os demais países com duas ou menos pesquisas, somando 13,3% (8). É importante destacar, no entanto, que duas das bases de dados que compuseram a pesquisa (BVS-Psi e Oasis) possuem, predominantemente, artigos na língua portuguesa, explicando o motivo de o Brasil ter ficado em segundo lugar na publicação de artigos, já que, contrariamente aos dados aqui apresentados, estudos sugerem que existem ainda poucas pesquisas nacionais sobre o assunto (Gzybowski et al., 2010; Koprowski et al., 2020; Lamela et al., 2016).

## Figura 5

*Distribuição dos artigos por local de desenvolvimento do estudo*



Fonte: Elaboração da autora.

### 4.2.4. Relações entre conjugalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil

Dos artigos recuperados, quatro abordaram este tópico, sendo dois com estudos quantitativos (Burt et al., 2015; Fantinato & Cia, 2015), um de método misto (Bolsoni-Silva et al., 2010) e um qualitativo (Goulart et al., 2013). Os estudos averiguam diferentes variáveis da relação do casal e o seu impacto no comportamento infantil.

Fatinato et al. (2015) apontam que, quanto mais satisfatório o relacionamento entre o casal, melhor sua interação com os filhos, havendo uma relação direta entre o reconhecimento de características positivas na conjugalidade e melhores práticas sociais educativas entre pais e filhos. A expressão de sentimentos entre os cônjuges contribui para o desenvolvimento das habilidades sociais infantis, já que a relação dos pais é modelo para as relações das crianças com seus pares (Fatinato et al., 2015).

Bolsoni-Silva et al. (2010), em seu estudo, compararam relatos de dois grupos de mães e pais de crianças que apresentavam ou não problemas de comportamento, bem como sua relação com a conjugalidade. Os autores verificaram, em ambos os grupos avaliados, que características relacionadas à comunicação conjugal (escuta do parceiro, discussão sobre assuntos da relação e verbalização quanto à divisão de tarefas) são percebidas com a mesma intensidade, ressaltando não terem encontrado uma associação entre a satisfação conjugal e os problemas de comportamento infantil. Esse apontamento pode ser justificado pelo fato de o relacionamento conjugal ser apenas uma das variáveis que predizem os problemas do comportamento infantil, e por nem todas serem controladas no estudo, embora algumas pesquisas apontem a insatisfação conjugal dos pais como contribuinte para os comportamentos de externalização dos filhos. (Hanetz Gamliel et al., 2018)

Segundo Van Eldik et al. (2017), o relacionamento conjugal e o comportamento das crianças estão inter-relacionados, de modo que altos níveis de estresse conjugal durante a meia-infância dos filhos interferem em seus sentimentos de competência no início da adolescência. Isso implica que o relacionamento conjugal fornece um contexto importante para as percepções dos pais sobre sua própria capacidade de influenciar os filhos, e que os sentimentos do sistema conjugal podem transbordar para os pais individualmente, estando relacionados aos seus níveis de estresse.

Goulart et al. (2013), em estudo que objetivou compreender a perspectiva dos filhos sobre o conflito conjugal em grupos de estudantes de 8 a 9 e 12 a 13 anos que coabitavam com os pais, perceberam que os filhos consideram como conflito as brigas e discussões entre os pais, que poderiam chegar à agressão física e possível separação. Os conflitos parecem ser recorrentes e estarem relacionados aos mais diversos assuntos, sendo apontados pelas crianças temas relacionados à vida familiar. Durante as discussões, as crianças se atentam mais ao tom negativo das interações dos pais e sinalizam que os conflitos despertam sentimentos como

tristeza, isolamento, medo e apreensão pela separação. Por outro lado, foram mencionadas também as repercussões positivas do conflito, que ocorrem quando os pais conseguem manejar as brigas de maneira construtiva. Assim, as crianças compreendem o conflito conjugal de forma mais aguçada do que seus progenitores, sendo capazes de caracterizar as brigas de acordo com diferentes aspectos, como temática, frequência, expressão e resolução (Goulart et al., 2013).

A dinâmica familiar mostrou-se relacionada aos problemas de comportamento infantis categorizados como internalizantes e externalizantes. Os comportamentos internalizantes são caracterizados pelo retraimento e pela ansiedade, preocupação, insegurança, timidez e manifestação psicossomática, sendo mais restritos ao mundo interno da criança. Já os externalizantes são caracterizados por agressividade, agitação, desrespeito às regras e hostilidades nas relações. Por serem mais dissonantes em relação aos comportamentos aceitos socialmente, são vistos com mais facilidade (Leusin, 2017).

Os estudos descrevem a conjugalidade como sendo uma das variáveis preditoras do desenvolvimento infantil, sendo também apontadas dimensões da relação entre os cônjuges que podem influenciar na qualidade do relacionamento com os filhos, tais como: a satisfação/insatisfação entre a díade; sua comunicação, e seus conflitos e estresses conjugais. Também foi assinalada que a percepção dos filhos sobre as temáticas dos conflitos, a frequência em que estes ocorrem, a expressões dos pais nas ocasiões, bem como o seu manejo, podem contribuir na manifestação dos problemas internalizantes/externalizantes das crianças.

#### 4.2.5. Relações entre coparentalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil

Dos artigos recuperados, 29 abordaram a relação coparental e sua inter-relação com os filhos. Desses artigos dois foram qualitativos (Augustin & Frizzo, 2015; Moraes, 2013), 26 quantitativos (Adler-Baeder et al., 2018; Blandon et al., 2014; Camisasca et al., 2015; Darks et

al., 2020; Dollberg et al., 2021; Feinberg et al., 2014; Feinberg et al., 2018; Jones et al., 2018; Karreman et al., 2010; Kwon et al., 2013; Kolak, 2013; Kuo et al., 2017; Lamela et al., 2013; Lathan et al., 2018; McDaniel et al., 2017; Murphy et al., 2016; Parkes et al., 2019; Pedro et al., 2015; Pires et al., 2019; Scrimgeour et al., 2013; Song et al., 2015; Szabó, et al., 2012; Taylor et al., 2012; Tissot et al., 2019; Zemp et al., 2017) e um artigo foi quanti-quali (Boing et al., 2016).

A coparentalidade é descrita como um subsistema executivo central na família, sendo considerada a ponte que estabelece a ligação entre os subsistemas conjugais e coparentais (Dollberg et al., 2021). A coparentalidade possui uma estrutura multidimensional. Embora suas dimensões devam ser avaliadas separadamente, há uma correlação entre elas. Os artigos levantam algumas das dimensões da coparentalidade e sua relação com os filhos e, no intuito das temáticas serem melhor apresentadas e abordadas, realizam subdivisões de acordo com os temas mais discutidos na literatura.

#### *4.2.5.1. Interação dos pais e sua influência nos filhos*

A comunicação e o trabalho em equipe entre os pais facilitam acordos, auxiliam a resolução de conflitos, previnem o estresse na relação e fornecem consistência para o ajustamento emocional das crianças (Camisasca et al., 2015). A coparentalidade cooperativa apresenta efeito protetor no funcionamento infantil, de modo que crianças que estão na primeira infância e têm pais que mantêm atitudes corresponsáveis apresentam maior frequência de comportamentos pró-sociais, além de demonstrarem menos problemas de externalização na meia-infância (Scrimgeour et al., 2013; Parkes et al., 2019).

Estlein et al. (2014), em estudo que tinha por objetivo verificar as semelhanças e diferenças nos estilos parentais dos cônjuges e sua associação com a satisfação conjugal, constataram haver uma tendência à similaridade no comportamento dos casais, em especial aos que estavam satisfeitos com a relação conjugal. Isso pode ser explicado em decorrência da

coesão existente e da influência mútua entre os cônjuges. Pode-se conceituar como coesão a percepção de apoio oferecida pelo outro e sua percepção de proximidade. (Rio-González, 2005).

Augustin et al. (2015) buscaram compreender as mudanças no exercício da coparentalidade durante os estágios do desenvolvimento infantil. Com esse intuito, fizeram um estudo em que identificaram uma relação positiva entre as experiências de coparentalidade de pais e mães, de forma que, quando um cônjuge respeita e apoia o outro, é provável que receba a atitude recíproca.

De maneira oposta, Murphy et al. (2017) dizem que a coparentalidade competitiva, caracterizada por ataques de uma figura parental à atuação parental da outra na frente da criança, pode ser identificada como um preditor de sintomas de externalização nos filhos, podendo prejudicar o seu desenvolvimento socioemocional. Conforme os autores, o envolvimento das crianças em interações coparentais competitivas pode contribuir para prejuízos na regulação emocional dos filhos, não fornecendo à criança diretrizes claras para um comportamento socialmente aceitável, e encorajando o desenvolvimento de sintomas de externalização.

Blandon et al. (2014) realizaram um estudo de observação triádica das interações, para avaliarem os comportamentos coparentais entre os pais e as crianças. Perceberam que os membros da díade coparental alteram a forma como lidam com o outro de acordo com as situações, de modo que os comportamentos competitivos coparentais se apresentaram diretamente ligados ao contexto familiar, e que, quanto mais os pais se centravam na criança, deixando-a conduzir a relação, menor era a sua interação competitiva. A explicação para esse fenômeno segundo os autores é que, ao estarem mais envolvidos na interação familiar, os pais, teriam menos oportunidades de expressar sua coparentalidade competitiva.

A ansiedade presente nos pais pode transbordar para o subsistema coparental, interferindo direta ou indiretamente na adaptação das crianças. Essa ansiedade é associada a um enfraquecimento da coparentalidade, já que os pais relatam menos apoio, menos proximidade e mais competição na relação de coparentalidade, o que, por sua vez, está relacionado a maiores frequências de comportamentos de externalização e internalização da criança (Dollberg et al., 2020).

Esses resultados foram corroborados por estudo realizado por Hanetz Gamiel et al. (2018), que constataram que existem múltiplas relações entre os subsistemas familiares, que contribuem para o ajustamento e o bem-estar socioemocional das crianças. Identificaram riscos diretos e indiretos de que a ansiedade dos pais, associada aos comportamentos de externalização e internalização dos filhos, pode influenciar o ajustamento das crianças pequenas.

Crianças com um temperamento difícil e que vivem em famílias com um bom funcionamento possuem menor probabilidade de terem problemas de externalização do que crianças com um temperamento difícil vivendo em famílias disfuncionais. Segundo estudo conduzido por Karreman et al. (2010), as famílias ditas disfuncionais são aquelas que usam de controle negativo (agressão, mensagens negativas, exposição aos problemas parentais). Para crianças ditas impulsivas, o controle parental positivo pode promover benefícios como a autorregulação e a conformidade. Os resultados sugeriram que as crianças precisam de pais que estruturam seus ambientes, que estabeleçam limites claros e que sejam sensíveis (Karreman et al., 2010).

Boing et al. (2016) se dedicaram a estudar como as características e a dinâmica do relacionamento pais-filhos influencia a relação coparental. As autoras identificaram que o estilo parental permissivo, também nomeado como falta de firmeza, correlacionou-se ao estilo autoritário. Quanto mais os pais referiram falta de firmeza em si ou no parceiro, mais eles

utilizaram de castigos físicos, hostilidade verbal e, especialmente, estratégia punitivas com a criança.

#### 4.2.5.2. Coparentalidade em casais em diferentes estágios do ciclo vital

Feinberg et al. (2018) estudaram o efeito da intervenção preventiva para casais que esperavam seu primeiro filho. Esse programa foi nomeado de *Family Foundations* e consistiu em três aulas antes do nascimento e quatro após o nascimento, com foco na resolução de conflitos coparentais, comunicação e estratégias de apoio mútuo. O estudo comprovou que considerar a saúde mental dos pais e as relações de coparentalidade em um único modelo pode ajudar a iluminar os processos pelos quais as intervenções preventivas reduzem os problemas de adaptação da criança. Os resultados ainda sugerem não existir um caminho comum único pelo qual os fatores familiares influenciam os filhos, mas o estudo demonstra que a coparentalidade e o ajuste dos pais têm influências paralelas nas crianças, ao lado da própria parentalidade.

Em estudos sobre a coparentalidade em casais pais de um segundo filho, foi constatada a diminuição da cooperação coparental e o aumento do conflito entre os cônjuges. Szabó et al. (2012), em seu estudo, verificaram que, apesar das mudanças inevitáveis devido à chegada de um segundo filho, casais relataram não existir grandes diferenças no apoio coparental de seus parceiros após o nascimento do secundogênito. Alguns casais ainda relataram uma melhor relação coparental com os parceiros após o nascimento do segundo filho, devido ao envolvimento diferencial dos pais, já que as mães cuidavam mais do bebê e os pais tendiam a se envolver mais nos cuidados com o primogênito.

O nascimento do segundo filho acarreta mudança em todo o sistema familiar, inclusive para o primeiro filho que, muitas vezes, diante da dedicação dos pais ao recém-nascido, pode apresentar alterações em seu comportamento. O apoio coparental entre os pais ajuda as crianças

a se adaptarem a situações novas e potencialmente estressantes, como o nascimento de um irmão (Kolak et al., 2013).

Foram identificadas, nos artigos, dimensões presentes no relacionamento coparental que podem impactar a dinâmica da família e a relação entre pais e filhos, sendo assinalados o ciclo de vida familiar, a comunicação e o trabalho em equipe, a coparentalidade cooperativa, os estilos parentais, o apoio coparental, a coparentalidade competitiva e a ansiedade da relação coparental. Os estudos apontam as práticas coparentais como o principal aspecto que interfere no desenvolvimento infantil. Mosmann et al. (2018) ressalta que o comportamento dos filhos sofre reverberações não somente das relações entre pais e filhos, mas também da relação coparental, quando os cônjuges apresentam dificuldade em dar suporte para o parceiro e transmitem aos filhos práticas educativas contraditórias.

#### 4.2.6. Relações entre conjugalidade, coparentalidade, relacionamento com os filhos e desenvolvimento infantil

Dos artigos recuperados, 27 abordaram a temática coparentalidade, conjugalidade e desenvolvimento infantil, sendo um deles qualitativo (Bolze et al., 2017) e 26 quantitativos (Camisasca et al., 2018; Christopher et al., 2015; Doss et al., 2020; Estlein, 2014; Feinberg et al., 2010; Gallegos et al., 2017; Han et al., 2017; Hindman et al., 2013; Holland et al., 2013; Jessee et al., 2018; Latham et al., 2017; LeRoy et al., 2013; Merrifield et al., 2013; Mosmann, et al., 2017; Mosmann et al., 2018; Murphy et al., 2017; Schoppe-Sullivan, 2013; Schrodtt et al., 2019; Sears et al., 2016; Shigeto et al., 2014; Stroud et al., 2015; Van Eldik et al., 2017; Young et al., 2017; Zemp et al., 2018).

A qualidade da relação coparental é um importante indicador da associação entre o relacionamento conjugal e a adaptação dos filhos, sendo a dimensão mais abordada nos artigos da presente revisão. Casais que apresentam uma relação conjugal mais empática conseguem

cooperar mais um com o outro como pais, o que contribui para minimizar o transbordamento das dificuldades conjugais (Camisasca et al., 2018). Quando os pais cooperam uns com os outros e se comunicam de forma a se apoiar e trabalhar juntos no cuidado com seus filhos, é provável que tais esforços aproximem os dois parceiros e os levem a manter um relacionamento mais satisfatório, o que repercute no desenvolvimento da segurança emocional nos filhos (Schrodt et al., 2019).

O apego seguro é vivenciado por casais capazes de funcionar de forma adaptativa em seus relacionamentos conjugais. A segurança do apego promove relacionamentos familiares mais coesos e harmoniosos, enquanto o apego inseguro está negativamente associado a crenças sobre si mesmo e os outros, dificultando, assim, a capacidade de trabalhar em equipe e retribuir apoio e suporte (Young et al., 2017). Crianças expostas a problemas conjugais e hostilidade correm um risco de desenvolver dificuldades sociais, emocionais e comportamentais. A exposição dos filhos ao conflito conjugal tem um impacto negativo no sistema de apego da criança, podendo afetar a sua confiança na capacidade dos pais de protegê-la e confortá-la. Crianças que possuem pais com ajuste conjugal positivo e que desenvolvem vínculos seguros de apego com seus pais têm menor probabilidade de apresentar sintomas emocionais e comportamentais de angústia (Hindman et al., 2013)

Com base na teoria sistêmica, é possível ainda explicar que a forma na qual os cônjuges se relacionam entre si e com seus filhos pode ser influenciada por fatores comuns, desenvolvidos a partir das relações vivenciadas na família de origem. Além do estilo de apego dos pais, mencionado no estudo anterior, temos a diferenciação do *self* dos membros do casal, que é a capacidade de distinguir o funcionamento emocional do intelectual, bem como de ver a si mesmo como alguém autônomo em relação às pessoas com quem convive. Pessoas que apresentam um menor nível de diferenciação do *self* estão mais propensas a serem dominadas pelas suas emoções, o que favorece atitudes mais reativas e maior dependência emocional

(Bowen, 1976). Assim, pessoas com um baixo nível de diferenciação tenderiam a agir de forma mais reativa tanto em seus relacionamentos conjugais, como nos parentais e nos coparentais, pois esse foi o modelo que aprenderam em suas experiências com as famílias de origem.

Os relacionamentos caracterizados por um baixo nível de diferenciação também são mais propícios ao surgimento de triangulações, ou seja, processos em que um terceiro - no caso, os filhos - é inserido no conflito da díade com a finalidade de aliviar as tensões e estabilizar a relação existente (Kerr et al., 1988). Portanto, casais em que os cônjuges apresentam baixos níveis de diferenciação tendem a se mostrar mais vulneráveis ao transbordamento entre conjugalidade e coparentalidade, e vice-versa.

A competição parental foi apontada por Mosmann et al. (2018) como o principal fator da relação da díade coparental a reverberar no comportamento dos filhos. A ausência de negociações acerca da responsabilidade partilhada entre os cônjuges e as necessidades dos filhos tendem a provocar impacto negativo no comportamento destes.

A literatura sugere que é possível haver uma relação inversa entre a qualidade da relação conjugal e a relação entre pais e filhos. De acordo com essa perspectiva, um relacionamento ruim em um desses subsistemas pode contribuir para um esforço de melhorar o relacionamento no outro (Silva, 2012). Assim, as associações entre os conflitos coparentais e os comportamentos parentais podem se dar de forma compensatória, de modo que um dos pais, consciente ou inconscientemente, pode se esforçar para contrabalancear o afeto negativo que surge no relacionamento do casal e investir mais na relação com os filhos, o que, por sua vez, pode estar ligado a menos problemas de comportamento nas crianças (Zemp et al., 2018). Christopher et al. (2015) assinalam que as mulheres, quando vivenciam conflitos conjugais intensos, possuem uma maior tendência de buscar uma compensação na relação com os filhos. Na mesma direção, Merrifield et al. (2013), em seu estudo, perceberam que, quando as mães ficam menos satisfeitas com a relação conjugal, os pais se esforçam mais no relacionamento

pai-filho de forma a compensar as dificuldades relacionais vivenciadas no casal. Em contraste, quando as mães experimentam mais satisfação conjugal, os pais investem menos energia na paternidade, existindo, assim, uma conexão entre os subsistemas conjugal e coparental que resulta em uma compensação para amortecer os impactos da baixa qualidade da relação em um dos subsistemas.

#### *4.2.6.1. Questões de gênero na vivência da conjugalidade e da coparentalidade*

Casais em que ambos os cônjuges tendem a apresentar um compromisso firme com o envolvimento compartilhado na criação dos filhos, apresentando crenças de gênero mais igualitárias, possuem mais facilidade para negociar conflitos do que casais com papéis de gênero mais tradicionais, em que a mãe possui a responsabilidade de cuidadora e o pai de provedor (Kuo et al., 2017). Kwon et al. (2013) constataram haver um processo diferente envolvido para mães e pais nas ligações entre qualidade da coparentalidade e as competências socioemocionais das crianças, já que não foi encontrada nenhuma relação entre a coparentalidade nos pais e o comportamento socioemocional infantil. Isso pode ser explicado pelo fato de os homens apresentarem mais dificuldade para diferenciar seus papéis parentais e conjugais do que as mulheres. Como consequência, muitas vezes, ficam envolvidos ou desengajados na relação com os filhos e com a esposa. Além disso, os pais podem precisar do apoio das mães para determinar claramente seu papel parental, porque os homens são normalmente menos socializados para serem cuidadores do que as mulheres (Taylor et al., 2012).

Jessee et al. (2018) realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar a capacidade individual dos membros do casal de compreender seus comportamentos observáveis em suas relações conjugais e coparentais. A habilidade da esposa de compreender a perspectiva do marido, antecipando suas possíveis respostas e entendendo o motivo de ele se comportar de uma maneira específica, contribui para uma menor frequência de conflitos e para interações

mais positivas (coparentalidade cooperativa e melhor interação entre o casal). Não foram encontradas associações dessas habilidades nos maridos. Os autores explicam que isso pode ter ocorrido porque as mães geralmente assumem o papel de cuidadora principal, e os pais podem seguir o exemplo da mãe em questões parentais. As mulheres foram, assim, descritas como as “arquitetas de relacionamentos coparentais”, de forma que suas características são consideradas mais influentes nas interações familiares.

Boing et al. (2016) assinalaram que o engajamento do homem na relação pai-filhos tende a aumentar de acordo com a qualidade do relacionamento com a companheira, não acontecendo o mesmo com as mulheres. A firmeza paterna é relacionada pela mulher à satisfação com a divisão do trabalho coparental. Quanto mais firmeza a mãe refere no estilo do esposo, mais satisfeita com a divisão do trabalho coparental ela se mostra; e, quanto mais ela se diz satisfeita com a divisão do trabalho, menos ela refere o uso de estratégias punitivas - por ambos - com a criança (Boing et al., 2016).

Corroborando essa ideia, Schoppe-Sullivan et al. (2013), em seus estudos, observaram que quando as mulheres endossaram crenças positivas sobre o papel dos pais antes do nascimento dos filhos, estes apresentavam uma melhor coparentalidade de apoio. Isso ocorria quando a interação conjugal do casal antes do nascimento da criança era caracterizada, pelos cônjuges, como não sendo positiva.

Zemp et al. (2017) constataram que as mães vivenciam menos conflito coparental a longo prazo quando percebem que o casal consegue lidar com os estressores diários, e que apenas a sua autopercepção sobre a relação pode levá-las a cooperar mais com os seus parceiros. Os autores dizem que uma possível explicação para esses dados é que as mulheres tendem a proceder de maneira mais sensível aos indicadores de qualidade do relacionamento conjugal, tentando, quando necessário, manejar o conflito e se conectar novamente ao parceiro.

#### *4.2.6.2. Relações com o desenvolvimento infantil*

Uma das formas de sensibilizar os casais a entrarem em contato com seus conflitos é por meio dos sintomas dos filhos, que denunciam a dinâmica familiar. Esses sintomas auxiliam na busca de ajuda e na melhor compreensão da dinâmica conjugal e familiar. (Mosmann et al., 2018).

Existe uma semelhança na forma de os genitores perceberem os sintomas internalizantes e externalizantes presentes nos filhos, não sendo apontada diferença, entre crianças do sexo feminino e masculino, quanto ao tipo de sintoma (Mosmann et al., 2017). Os autores apontaram baixa adaptabilidade conjugal e baixa aprovação coparental como preditoras de sintomas internalizantes. Esses resultados demonstram que a dificuldade do casal de flexibilizar o papel que cada um desempenha, as regras e as relações de poder presentes nas mudanças do ciclo de vida e a sensibilidade das crianças quanto às questões do casal reverberam na saúde mental dos filhos. Os problemas de comportamentos externalizantes foram preditos pelas variáveis competição coparental, prática parental de intrusividade, aprovação coparental, prática parental de supervisão do comportamento e exposição dos filhos ao conflito coparental.

#### *4.2.7. Síntese*

Observa-se uma interligação dos subsistemas conjugal e coparental, os quais parecem se influenciar de forma circular. São múltiplos fatores que podem influenciar a dinâmica da família: a forma como o casal conduz sua relação conjugal e coparental, a percepção das crianças sobre esses subsistemas, a influência das crianças na relação coparental e conjugal e a maneira da família em lidar com essas flutuações. Os estudos apresentados destacaram não apenas a importância das relações entre os subsistemas conjugal e coparental, mas também a influência dos subsistemas individuais, especialmente no que se refere às repercussões da saúde

mental, das crenças sobre as relações parentais e coparentais dos cônjuges e a influência da família de origem (Jessee et al., 2018; Zemp et al., 2017)

Verificou-se também, quanto à faixa etária infantil, um foco predominante de estudos na pré-infância, com lacuna na literatura em pesquisas com crianças na meia-infância. Uma hipótese que se pode levantar para esse dado é que mudanças mais significativas, tanto na vida dos cônjuges como na das crianças, ocorrem durante a pré-infância, a exemplo do ingresso na escola, o que motiva uma maior investigação dessa faixa etária.

A questão de gênero foi muito presente nos achados, o que, em parte, pode ser explicado pelo maior direcionamento dos instrumentos de pesquisa ao público feminino. Inobstante o aumento dos estudos nacionais sobre o assunto, a literatura ainda carece de mais pesquisas sob uma perspectiva familiar sistêmica. Ademais, alguns estudos não apresentaram uma crítica em seus achados sobre o papel de gênero, o que acaba por contribuir para a “romantização” da função de cuidado atribuído às mulheres (Jessee et al., 2018).

Os estudos presentes na revisão da literatura contribuíram por ressaltarem variáveis presentes na relação conjugal e coparental que podem influenciar a dinâmica com os filhos, demonstrando existir uma influência mútua entre os subsistemas. Apesar de as pesquisas abordarem a relação entre pais e filhos, poucas avaliaram a dinâmica triádica na interação familiar, sendo que a maioria dos estudos não inseriram a criança na pesquisa. Foram ainda encontrados trabalhos com foco em aspectos específicos de um dos subsistemas (conjugal, coparental ou comportamento infantil), deixando de contribuir para a avaliação multidimensional de suas interações.

## 5. ESTUDO 2: ESTUDO DE CASO COLETIVO

### 5.1. Método

#### 5.1.1. Delineamento

O estudo de caso se constitui em uma pesquisa empírica que tem por objetivo o aprofundamento em fenômenos complexos, podendo se basear tanto em um caso único como em um coletivo de casos (Stake, 1995). Para este trabalho, foi escolhido o estudo de caso coletivo.

#### 5.1.2. Questão de pesquisa

Este estudo foi norteado pela seguinte questão: “Quais as narrativas dos pais sobre sua conjugalidade, sua coparentalidade, seu relacionamento com os filhos e a interação desses subsistemas?”.

#### 5.1.3. Procedimentos

A divulgação da pesquisa foi realizada por meio das redes sociais, sendo escolhidos os primeiros casais que demonstraram interesse em participar e que corresponderam aos critérios de inclusão/exclusão.

Após demonstrarem interesse em participar da pesquisa, os participantes compostos por casais intactos pais de crianças de seis a onze anos, preencheram uma ficha no *Google Forms*, que solicitava alguns dados pessoais, como nome, e-mail, telefone de contato, e informações relacionadas aos critérios de inclusão/exclusão. Após o preenchimento da ficha, foi realizado o contato telefônico com os participantes, com o objetivo de esclarecer sobre a pesquisa e agendar o encontro online. Anteriormente à marcação, foi disponibilizado o Termo de

Consentimento Livre Esclarecido (TCLE; Anexo A) aos participantes para assinatura eletrônica pela plataforma *DocuSign*. Foi informado aos participantes que eles poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento, por exemplo em caso de desconforto emocional, e que poderiam ser acolhidos por uma profissional da área, caso necessário.

Após o preenchimento do TCLE, foram marcados encontros síncronos com os casais, em horários previamente acordados, sendo utilizados, para isso, os aplicativos de comunicação mais convenientes aos entrevistados. Foi realizado um encontro de entrevista conjunta com ambos os cônjuges, que tinha por objetivo a compreensão das suas perspectivas sobre questões ligadas às relações entre conjugalidade, coparentalidade e desenvolvimento dos filhos. Esse material foi transcrito e revisado pela pesquisadora e por auxiliares de pesquisa, que eram alunos de graduação em Psicologia, tomando os devidos cuidados éticos.

#### 5.1.4. Participantes

Participaram deste estudo três casais que tivessem filhos entre os 6 e 11 anos. Para isso, foram inicialmente selecionadas as seis primeiros casais que demonstraram interesse e que atenderam aos seguintes critérios de inclusão/exclusão da pesquisa:

– *Critérios de inclusão*: Casais heterossexuais, casados, pais biológicos de crianças entre seis e 11 anos de idade, e que aceitaram participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

– *Critérios de exclusão*: Pais de crianças com comprometimento cognitivos e mentais.

Dos seis casais entrevistados que compuseram a amostra inicial, três casais foram então selecionados para integrar o presente estudo. Essa seleção se baseou no critério de heterogeneidade de Patton (2002), que considera a variedade dos casos. Os casais foram selecionados de forma a apresentarem contextos sociais e econômicos diversos, com o objetivo de permitir a compreensão das principais questões relacionadas ao tema.

#### 5.1.5. Instrumentos

Foram utilizadas a *Entrevista de Dados Sociodemográficos* e a *Entrevista Semiestruturada com o Casal*. Esses instrumentos foram adaptados a partir daqueles desenvolvidos pelo Núcleo de Infância e Família da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NUDIF, 1998). A Entrevista de Dados Sociodemográficos (Anexo B) enfocou questões como a situação conjugal, o tempo de união, a escolaridade, a ocupação, a residência, a etnia e as informações para contato do casal. A Entrevista Semiestruturada com o Casal teve por objetivo investigar a percepção do casal sobre a sua relação conjugal, coparental e as questões relacionadas aos filhos (Anexo C).

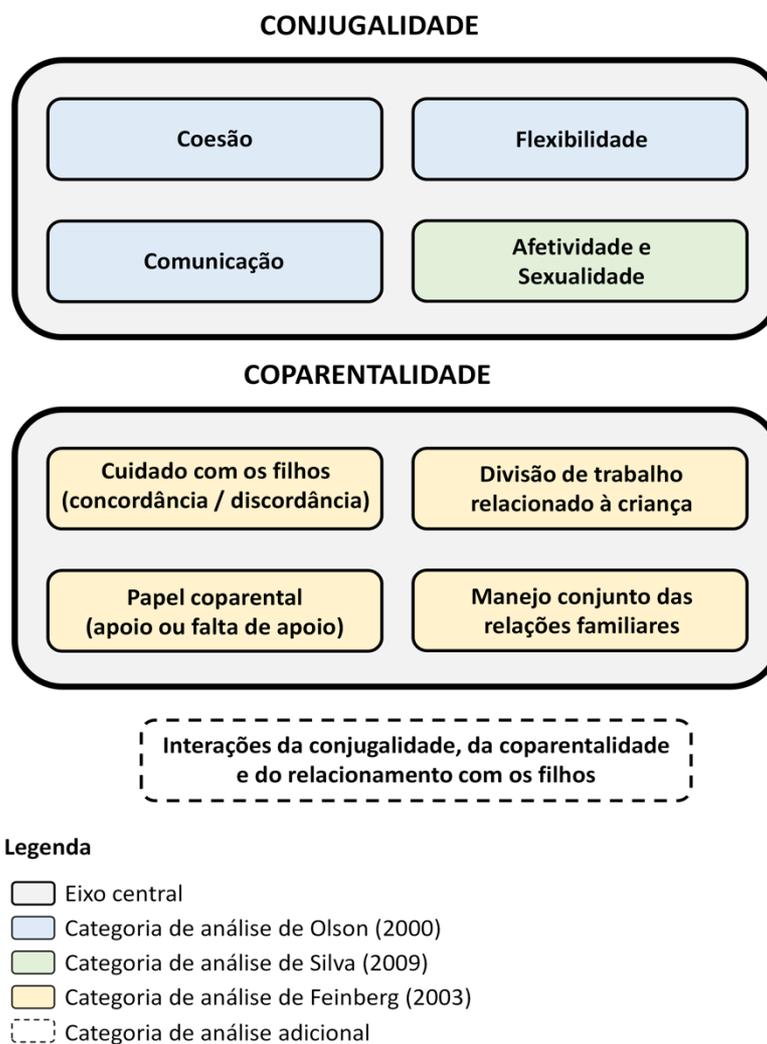
#### 5.1.6. Análise dos dados

A análise dos dados coletados nas entrevistas foi realizada com base na análise qualitativa de conteúdo, com categorias definidas *a priori* e *a posteriori*, tal como proposta por Laville e Dione (1999). Para tanto, foram adotadas as seguintes etapas de preparação, estruturação e posterior análise dos dados:

- a. Inicialmente o material foi transcrito e as entrevistas foram lidas em sua íntegra de forma cuidadosa;
- b. As categorias que compuseram a análise foram selecionadas, *a priori*, por meio de dados da literatura, sendo definidos dois eixos centrais: a *Conjugalidade*, e a *Coparentalidade*. Esses eixos foram, então, subdivididos em categorias de análise, de modo que a conjugalidade foi composta pela *Coesão*, *Flexibilidade* e *Comunicação* (Olson, 2000) e pela *Sexualidade/Afetividade* (Silva, 2009), ao passo que a coparentalidade foi segmentada em *Concordância/Discordância quanto aos aspectos relativos ao cuidado com os filhos*, *Divisão de trabalho relacionado à criança*, *Apoio*

*(ou falta de apoio) ao papel coparental e Manejo conjunto das relações familiares* (Feinberg, 2003).

- c. Posteriormente, foi ainda acrescentada nova categoria de análise para abarcar conteúdos suscitados nas entrevistas e que não estavam sendo contemplados pelas categorias pré-definidas. Dessa forma, foi criada, à parte dos dois eixos mencionados, a categoria *Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos*, como ilustra a Figura 6;
- d. Os dados das entrevistas foram separados em suas categorias e preparados para análise. Essa etapa aconteceu por meio do emparelhamento dos dados, ou seja, compararam-se os dados coletados com a teoria já existente sobre o assunto;
- e. Construção e reconstrução dos sentidos dos discursos estudados e conclusão do trabalho.

**Figura 6***Categorias de análise dos dados*

Fonte: Elaboração da autora.

A apresentação dos resultados e sua discussão contou, primeiramente, com uma descrição sucinta das famílias entrevistadas, seguida dos resultados observados em cada eixo e categoria de análise selecionada. Dessa forma, faz-se necessário compreender melhor os aspectos abordados na análise.

**Descrição da família:** Retrata fatos da história do casal, de como se conheceram, o início do relacionamento e como foi tomada a decisão de se casarem e terem filhos.

**Conjugalidade:** Retrata fatos da relação conjugal durante os períodos que compreenderam o início da relação, o seu desenrolar e a mudança da relação após a parentalidade. Foram utilizadas as seguintes subcategorias para compreender esse fenômeno: coesão; comunicação; afetividade/sexualidade e flexibilidade.

– *Coesão:* De acordo com Olson (2000), pode-se compreender como coesão a ligação emocional existente entre a família e seus membros e sua conseqüente habilidade de equilibrar os movimentos de afastamento e aproximação. Segundo o autor, algumas variáveis podem ser utilizadas para verificar a existência da coesão nas relações, tais como as fronteiras, a tomada de decisões, os interesses e o entretenimento.

– *Afetividade / Sexualidade:* Miller et al. (1980) associam essa dimensão à sexualidade vivida pelo casal, à manifestação de afeto e a símbolos denominados pelo próprio casal como expressão de afeição.

– *Flexibilidade:* É considerada como flexibilidade a capacidade da família de lidar com alterações das lideranças, mudanças de papéis e regras nos relacionamentos, ou seja, a sua capacidade de equilibrar estabilidade e mudança. (Olson,2000). Para o autor, uma relação denominada como flexível apresenta liderança igualitária e democrática, havendo fluidez nas regras e compartilhamento de funções.

– *Comunicação:* Segundo Olson (2000), a comunicação é definida como a habilidade dos membros da família de se escutarem, e de interagirem por meio da comunicação de forma a solucionar problemas, compartilhar sentimentos e ouvir o outro com atenção. Snyder et al. (2006) apontam dois temas centrais nos estilos de comunicação: (a) a capacidade do indivíduo de se relacionar de forma positiva e (b) construtiva e a resolução de conflitos.

**Coparentalidade:** Compreende relação coparental do casal a partir do modelo apresentado por Feinberg (2003), que propõe integrar os principais componentes da relação coparental.

– *Concordância ou discordância quanto a aspectos relativos ao cuidado e educação das crianças*: Refere-se de acordo com Feinberg (2003), ao grau de concordância entre as figuras parentais sobre assuntos relacionados à criança, tais como: valores morais, expectativas quanto ao comportamento, necessidades emocionais, questões de educação, segurança e relação com as pessoas. Segundo Feinberg, esse componente é visto como único, de forma que a concordância e a discordância são extremidades opostas de um sistema bipolar. O desacordo sobre a criação dos filhos não conduz a resultados negativos ao sistema familiar. Os casais que acordam em discordar um do outro podem conseguir manter o apoio coparental mútuo, negociar as discordâncias e se comprometer com a gestão familiar. Todavia, quando a discordância é crônica e quando os cônjuges não conseguem manejá-las de forma a encontrar soluções, pode ocorrer enfraquecimento da coparentalidade, dificultando as estratégias de cuidado com os filhos, promovendo a falta de apoio mútuo, bem como conflitos e críticas interparentais.

– *Divisão de trabalho relacionada à criança*: De acordo com Feinberg (2003), a divisão do trabalho envolve o compartilhamento das responsabilidades referentes à rotina da criança, tais como tarefas domésticas, cuidados com a saúde e cuidados financeiros e emocionais. A divisão do trabalho demanda do par coparental uma avaliação acerca da satisfação em relação à negociação e à distribuição de tarefas, podendo ou não atender suas expectativas e crenças. Um aspecto importante a ser levado em consideração é a maneira pela qual os pais gerenciam a divisão do trabalho, que pode acontecer de forma flexível ou rígida. Ao passo que alguns casais determinam de forma mais rígida as regras, outros as abordam de forma mais flexível, à medida que demandas e adversidades vão surgindo.

– *Apoio (ou falta de apoio) ao papel coparental*: Segundo Feinberg (2003), o apoio coparental se refere ao auxílio mútuo entre os membros do par coparental, de maneira a afirmar, respeitar e reconhecer as contribuições e decisões um do outro. Por outro lado, a baixos níveis

de apoio coparental são expressos pela depreciação do parceiro por meio das críticas e culpa. Esse movimento costuma se apresentar mais nitidamente em casais que adotam a competitividade, em que o ganho de autoridade ou cordialidade em relação à criança significa a perda para o outro.

– *Manejo conjunto das relações familiares*: Essa gestão é retratada por Feinberg (2003) como um importante sistema executivo de responsabilidade dos pais, e pode se estender em três direções. Primeiro, os pais são responsáveis por controlar a comunicação e o comportamento em relação ao outro, já que alguns comportamentos interparentais, como a hostilidade violenta, afetam a criação dos filhos. Em segundo lugar, as atitudes e os comportamentos dos pais estabelecem fronteiras na relação, de forma a incluir ou excluir outros membros da família da relação entre eles. Em terceiro, mesmo diante da não existência de conflitos e de interações problemáticas entre os membros do casal, os pais variam na forma como contribuem para o equilíbrio da interação familiar.

**Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos:** Compreender a percepção do casal sobre a relação entre os subsistemas conjugal, coparental e o desenvolvimento dos filhos em um movimento de influência mútua.

#### 5.1.7. Considerações éticas

Na elaboração deste estudo, buscamos atender aos princípios éticos, seguindo as recomendações previstas pelo art.16 do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2005) e pela Resolução nº 510/16 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, 2006), que dispõe sobre as pesquisas em ciências humanas e sociais. A pesquisa foi submetida, avaliada e aprovada, no dia 9 de junho de 2020, pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (CEP/CHS), como consta do Parecer Consubstanciado nº 4.541.344 (Anexo D).

Como toda pesquisa com seres humanos, existiam benefícios e riscos que poderiam afetar os participantes. Os benefícios envolveram permitir aos participantes entrar em contato, dialogar e refletir sobre questões como suas relações conjugais, coparentais e com seus filhos, com o auxílio de uma psicóloga e terapeuta familiar, o que poderia possibilitar um maior autoconhecimento e compreensão do sistema familiar. Espera-se que o estudo apresente benefícios, ainda, por ampliar a literatura brasileira sobre a temática.

Como riscos, ainda que mínimos, podem ser citados o potencial desconforto emocional e psicológico pela abordagem de questões de cunho relacional, bem como o cansaço ocasionado pela entrevista. Foi oferecido aos cônjuges apoio caso necessário e apenas um casal, de fato, o solicitou.

Em decorrência da impossibilidade das entrevistas acontecerem de modo presencial, por motivos da pandemia do Covid-19, estas ocorreram de modo online por meio de aplicativos criptografados, que fossem de mais fácil acesso aos cônjuges. As gravações das entrevistas foram armazenadas no computador da pesquisadora sendo protegido por senha, de forma cuidadosa.

Para a apresentação dos dados, as entrevistas foram transcritas por dois estagiários do Curso de Psicologia da Universidade de Brasília, que foram previamente treinados pela pesquisadora. Também foram tomadas as devidas precauções para que o sigilo dos participantes fosse mantido, sendo utilizados, para esse fim, nomes fictícios, além de serem omitidas características que pudessem identificá-los. A devolutiva do resultado da pesquisa aos participantes ocorrerá mediante encaminhamento de e-mail contendo *folder* que apresentará os resultados gerais do estudo, tal como aprovado pelo CEP/CHS.

## 5.2. Resultados e discussões

### 5.2.1. Família 1: Aline, Carlos, Gustavo e Felipe

#### 5.2.1.1. Descrição da família

A família 1 foi composta pela esposa Aline, de etnia branca e próxima aos 45 anos, pelo marido Carlos, de etnia parda e idade próxima aos 45 anos, ambos com curso superior completo, e pelos dois filhos: Gustavo, de 7 anos, e Felipe, de 4 anos. Estavam casados há mais de 10 anos. Inicialmente, começaram a se relacionar como amigos e logo depois passaram a namorar. O namoro foi descrito por eles como um período conturbado, uma vez que Carlos precisou mudar de cidade em decorrência do trabalho. As saídas e encontros eram limitados na época, não somente pela distância geográfica, mas também pelas restrições impostas pelo pai de Aline, que era muito rígido com a filha. Após 1 ano e 6 meses de namoro, decidiram se casar e construir uma vida juntos. Parte desse plano envolvia ter filhos, o que aconteceu após cinco anos de casados. A chegada dos filhos, segundo relatos do casal, modificou muito a relação, já que o primeiro filho nasceu com problema de saúde, demandando maior atenção e disponibilidade. Além disso, a família extensa de ambos não residia na mesma cidade, diminuindo a rede de apoio e sobrecarregando-os com as demandas parentais.

#### 5.2.1.2. Relação conjugal

- Coesão

O casal Aline e Carlos descrevem a relação como tumultuada desde o início, por existirem divergências entre eles, mas assinalam o desejo de ficarem juntos e de constituírem uma família.

*Aline: Desde o começo nossa relação foi tumultuada, mas é, assim, tumultuada que eu digo, porque foram várias coisas para a gente poder chegar né, no objetivo de casamento, vamos dizer assim.*

Na fala acima, Aline menciona que passaram por muitas situações antes de conseguirem chegar ao “*objetivo do casamento*”, apontando que o ideal percebido por eles para que a união acontecesse era a construção de concepções semelhantes. Percebendo assim, a busca pela similaridade por parte de ambos, podendo-se inferir que o casal percebe as diferenças existentes como prejudiciais à relação.

O espaço para a vivência da individualidade entre os membros do casal é marcado como ameaça e fonte de conflito na relação. A formação do subsistema conjugal demanda uma reconstrução da realidade individual, de modo a criar referências comuns paralelas à identidade conjugal. O afastamento e os momentos de lazer para o casal são sentidos como ameaçadores da identidade conjugal. Isso está de acordo com Féres-Carneiro (1998), que diz que o equilíbrio entre a conjugalidade e a individualidade representa um grande desafio aos casais, já que existe uma influência contraditória de ideias individualistas e do desejo de viver uma vida a dois.

*Carlos: Eu faço muita pouca coisa, mas é trabalho. Ontem, por exemplo, eu gosto de ver jogo, tomar uma cerveja. Aí ontem eu fui na casa de um conhecido meu, pra ver o jogo lá, pra relaxar um pouco, eu tava precisando, entendeu? Aí a Aline já ligou, não entendeu que eu tava lá... E esse é um momento que eu tenho pra poder relaxar um pouquinho, ver um jogo de futebol, relaxar um pouco. Aí a Aline já estressou, já tá com a cara ruim pra mim hoje... aí eu não tenho momento mesmo, quando eu tenho, tenho problema, né? Aí não tem jeito também.*

Carlos pontua ser difícil vivenciar a relação conjugal com tranquilidade já que o relacionamento de Aline com seus pais permeia a relação entre eles. De acordo com Minuchin (1990) quando as fronteiras na família são difusas, seus membros ficam emaranhados, havendo uma excessiva ligação entre eles. Esses subsistemas fornecem o sentimento de apoio mútuo, à custa da independência e da autonomia dos indivíduos.

Carlos: *É o casamento nosso é igual a Aline falou, teve problemas com família, família dela, família minha, então é... A Aline vivencia muito os problemas das irmãs, da mãe, dos pais, então isso absorve muito essa questão toda e traz para dentro de casa, isso até hoje atrapalha muito o nosso relacionamento. Quer dizer que não tá bom não, até hoje atrapalha muito o nosso relacionamento. Ela absorve muito os problemas, e ela não relaxa, vive tensa, nervosa e isso aí atrapalha.*

Essa vinheta mostra o sentimento e a ligação emocional de Aline com sua família de origem e a influência dessas relações na vivência da relação com o marido e filhos.

Aline: [referindo-se a brigas com sua mãe] *isso tá me deixando extremamente estressada, porque eu tenho uma ligação muito forte com a minha mãe, ela é o meu centro de referência, assim, equilíbrio sabe? Então isso tá me deixando bem desnorteada mesmo, esses dias eu tenho ficado muito agitada, muito nervosa. Tá difícil até de cuidar das crianças, porque a energia deles é no pica né?! E eu com essa tensão toda.*

Na vivência da conjugalidade, é importante aos cônjuges a diferenciação do *Self*, não só para que possam se tornar adultos, mas também para que seja possível existir uma delimitação em relação a família de origem (Skowron et al., 2010). Segundo Bowen (1979), o novo casal, pode apresentar dificuldades para estabelecer limites em relação à família de origem, podendo acontecer o rompimento externo no intuito de evitar interferências, ou uma possível fusão. Esses dois extremos prejudicam a dinâmica familiar, pois, segundo o autor, a diferenciação do *Self* na família de origem e na família nuclear é fundamental para a vivência saudável da relação conjugal e da parentalidade.

Com o nascimento dos filhos, o casal continuou com a perspectiva de alinhamento sobre as questões da relação, não sendo bem aceito o pensamento complementar. Aline e Carlos

veem como adequado o casal ter a mesma concepção em relação ao cuidado dos filhos. Parecem, portanto, ter dificuldade para lidar com a individualização do *self* dos seus membros. Esse funcionamento pode trazer por consequências aos filhos dificuldades na diferenciação do *self*, insegurança, ansiedade e maiores níveis de reatividade (Nichols et al., 2007)

- Afetividade e sexualidade

O casal da Família 1 descreve sua relação afetiva e sexual como desgastada. Ao apresentar os motivos do encanto entre eles no início do relacionamento, Carlos menciona qualidades que não identifica mais em Aline. A esposa informa que haverá discussão posterior entre o casal.

*Carlos: Ah, o que me atraiu na Aline foi porque ela era carinhosa, era amável comigo, atenciosa entendeu? E com isso aí eu acabei me apaixonando por ela, por esse jeito dela de cuidar. Mas ela era... não é mais.*

*Aline: Era? Era né (risos). Isso vai dar B.O, isso vai dar... Como é que fala? Uma D.R aí depois (risos). Mas o Carlos era muito carismático, muito atencioso, muito tranquilo, sempre foi muito, assim, educado né. Tem uma conversa boa... Foi isso e a gente foi se conhecendo.*

A relação sexual é descrita com insatisfação pelos dois cônjuges, que possuem expectativas e crenças distintas quanto ao papel do outro. O homem diz não se sentir desejado e procurado pela esposa e menciona que ela é “travada”, não conseguindo se entregar à relação. Já a mulher diz que Carlos é muito “carnal” e que associa a afetividade apenas à relação sexual. De acordo com Walsh (2006), a dificuldade sexual vivenciada pela díade pode ser compreendida como uma metáfora da relação, sendo comum que um casal em crise vivencie questões voltadas para o prazer sexual. Corroborando com essa ideia, Elkaim (1990) diz que as relações de poder, diferenças de ritmo profissional, dificuldade de distanciar da família de origem, mágoas na relação ou desapontamentos “vão pra cama” junto com o casal.

Carlos: *Ah, ela não... Ela não se entrega pra mim totalmente, entendeu? Igual eu tava falando aí, ela vive os problemas lá, absorve tudo. Aí na hora que eu vou procurar ela, só eu que procuro, ela não procura, então fica aí essa situação, só parte de mim, aí ela acha que eu estou insistindo, que eu sou chato, que eu sou não sei o que..., mas não tem uma contrapartida, da parte dela, entendeu? Ela não se solta e isso me incomoda muito.*

Aline: *O Carlos é muito carnal, né? É aquela coisa de achar que por não estar acontecendo, é porque eu não amo, que eu não isso, que eu não aquilo, não entende. A parte psicológica, a minha parte psicológica tem que estar muito bem pra poder tá resolvendo isso, assim, sabe? E ele não consegue entender. E eu sei que é difícil pra ele, né? É uma coisa que... Vamos dizer assim, ele gosta mais do que eu. Então eu não consigo passar disso, entende? É como se eu tivesse travada dentro de uma caixa, eu preciso resolver os problemas primeiro, pra depois pensar nisso. Eu não consigo fazer tudo ao mesmo tempo, não existe uma chave na minha pessoa que desliga, eu não consigo desligar o resto.*

Após o nascimento dos filhos o casal diz que o espaço existente para o afeto e a intimidade sexual entre eles ficou mais inabitual. De acordo com Sydow et al. (2001), o nascimento de uma criança repercute em vários quesitos da relação conjugal, podendo diminuir a vivência da afetividade e da sexualidade.

Aline: *Há muito tempo... desde que os meninos nasceram, a gente deixou de sair. A gente até vai, a gente sai, mas a gente não relaxa. Porque tem que ficar o tempo todo de olho, vendo o que eles estão fazendo.*

Carlos: *O sexo? O que estava ruim ficou ainda pior.*

- Flexibilidade

No início da relação do casal, Carlos precisou mudar de cidade, necessitando que houvesse uma adaptação na rotina conjugal. Essa fase foi vista como desafiadora.

*Aline: Ah... até a gente conseguir né, se acertar, o Carlos teve que morar fora de daqui por um tempo, para ele poder acertar a carreira dele, aí foi um pouco tumultuado. Eu ficava aqui e ele ficava lá em que é a cidade onde ele nasceu. Porque na época ele precisava ficar né, ele estava terminando os estudos dele.*

Com o nascimento dos filhos, a díade precisou adaptar a rotina da relação, os papéis e a dinâmica relacional. Olson (1991) diz que a adaptabilidade familiar se refere à capacidade da família em enfrentar os desafios apresentados em seus papéis e regras, de forma a lidar com as mudanças no ciclo familiar

*Carlos: É, porque antes, ela era mais... A gente viajava mais, curtia mais. A nossa vida conjugal era mais de sair, de divertir... com a chegada isso aí restringiu muito, bastante... A gente não tem condição de ter babá, pra ficar de noite, né? Engraçado, uma vez a gente viajou sem, deixou eles com a babá, a empregada, e isso incomodou, né? A gente preocupada com eles e tudo... aí não foi. Então, a gente esperava que fosse.*

A díade parece apresentar dificuldade em lidar de forma flexível com as adversidades e alterações da estrutura familiar. Carlos, no início de sua fala, se mostra frustrado com Aline. Depreende-se de seu discurso (“É, porque antes, ela era mais... A gente viajava mais, curtia mais”) que o afeto da esposa mudou após o nascimento dos filhos, como reforçado na seguinte vinheta:

*Carlos: Eu acho que juntou tudo, juntou tudo... Eu acho que ficou tudo mais intenso assim, sabe? A gente já tinha algumas dificuldades, mas com um tempo pra cá piorou, principalmente depois que o mais velho nasceu.*

Observa-se ainda, no seguinte relato, que a mudança no relacionamento do casal com a chegada dos filhos também foi percebida por Aline.

*Aline: Nunca mais vou conseguir relaxar na minha vida, mesmo com eles depois de grandes, sabe? É a mesma sensação que eu acho que a minha mãe tem comigo, eu acho que vou ter com eles.*

Os cônjuges parecem ter dificuldade para lidar com as mudanças na relação conjugal derivadas da passagem para a coparentalidade, sinalizando que tenderá a ser difícil superar os desafios presentes nessa etapa do ciclo vital. Segundo McGodrick et al. (2014), situações e questões emocionais que não são resolvidas durante determinada fase do ciclo vital podem ser transportadas e se tornarem obstáculos nos relacionamentos, acrescentando ansiedade à família.

Segundo Olson (1991), famílias com níveis de flexibilidade moderada possuem melhor capacidade para a promoção de mudança e adaptação, enquanto aquelas com níveis de flexibilidade extremos (rígidos / inflexíveis) e caóticos (muito flexíveis), se adaptam com mais dificuldade.

- Comunicação

Durante a entrevista com o casal, foi observada a falta de transparência e clareza no diálogo entre os cônjuges, sendo, trazidas informações desconhecidas entre eles. Segundo Olson (2000), a autorrevelação está relacionada ao compartilhamento de sentimentos sobre si e sobre o relacionamento. O autor assinala que sistemas equilibrados em coesão e flexibilidade tendem a ter uma boa comunicação, enquanto os sistemas desequilibrados estão sujeitos a uma comunicação disfuncional.

*Aline: Ó... Quando eu fiquei noiva do Carlos, muita gente achava que ele não podia ser pai, porque ele tem pólio, mas é leve, sabe?*

*Carlos – interrompe a esposa – e diz: não sabia dessa versão sua... nunca falamos sobre isso.*

Aline: [pergunta ao marido] *Você tinha desejo de ser pai? Você sabe que eu nunca perguntei isso pra ele?*

Foi possível perceber também, na entrevista, a dificuldade de Aline de entrar em contato com seus próprios sentimentos e, conseqüentemente, de transmiti-los e descrevê-los ao marido. A falta de ciência ou a dificuldade de expressar suas emoções parecia contribuir para que Aline tivesse a sensação de não ser compreendida pelo marido.

Aline: *Segunda-feira eu acordei pensando péssimas coisas, que eu não posso nem relatar assim, para não, não... Sabe? Nem compartilhei com o Carlos... ele ia ficar nervoso, não entenderia.*

A comunicação não verbal esteve presente na entrevista por meio das expressões do casal diante do discurso um do outro e, em sua grande maioria, por meio de conotações de desaprovações da fala e das informações transmitidas pelo parceiro. Segundo Watzlawick et al. (1973), a comunicação não verbal abrange os gestos, a postura, a expressão facial, a cadência das palavras, a inflexão de voz e outras manifestações que o indivíduo possa ser capaz de trazer como pistas comunicacionais presentes no contexto.

Apesar de a comunicação não-verbal se fazer presente durante toda a entrevista, os cônjuges pareciam não se atentarem às expressões um do outro. Por exemplo, quando Alice ao mencionar não ter compartilhado com o marido seus pensamentos, começa a chorar sem que Carlos demonstre notar suas exteriorizações.

A forma pela qual questões voltadas para os filhos são resolvidas pelo casal é descrita por eles da seguinte forma: *“às vezes discutindo, às vezes brigando e às vezes conversando”*. A díade relata possuir muita divergência de pensamentos e conceitos e isso os incomoda muito, já que o ideal, para eles, seria pensarem de forma similar.

### 5.2.1.3. Relação coparental

- Concordância ou discordância quanto a aspectos relativos ao cuidado e educação das crianças

O par coparental diz que, na maioria das situações envolvendo o cuidado com as crianças, eles apresentam divergências e contrapontos. Durante a entrevista, foi possível observar desacordos relacionados a assuntos como limites, educação e rotina escolar. Segundo Feinberg (2003), o desacordo na forma de educar os filhos, por si só, não traz consequências negativas à dinâmica familiar. No entanto, quando ele ocorre de forma crônica, pode levar o casal a ter dificuldades em desenvolver e implementar estratégias coordenadas para a educação infantil. Na Família 1. o manejo da discórdia coparental e a flexibilidade para agir com os filhos é um desafio para o casal, como pode-se perceber por meio dos diálogos a seguir:

*Aline: Às vezes ele mima os meninos, sabe? Sai um pouco da regra, é... fala umas coisas que não é pra idade deles, essas coisas assim, que saem um pouco daquilo que eu tô querendo pra eles, sabe? É aí onde vem os conflitos.*

*Aline: Discordamos de quase todos os assuntos referentes às crianças. Vamos dizer assim... em questões de uso de celular, limites e por aí vai...*

*Aline: Temos diferença de visão, entende? Visão de educação, eu sou de uma linha, o Carlos é mais flexível, eu sou mais dura e ele não. O meu não, é não mesmo, quando eu falo não, acabou. Ele já fica mais assim, se ficar chorando muito na cabeça dele, se ficar falando e tal ele cede, rapidinho ele cede.*

Pelos relatos do casal, suas discussões e discordâncias ocorrem de maneira direta, inobstante à presença dos filhos.

*Carlos: Às vezes a gente perde o controle, vai dar uma chinelada neles e o outro interfere, entendeu? Já aconteceu isso, várias vezes.*

Embora atitudes voltadas à interrupção de práticas violentas seja importante e positiva para o desenvolvimento infantil, os cônjuges parecem demonstrar ser contra os padrões de violência somente quando esta é praticada pelo parceiro, precisando que o outro intervenha. No entanto, as brigas, as chineladas parecem ser ações normalizadas no ambiente familiar e que ocorrem com certa frequência.

Aline parece ocupar o papel central de liderança nas decisões relativas às crianças. Essa centralização foi observada tanto nas verbalizações da esposa quanto no seguinte discurso do marido: “*Então a Aline decidiu dessa forma, tá decidido*”. Carlos não parece se esforçar para chegar a um acordo e acaba por acatar a decisão da esposa, não existindo uma flexibilidade nas resoluções do casal quanto aos aspectos relacionados aos cuidados dos filhos. De acordo com Boas et al. (2010), existe um padrão de funcionamento em situações de conflito, em que mulheres costumam resolver as questões nas disputas maritais, enquanto os homens mostram-se emocionalmente distantes tendendo a uma postura de silêncio.

- Divisão de trabalho relacionada à criança

O trabalho relativo às demandas de cuidado infantil e de cuidado com o lar é dividido pelo casal, com os cônjuges demonstrando satisfação quanto às contribuições do parceiro. Aline e Carlos contam com a ajuda de uma diarista para auxiliar nas demandas domésticas, já que ambos trabalham fora e dividem as despesas financeiras. Aline pontua que o marido a “*ajuda bastante*” nas atividades, aparentando acreditar que ele cumpre uma função incomum para o gênero masculino, o que acaba por demarcar sua crença em relação aos papéis tradicionais de gênero, segundo os quais muitas vezes, a função do cuidar é depositada na mulher. Segundo Augustin et al. (2015), embora o compartilhamento dos papéis coparentais venha sofrendo modificações ao longo do tempo, ainda existe uma prevalência da visão tradicional de que a mãe é a principal responsável pelo cuidado e envolvimento com os filhos, sendo atribuição do pai prover o sustento da família.

*Aline: É, até que nessa parte do cuidado, o Carlos me ajuda bastante. Não tenho o que reclamar. Às vezes ele chega aqui um pouco mais cedo, aí os meninos não tomaram banho, ah vai tomar banho com seu pai, aí vão os três... Ele sempre me ajudou, ele sempre faz o jantar, porque eu detesto cozinhar, nunca gostei. Ele faz as tarefas, ele cuida dos meninos, às vezes ele faz o jantar, ele ajuda no banho, a única coisa que ele não consegue realmente é fazer o dever, a lição de casa, ele não consegue, porque tem que ter muita paciência, aquela coisa toda.*

O par coparental descreve o manejo em relação à divisão do trabalho como flexível, já que existe uma adequação quanto aos papéis, de acordo com a disponibilidade e a facilidade na execução das tarefas. Para Feinberg (2003), um aspecto importante em como os pais administram a divisão do trabalho é o grau de flexibilidade empregado nos arranjos familiares.

*Aline: Foi uma coisa que foi acontecendo, à medida que a demanda foi surgindo, a gente vai fazendo. Uma hora ele tá ali na cozinha, outra hora eu tô com os meninos, ou tá ao contrário, entendeu? Já começa a arrumar a comida, ou vai pro banho, ou eu dou banho nos meninos e ele continua na comida. E assim vai... é a partir da demanda.*

- Apoio (ou falta de apoio) ao papel coparental

Durante a entrevista foi possível apontar contradições nas falas e nas atitudes do casal quanto ao apoio coparental. Ao mesmo tempo que relatam serem parceiros e se apoiarem nas decisões, percebendo um ao outro de maneira positiva no trato parental, também trazem falas e expressões desqualificadoras, minando a competência coparental do parceiro. Murphy et al. (2017) dizem que a coparentalidade competitiva, vista como ataques à atuação da figura parental, que muitas vezes ocorrem na frente da criança, pode ser identificada como preditoras

de sintomas de externalização nos filhos, podendo prejudicar o seu desenvolvimento socioemocional.

*Carlos: Às vezes ela parece a louca fora da casinha... e eu preciso interferir.*

*Aline: Ele não entende que precisamos colocar limite quanto ao uso do celular. Parece que tenho três crianças em casa, ao invés de ajudar ele atrapalha.*

*Carlos: A Aline é uma mãe maravilhosa, ela educa muito bem, ela é até melhor do que eu nesse sentido. O cuidado que ela tem, a preocupação... Isso aí eu não tenho nada pra falar dela, ela é maravilhosa.*

*Aline: Ele não entende que precisa ser mais rígido com as crianças... parece que estou sozinha nessa.*

*Aline: O Carlos está é um paizão, muito amigo, companheiro dos meninos, muito carinhoso com os filhos, faz tudo por esses meninos, tudo, tudo, deixa de fazer qualquer coisa por causa deles. Então é muito bom que ele seja o pai dos meus filhos.*

Como foi possível perceber por meio das vinhetas, apesar do casal demonstrar reconhecer as qualidades do parceiro na sua relação parental individual com o filho, ambos parecem não se sentir eficientes na dinâmica coparental. Segundo Feinberg (2003), o apoio coparental ajuda no reforço da sensação dos co-pais em relação ao desempenho de suas contribuições de forma adequada e competente, levando a uma maior confiança de lidar com situações difíceis.

- Manejo conjunto das relações familiares

Embora o casal verbalize que manejam em conjunto as questões relacionadas ao âmbito familiar, é possível identificar, no diálogo entre eles, que os cônjuges mais compartilham informações e decisões sobre as crianças, do que de fato tomam decisões em conjunto, como é possível notar no trecho que segue:

*Aline: Olha, geralmente eu comunico com o Carlos sabe? Se eu vou fazer alguma coisa, se a gente vai... Por exemplo, planejamento de aula, aula particular pra criança, ano passado precisou, trocamos informações assim.*

*Carlos: Eu resolvo com as crianças e depois informo a Aline... nem sempre temos tempo de conversar.*

A dinâmica do casal na entrevista sinaliza a existência de brigas e conflitos entre os cônjuges, que, às vezes, acabam por envolver os filhos. Segundo seu relato, eles precisam intervir na interação um do outro com as crianças quando consideram que está havendo algum exagero. De acordo com Margolin et al. (2001), a dimensão da triangulação coparental refere-se a uma quebra de fronteiras na relação entre pais e filhos, de forma a boicotar ou excluir o parceiro da relação. A inserção da criança no conflito parental tem por função o alívio da tensão existente no casal.

*Carlos: É igual eu falei, ela é uma mãe maravilhosa, só às vezes com essas questões do dia a dia, tá gritando muito, e eu falo calma... E ela da mesma maneira, quando eu tô mais nervoso, ela chega e pede calma. Então tem hora que a gente sai da linha um pouquinho e briga na frente deles.*

#### *5.2.1.4. Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos*

O casal diz perceber a interferência de sua dinâmica conjugal na relação coparental e no comportamento infantil. Sinalizam que parece que tudo está muito interligado e que quando o clima entre eles está pesado acabam ficando sem paciência com as crianças, sucedendo ao aumento de comportamentos reativos como brigas, agressividade e choro. Essa dinâmica relatada pelo casal vai ao encontro das contribuições de Davies et al. (1994), que dizem que as repercussões dos conflitos do casal nos filhos vão se caracterizar pelo tipo de confronto enfrentado e pela forma como a díade consegue encaminhá-lo. Assim, conflitos destrutivos,

pobres e intensos, costumam se repercutir no ajustamento dos filhos. Essa percepção pode ser observada no trecho a seguir:

*Aline: Teve uma época, um tempo atrás... Eu e o Carlos estávamos tendo mais discussões que o normal, eu estava agitada, nervosa e tal. Aí eu saí pra trabalhar e a moça que cuida das crianças me ligou e diz que o mais velho encostou uma faca nas costas dela. E eu fiquei super assustada, e tudo isso porque ela não quis procurar um brinquedo com ele e ele ficou muito irritado, pegou essa faca, mas o mais novo viu e gritou, aí ela virou e viu com a faca. Então isso me tirou totalmente do prumo, você percebe que a coisa tá totalmente fora de controle, né? O problema todo é esse.*

Na entrevista, também foi possível perceber que as interações das crianças se refletem na dinâmica conjugal, coparental e na família como um todo. Isso pode ser respaldado pela ideia de que existe uma influência circular entre os subsistemas familiares e que uma mudança em um dos subsistemas influencia toda a família (Minuchin, 1982).

*Aline: É igual eu te falei, é o ambiente. Vai intoxicando todo mundo, começa por um, vai passando pelo outro e vai intoxicando, aí quando você vê já tá todo mundo gritando, todo mundo falando, todo mundo agindo ao mesmo tempo e a gente perde o controle total.*

## 5.2.2. Família 2: Mariza, Ricardo, Matheus e Letícia

### 5.2.2.1. Descrição da família

A segunda família foi composta pela esposa Mariza, de etnia branca e 33 anos, com ensino superior incompleto, pelo marido Ricardo, de etnia parda e 36 anos, com ensino superior completo, e pelos filhos Matheus, de 10 anos, e Letícia, de 6 anos. Estavam casados há mais de 10 anos. Relatam que a fase do namoro foi muito leve e gostosa, e que sempre foram muito

parceiros. Ambos advêm de famílias que apresentavam dificuldades financeiras e o casamento, para ambos, era uma possibilidade de “melhorar de vida”. Após 3 anos de casados, tiveram o primeiro filho. O casal, apesar de reconhecer que houve mudanças com a chegada dos filhos, relata que sempre superaram juntos as adversidades e são muito companheiros na atividade coparental.

#### 5.2.2.2. *Relação conjugal*

- Coesão

Mariza e Ricardo relatam que são originários de contextos familiares muito semelhantes, e que esse fato os ajudou na construção de projetos conjuntos e no fortalecimento do vínculo emocional. Segundo Olson (1991), os níveis de coesão tendem a ser mais elevados no início da relação conjugal, por haver o predomínio do desejo de união e pela idealização da relação.

*Ricardo: Na verdade, eu acho que o nosso namoro foi se desenvolvendo. Nós dois viemos de famílias muito pobres, com muita dificuldade e o fato de casarmos era algo muito positivo no sentido ter um companheiro, de crescimento, melhorar a vida junto e isso impactou muito na decisão de nos casarmos. Tem também o fato de sermos evangélicos e no meio evangélico o pessoal costuma se casar mais cedo mesmo.*

*Mariza: A gente esperava que ia crescer juntos, estudar, formar família, ter filhos, né? A gente imaginava dois, né amor? A longo prazo eram dois. Eu sempre quis muito ter filhos. Nós tínhamos essa ideia de estudar, de construir um lar, ter nossa casa própria, que para a gente era algo que a gente sabia ia demorar, por conta de onde nós viemos, a gente ia ter que ir construindo as oportunidades. A gente esperava ser parceiro, ficar casado pro resto da vida.*

*É isso que a gente acreditava e esperava. Realizar nossos sonhos juntos. E o que mais?*

Com o decorrer da relação, o casal sinaliza satisfação com a conjugalidade, dizendo que, apesar de haver diferenças entre eles quanto ao jeito de ser, percebem isso como positivo e complementar para a dinâmica conjugal, embora as falas de Ricardo “*Nós temos alguns atritos, algumas diferenças, mas são administráveis*” apresentem uma percepção negativa sobre as diferenças. A relação de complementariedade diz sobre a reciprocidade existente na dinâmica relacional, sendo, em doses moderadas, importante ao casal, já que tende a auxiliar na divisão de funções, apoio e crescimento (Nichols & Schwartz, 2007).

*Mariza: O Ricardo é mais paciente e eu sou mais intensa em tudo, então às vezes ele me puxa, me dá uma acordada, tipo "calma né?". Em relação a tudo, às crianças, ao relacionamento de casal mesmo. Ele é o meu equilíbrio e acredito que eu seja o dele também, porque ele é muito tranquilo e eu já sou mais acelerada, então temos isso.*

*Ricardo: A nossa relação não é uma relação pesada. Nós temos alguns atritos, algumas diferenças, mas são administráveis, são coisas mais tranquilas que não impactam a relação de forma profunda. Então, eu diria que não é um estresse estar casado, estar junto, como é para diversos casais, e eu acho que a gente conseguiu construir várias coisas juntos, tanto material, quanto com relação aos nossos filhos. Assim, eu diria que nós estamos conseguindo e atingindo o que a gente esperava.*

O casal menciona fazerem atividades juntos, mas também valoriza os espaços individuais existentes entre eles, sinalizando existir um equilíbrio na dinâmica conjugal que permite a vivência da individualidade e de momentos a dois. Para Walsh (2006), o equilíbrio entre a individualidade e a conjugalidade é um fator importante para um bom funcionamento

familiar, devendo coexistir o apoio mútuo e o comprometimento na aceitação das diferenças e da separação.

*Ricardo: Às vezes nós temos alguns eventos musicais com o pessoal da igreja. Tem um pessoal lá que às vezes a gente faz algumas coisas, mas é basicamente isso. Temos alguns amigos por aqui que de vez em quando resolvemos fazer um churrasco só os homens e as mulheres vão juntas para uma outra casa.*

*Mariza: Uma das coisas que mais fortalece a nossa união, além da questão de Deus estar no meio de tudo, também é a questão dele ter a liberdade individual dele e eu a minha. Eu já viajei para [cidade da família de origem] sozinha e é tranquilo, assim como ele tem o futebol dele e ele vai e tem a liberdade de sair com os amigos às vezes e eu com as minhas amigas. Nós temos essa troca que é saudável para um relacionamento. Ninguém é preso, sabe? E a gente também, em questão de ciúmes, somos tranquilos hoje. Já fui terrível, mas construímos uma base bacana de confiança.*

O casal aponta recorrer ao parceiro na busca por apoio e na solução das questões familiares, flexibilizando-se de forma a responder às demandas apresentadas. Uma questão muito presente no discurso dos cônjuges é a crença religiosa, que ambos apontam ser um fator que une o casal e ameniza os conflitos familiares. Segundo Walsh (2006), a crença religiosa possibilita uma maior conexão entre os membros da família, fornecendo coerência e organização às suas experiências e auxiliando na resiliência em períodos de crise.

*Mariza: Às vezes eu saio com as crianças, como o que aconteceu ano passado: ele tinha duas provas para fazer e precisava estudar, então eu catei as crianças e fui para [cidade da família de origem]. Ele ficou aqui um mês sozinho estudando, porque tinha provas para fazer e estava todo mundo dentro de casa*

*por conta da pandemia, então foi um momento de deixá-lo se concentrar nisso. De vez em quando temos essas válvulas de escape.*

- Afetividade e sexualidade

O casal ressalta que, desde o início da relação, valorizam aspectos ligados à afetividade em suas interações. Durante a entrevista, nota-se a troca de afago entre os membros do casal, que se apresenta no cafuné, nas mãos dadas, e nos olhares de cumplicidade. De acordo com Miller et al. (1980), as demonstrações de afeto entre os cônjuges permitem ao parceiro perceber a responsividade do outro, contribuindo para a satisfação conjugal.

*Mariza: A forma que ele me tratava, tratava meus pais, a forma que ele entrou na minha família. Além disso, a luta dele, a força por querer algo melhor para casa dele, para ele, para a mãe dele. A forma que ele cuidava da casa dele, já que morava só ele, mãe e irmão. Ele cuidava muito bem da família e tudo isso foi me atraindo, porque me vi sendo cuidada da mesma forma.*

*Ricardo: A Mariza sempre foi muito comunicativa, uma pessoa muito interessante para conversar, muito carinhosa e amável. A relação me encantou por ser uma relação leve e livre de frescuras.*

Mariza e Ricardo pontuam que, mesmo diante dos desafios da paternidade, sempre tentam manter programas que envolvam apenas o casal. Eles também identificam que as manifestações de afeto entre eles se fazem presente em momentos de compartilhamento das atividades domésticas e de cuidado com os filhos, como se pode perceber em vinheta na qual Mariza descreve como “incríveis” os momentos de troca entre os cônjuges.

*Ricardo: Olha, a gente assiste Netflix, que quase sempre é interrompido, mas a gente tenta. Quando a minha mãe ou a dela estão aqui, sempre damos uma escapadinha para algum restaurante sozinhos para dar uma respirada. Ano passado fizemos a nossa primeira viagem sozinhos por 3 dias.*

Mariza: *Arrumamos as crianças juntos para a escola, fazemos compras. Também cozinhamos juntos e isso é bem legal. Eu adoro, porque ele não cozinhava antes e quando eu fiz dieta do Matheus, ele tentou me ajudar nessa parte. Eu via que ele tinha dificuldade, então cozinhar juntos hoje é algo que eu adoro! Não é sempre que conseguimos, mas um domingo ou outro fazemos e é bem bacana. Às vezes estou ali fazendo uma maionese e ele está fazendo a carne, a salada. Arrumamos a casa juntos também. Enquanto estou arrumando aqui para dentro ele está na cozinha lavando a louça, então para a gente, essas coisas são incríveis enquanto casal, por essa parceria, ainda mais agora que estão todos dentro de casa. É isso.*

A relação sexual é descrita pelo casal como sendo tranquila e com uma frequência agradável. Contudo, quando questionados sobre o assunto, demonstraram se sentirem incomodados e envergonhados de abordá-lo na entrevista, parecendo ser um assunto tabu para o casal. Segundo Feijó (2007), a sexualidade ainda é um assunto tabu para muitos casais que possuem crenças, ideologias e narrativas que aprisionam a vivência da sexualidade de modo mais agradável.

Mariza: *É tranquila. Hoje, por conta de as crianças serem maiores e dormirem a noite toda, temos uma relação tranquila em questão de vida sexual.*

- Flexibilidade

Mariza e Ricardo relatam tentar se equilibrar para a dinâmica da casa continuar funcionando e que, para isso, muitas vezes precisam se alternar nos papéis desempenhados, já que algumas situações, porventura, sofrem modificações. A dinâmica da família é caracterizada por uma liderança igualitária e democrática entre os cônjuges, que gerenciam juntos às mudanças. (Olson,1988)

Mariza: *A gente se adapta, então não teve um momento em que a gente se dividiu. É, porque, por exemplo, quando estou estudando à noite, o Ricardo tem que abandonar algumas atividades que ele já tinha para ficar com as crianças. Esse semestre que estou tendo aulas à distância, à noite eu posso levar o Matheus para o futebol para o Ricardo estudar, mas no próximo semestre talvez eu não consiga.*

O casal pontua o nascimento das crianças como uma transformação na dinâmica e na rotina da família. Falam que houve necessidade de uma adequação, mas que foi de grande crescimento e amadurecimento. Segundo Minuchin (1982), o subsistema conjugal precisa se readequar para a constituição do subsistema parental, cabendo a flexibilidade na dinâmica para a aprendizagem de novas formas de se organizar e novas funções a desempenhar.

Mariza: *É uma transformação na verdade, não é nem uma mudança. A gente nunca mais vai ser o que era antes da chegada. E a gente fala que ele nos transformou em pai e mãe. Em relação a marido e mulher, a gente teve que se adequar à nova realidade de noites sem dormir e dedicadas à criança. A gente como marido e mulher abdicava de momentos nossos por conta dele, algo que é bem normal. Questão de privacidade também muda tudo. Já aconteceu de a gente querer namorar e as crianças chegarem ou acordarem. Foram situações que a gente teve que contornar, mas foi de grande crescimento para a gente, amadurecimento.*

Mencionam que a família precisou passar por uma nova organização com a chegada da pandemia do COVID-19, já que as crianças passaram a estudar de modo remoto e eles a trabalharem em casa.

Mariza: *Como está sendo um período muito longo no final as crianças ficaram mais entediadas, mas nós já até nos acostumamos com essa questão de estar*

*junto, fazer um cafezinho a tarde, tomarmos café juntos, se ele tivesse em reunião aqui eu trazia um cafezinho pra ele. Quando eu estava estudando ele levou um cafezinho pra mim. Estava trabalhando leva as crianças lá para o outro quarto, que terá reunião. Vamos trancar eles lá no quarto e fazer alguma coisa para não atrapalhar, então a gente conseguiu esse equilíbrio e eu particularmente gostei muito, foi um período muito bom pra mim.*

Ricardo: *Precisamos nos adequar a essa nova realidade, mas vem dando certo.*

Segundo, Silva et al. (2020), a COVID-19 acarretou impactos para o funcionamento familiar, não somente reverberando nos aspectos sociais, econômicos e trabalhistas, mas também em mudanças na dinâmica da rotina familiar, no enfraquecimento do apoio social e na fragilização emocional, o que demandou da díade coparental também uma reorganização acerca dos acordos para a divisão de trabalho em relação aos cuidados com os filhos e os afazeres domésticos.

- Comunicação

O casal descreve o diálogo como um aspecto essencial na relação, assinalando ser o canal que os permitem alinhar pontos de vistas divergentes e situações difíceis. De acordo com McGoldrick et al. (2014), após a união conjugal, é essencial para um casal que haja a negociação de questões antes resolvidas apenas no âmbito individual.

Mariza: *Eu acho que algo fundamental no nosso relacionamento é justamente o diálogo. Existem situações que fogem um pouco do controle, mas a gente senta e conversa. Sempre estamos dispostos a melhorar pelo outro. A gente respeita muito a questão de um ser diferente do outro, até porque, como a gente mesmo falou anteriormente, eu sou mais acelerada e ele é mais calmo, então eu aprendi a lidar com o jeito dele e ele com o meu.*

Durante a entrevista, Mariza se posiciona tomando mais a palavra, mas tenta a todo momento incluir o marido na conversa. Isso é notado pelos convites e perguntas da esposa a Ricardo: “*you would like to complete something?*”, “*do you also perceive it this way?*”. Ricardo, apesar de mais calado, se mostra receptivo e aberto à participação. As percepções e informações quando partilhadas entre o casal tornam as experiências mais compreensíveis, sendo a boa comunicação fundamental para o funcionamento e resiliência familiar (Walsh, 2006).

### 5.2.2.3. *Relação coparental*

- Concordância ou discordância quanto a aspectos relativos ao cuidado e educação das crianças

O casal diz que existem poucos momentos em que discordam quanto aos aspectos do cuidado infantil e que, quando isso ocorre, tentam dialogar e intervir para melhorarem na interação com as crianças. Para Walsh (2006), o mais importante não é a ausência de conflitos, mas a forma como eles são solucionados. A autora ainda diz que os casais nomeados como saudáveis, possuem maior facilidade para identificar e resolver os problemas, além de apresentarem sentimento de confiança e tolerância em relação as diferenças.

*Ricardo: Tem discordâncias, óbvio, mas com que frequência? Eu nem sei dizer, mas é raro mesmo. Um exemplo seria com relação a um cachorro para as crianças. Eu acho que não seria o caso, mas a Mariza acha que tem que ser. É um presente que ela quer dar e eu não concordo muito com isso.*

*Mariza: É difícil a gente divergir nas opiniões, mas acontece às vezes. Quando eu falo alguma coisa e o Matheus brinca e eu vou com muita energia, o Ricardo me chama de canto e diz que ele estava brincando e que eu exagerei. Depois eu peço desculpa, abraço e falo que me excedi, mas é assim, né? Quando estou de TPM eu já aviso o Matheus e ele já fala para o pai: " a mamãe está de TPM, hein? Vamos ficar na nossa" (risos). É mais ou menos isso.*

Mariza e Ricardo relatam que os filhos são muito tranquilos e entendem como funciona a dinâmica familiar, o que facilita o posicionamento alinhado entre os cônjuges. Mencionam também que a díade possui ideias próximas em relação à família, e que isso os ajuda a caminhar na mesma direção. Segundo Estlein et al. (2014), a semelhança no estilo parental dos parceiros está associada à satisfação conjugal. Os autores sinalizam haver uma tendência à similaridade no comportamento dos casais, em especial nos que demonstram satisfação com a conjugalidade, o que pode ser explicado pela coesão e influência mútua entre eles.

*Mariza: Com relação à educação mesmo, é raro a gente discordar, porque as crianças são muito tranquilas em vários aspectos. Para a gente discordar só se for algo muito grave, porque geralmente, quando falta com educação, eu falo e o Ricardo reforça, já que seria algo inaceitável para o nosso lar. A gente tem muito isso na nossa casa, temos os nossos princípios. Todos sabem que tem que respeitar.*

*Mariza: Nada, pois temos a mesma linhagem de ideais, das coisas que acreditamos ser certas, erradas. Caminhamos mais ou menos na mesma direção, então..., mas se fôssemos opostos, se o Ricardo acreditasse em algo que eu acreditasse diferente eu acredito que teríamos mais atrito, mas é muito tranquilo.*

- Divisão de trabalho relacionada à criança

É mencionado que as tarefas relativas ao cuidado com as crianças são divididas entre o casal, de forma flexível. Essa divisão ocorre conforme as aptidões da díade na execução das tarefas, ou levando em consideração a disponibilidade de tempo de Ricardo e Mariza. O par parental diz que sempre que percebem que está mais pesado para um dos lados, tentam se reequilibrar para aliviar a sobrecarga do parceiro. Kwon et al. (2013) dizem que um aspecto

importante na divisão de tarefas entre os pais é o grau de flexibilidade / rigidez empregado. O equilíbrio de estrutura e adaptabilidade é visto como muito bom para o funcionamento familiar.

*Ricardo: A gente procura dividir. Por exemplo, com relação à escola, eu fico mais incumbido de ajudar o Mateus, e a Mariza fica mais incumbida de ajudar a Leticia, que são tarefas mais de alfabetização. Com relação a levar para escola, a Mariza fica com a preparação deles para levar, como o lanche, e geralmente, eu levo quando não vou de bicicleta com as crianças pego o carro, levo e busco os dois. As tarefas do Mateus eu que olho, tem algumas atividades dividimos.*

*Ricardo: Assim, a gente não usou um método específico. Nós meio que fomos testando ao longo do tempo e tudo depende também da carga de trabalho que um ou o outro tem, então isso influencia muito. A gente tem essa divisão que falamos agora, mas pode ser que amanhã mude também, né? Por conta das atividades do mestrado, pode ser que eu não possa buscar na escola, mas a Mariza vai, então a gente dividiu, mas é um negócio meio flexível em termos das atividades de cada um. Eu não diria que teve um método, mas acho que de acordo com o quê nossa vida vai se transformando, a gente vai achando a melhor maneira para dividir as tarefas.*

As rotinas domésticas são divididas de forma a incluir também as crianças. Contudo, quando Mariza descreve a divisão dessas atividades, parece que sua expectativa em relação à contribuição da filha menina é maior do que a do filho menino, ficando evidente a questão de gênero na divisão de tarefas. Segundo Zanello (2014), a mulher carrega em seu corpo a junção da capacidade de procriar com as características a ela associadas culturalmente: o seu papel de cuidar e de servir, e a destinação ao espaço doméstico.

Mariza: *Colocamos a divisão das atividades em um varalzinho. Nós dividimos mais ou menos. O Matheus fica responsável pelo lixo do banheiro, a Letícia ajuda organizar os brinquedos dela, a arrumar a cama, estender o lençol. Na nossa cama de casal, quem levanta por último arruma. É mais ou menos assim que nós vamos levando. A roupa nós colocamos para lavar na máquina e quem passar primeiro por ali estende. Como não temos ninguém que nos ajude, como uma empregada, nos dividimos entre nós.*

- Apoio (ou falta de apoio) ao papel coparental

O casal relata ser muito parceiro e se apoiar no papel coparental. Mariza diz ter permitido o envolvimento do marido desde o início do nascimento dos filhos e que, diferente da maioria dos homens, ele “ajudou muito”. No discurso da esposa é possível perceber que ela se sente satisfeita com o apoio do marido, embora perceba como natural a centralização do cuidado no papel feminino. Conforme Taylor et al. (2012), os homens podem precisar do apoio das mulheres para ajudar a determinar o seu papel parental, já que são menos socializados para exercerem o papel de cuidado. No entanto, essa ideia naturaliza as questões de gênero, que são sociais, e ajuda a sobrecarregar a mulher na dinâmica familiar.

Mariza: *O Ricardo sempre foi muito parceiro. Em questão de pai, bom, a mulher vira mãe desde o momento que fica grávida e o homem só depois que nasce. E o Ricardo sempre foi muito pai desde sempre. Sempre dei muita liberdade para ele em questão de trocar fralda, dar mamadeira, essas coisas que às vezes alguns não dão certo cuidado e ele sempre me ajudou muito desde o primeiro minuto de vida. Ele dava banho, trocava, pegava no berço para eu amamentar. Ele sempre foi muito parceiro, muito pai, muito responsável!*

Mariza e Ricardo reconhecem as contribuições um do outro no papel coparental e assinalam que eles se complementam na dinâmica com os filhos.

Mariza: *Ele é mais atencioso com relação a essas coisas e eu sou mais prática. E é por isso que a gente se encaixa bem.*

Ricardo: *Eu a vejo como uma ótima mãe, em termos de cuidado, de buscar sempre o melhor, de respeito com as crianças também, então, eu a vejo como uma boa mãe.*

Mariza: *O Ricardo é tudo isso que eu já falei e não me canso de repetir, porque ele é um baita parceiro mesmo. Ele é meu parceiro, é parceiro das crianças.*

- Manejo conjunto das relações familiares

Os pais manejam em conjunto as interações familiares. Relatam que, apesar de terem maneiras distintas de agir com os filhos, fazem intervenções na dinâmica um do outro, quando necessário e na ausência das crianças, a fim de chegarem a um consenso. Segundo Camisasca et al. (2015), o trabalho em equipe e a comunicação entre o casal facilita os acordos, auxilia na resolução de conflitos, previne o estresse na relação e ajuda no ajustamento infantil.

Ricardo: *Se é um assunto muito sério a gente se reúne, conversa e chega a um consenso para levar uma informação a eles.*

Mariza: *Eu diria também que eu sou muito enfática com o que eu falo com as crianças na hora da bronca ou da chamada e o R é mais brando. Acho que esse equilíbrio é bom para as crianças. O R às vezes me chama no canto e me diz que alguma coisa não precisaria ser dita, que às vezes eu extrapolei. Ele me chama de lado, sem as crianças verem.*

É relatado pelo casal que, quando consideram que se excederam em alguma correção, pedem desculpa para as crianças, mostrando-se abertos ao diálogo com os filhos, embora pontuem que a decisão final é sempre tomada pelos pais. De acordo com Frizzo et al. (2005), as fronteiras existentes entre os subsistemas familiares (pais-filhos) devem excluir as crianças da relação conjugal sem, no entanto, impedir o seu acesso aos pais.

Mariza: *Eu também não tenho nenhum problema em chegar e pedir desculpas para as crianças se eu me excedi.*

Ricardo: *É... tentamos lá em casa dar abertura para o diálogo, claro que a palavra final é nossa..., mas não custa ouvir os argumentos deles.*

Adicionalmente, reitera-se o relato do casal de que as crianças participam das atividades domésticas, de modo que cada um contribui, de alguma forma, para a organização do lar.

Mariza: *E que bom que as crianças também estão dentro do contexto de começar a arrumar alguma coisinha que elas já são capazes. Isso ajuda inclusive na autonomia das crianças para se sentirem seguras.*

#### *5.2.2.4. Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos*

Mariza e Ricardo informam que conseguem manejar a dinâmica conjugal e parental de modo a não perceberem impactos negativos no comportamento dos filhos. Segundo Schrodtt et al. (2019), o casal que coopera um com o outro, e se apoia mutuamente em relação ao cuidado com os filhos, possui maiores chances de que tais esforços os aproxime e os leve a manter um relacionamento mais satisfatório, repercutindo no desenvolvimento e na segurança emocional dos filhos.

Ricardo: *Eu não diria que tem impacto no comportamento deles assim não, porque nós temos alguns conflitos sim, mas, procuramos resolver longe deles quando tem algum tipo de discussão, alguma coisa assim então eu diria que não tem impacto assim não.*

Expõem que o comportamento das crianças e a dinâmica de cuidado diário, às vezes, geram estresse na relação do casal, mas que é algo que eles conseguem manejar e que percebem como natural no processo de parentalidade.

Ricardo: *Não percebo, tem o cuidado diário, sempre existe algum tipo de estresse, você precisa mandar fazer a tarefa de casa, tem que mandar tomar banho, precisa mandar escovar os dentes, porque eles não são completamente independentes. Então isso aí às vezes nos deixa um pouco estressados, e às vezes descontamos um no outro alguma coisa, mas eu diria que nada além disso, desses pequenos estresses do dia a dia que todo filho causa né?!*

### 5.2.3. Família 3: Valéria, Lucas, Pedro e Alice

#### 5.2.3.1. Descrição da família

A família 3 foi composta pela esposa Valéria, de etnia branca e 43 anos, com ensino médio completo, pelo marido Lucas, de etnia parda e 38 anos, com ensino superior completo, e pelos filhos Pedro, de 9 anos e Alice, de 7 anos. Estavam casados há mais de 10 anos. Conheceram-se apresentados pela irmã de Valéria, que trabalhava na mesma empresa que Lucas. O namoro teve duração de 1 ano e meio, período descrito como muito intenso e de muito conhecimento e alinhamento entre eles. Relatam que, desde o início do namoro, ambos tinham muita vontade de casar e construir uma família, vendo o casamento como uma parceria e como uma possibilidade de conquistar aquisições, a exemplo da casa própria. Depois de um tempo casados, sentiram que precisavam dar sequência à família e tiveram filhos. Informam que, apesar de mudar a rotina da família, é muito prazeroso o contato com as crianças.

#### 5.2.3.2. Relação conjugal

- Coesão

Valéria e Lucas relatam que a fase de namoro foi muito intensa, com muitos encontros, com troca de carinho e o desejo crescente de estarem juntos.

Lucas: *Foi um namoro bem intenso, hoje eu falo muito com a Valéria, a gente era muito presente, cada dia a gente conhecia mais um do outro e a fase de*

*namoro foi muito boa, né? Nós namoramos intensamente, nos entregamos aos sentimentos, foi muito bom.*

Valéria: *Eu diria uma relação bem verdadeira mesmo, sabe? Que é um ajudando o outro, em todos os sentidos, acho que seria isso, o básico.*

Pontuam também que, por terem tido experiências ruins nos relacionamentos anteriores, já iniciaram a relação com expectativa de construir uma interação descrita por eles como sólida. Para McGoldrick (2014), o casamento, muitas vezes, é visto como a solução dos problemas para a solidão, incerteza no trabalho e dificuldades com a família de origem, vivenciado por muitos como o fim de um processo o “viveram felizes para sempre”.

Lucas: *E eu sempre tive meus pais como exemplo de casal, então eu tenho pra mim que a base de uma sociedade sólida é o casamento. Então eu já pensei, não vou começar a namorar pra não dar em nada, brincar com sentimentos... Eu levo isso muito a sério, os sentimentos.*

Valéria: *A gente já começou a namorar com esse propósito de casar. Eu até falei pra ele no começo, que eu não queria namorar se não fosse pra casar, que esse era o propósito.*

O casal demonstra serem parceiros na construção de planos em comum e se apoiam em momentos difíceis. Embora estejam presentes um para o outro nas interações diárias, Lucas e Valéria relatam que a dinâmica da família e do trabalho interfere nos momentos de lazer e de relaxamento, tanto entre os cônjuges como individualmente.

Valéria: *Acho que é o que a gente espera até hoje, a gente espera viver bem a todo tempo, ter um relacionamento bom, agradável. E conquistar as coisas, quando a gente casou nós fomos morar de aluguel e tínhamos vontade de ter filhos, mas fomos adiando, até conseguir a casa própria. E tudo aos poucos mesmo, nossos planos... E eu tive um aborto, e pensei, que era um sonho*

*frustrado e já achava que não ia conseguir ter filhos, mas 4 meses depois eu engravidei. Então o processo, o caminhar, é algo que a gente vive até hoje.*

*Lucas: Tenho trabalhado muito, esse negócio de home office é complicado, tô até meio estressado, então o máximo que eu tô fazendo é me dedicando à corrida.*

*Valéria: Meu individual está sendo trabalhar, porque fora disso eu não faço nada sozinha não. Eu saio sozinha só quando vou fazer unha, essas coisas pessoais mesmo.*

Demandas altas de produtividade no ambiente de trabalho aliadas às obrigações do casal com os afazeres domésticos e com os cuidados parentais podem tornar a vivência da conjugalidade ainda mais desafiadora, o que pode acabar comprometendo a satisfação conjugal (Perlin et al., 2005). As autoras ainda apontam que o trabalho de jornada dupla tem potencial para comprometer a intimidade e a vivência de afeto entre os cônjuges, reduzindo a disponibilidade que cada parceiro possui para o investimento na família e individual.

- Afetividade e sexualidade

A vivência da sexualidade e da afetividade entre o casal é dificultada pelos afazeres da casa, do trabalho e da dinâmica com os filhos. O casal assinala existirem poucos momentos para ficarem juntos, terem trocas de afeto e se comunicarem.

*Lucas: Na atual situação, saímos muito pouco, mas assim, sempre nas datas comemorativas a gente tenta celebrar, ficar juntos naquele momento e uma coisa que eu prezo muito é aquele momento juntos, eu levo a Valéria pra trabalhar e é o momento que a gente tem pra conversar, porque quando ela chega em casa é um turbilhão, então a gente não tem aquele tempo de comunhão.*

*Valéria: A gente tem também os horários de almoço, tomamos café da manhã juntos, então são nesses momentos que a gente tem mais tempo pra conversar, pra parar mesmo. E a gente faz junto todos os dias. Mas os meninos estão juntos, então a atenção fica voltada para eles. Às vezes eu a chamo pra conversar e as crianças vem junto, querendo participar.*

É mencionado que a relação e a dinâmica de afeto entre os cônjuges mudaram ao longo do relacionamento, marcando as alterações provenientes do tempo. Conforme McGoldrick (2014), com o decorrer do ciclo de vida, os cônjuges podem vivenciar situações de transformação relativas ao casamento, bem como mudanças cotidianas, estresse e dificuldades, sendo que a forma como administram essas situações pode facilitar ou dificultar o processo.

*Lucas: Porque tudo muda, né? Assim, se a gente for pegar de quinze anos pra cá todo contexto muda, né? Até o contexto físico, tudo muda, apesar de sermos novos, a situação muda.*

Segundo Lucas e Valéria, as crianças atrapalham a sua dinâmica sexual. É pontuado que o envolvimento sexual do casal ocorre apenas durante o período da tarde, horário em que os filhos não estão em casa, referindo considerar perturbadora a possibilidade de as crianças ouvirem ou perceberem algo. Lucas menciona a diferença de apetite sexual entre os parceiros. Segundo McGoldrick (2014), o nascimento dos filhos modifica a experiência conjugal dos casais, já que acrescenta novas tarefas à dinâmica da família, podendo reduzir temporariamente o interesse sexual da díade. No entanto, à medida que as crianças crescem, os pais devem se organizar para encontrar tempo para a vivência do prazer sexual enquanto lida com as demandas infantis.

*Lucas: Pô, assim, bem. Às vezes eu acho que devido a correria do dia a dia, isso influencia muito, sabe? Eu sempre brinco com a Valéria, sempre pode melhorar, né? Mas eu super entendo que tem dia que ela não está bem, que eu*

*mesmo não estou bem, tem dia que está cansado, mas assim, eu sempre falo pra ela, eu acho que pro homem é sempre mais difícil de entender, mas eu sempre busco ao máximo entender ela pra ter um casamento bacana mesmo, sabe? E, sei que isso é muito importante, a gente leva isso como muito importante, mas não é a prioridade do meu casamento, não é o que faz o meu casamento ser sólido, não é só isso. Mas é o que sempre falo com ela, sempre pode melhorar, né?*

*Valéria: Eu falo com o Lucas assim que a gente só namora de tarde, né? Porque de noite já não tem como mais, por conta das crianças.*

*Valéria: Essa coisa de cada um colocar as crianças pra dormir, às vezes acabamos dormindo com eles, acho que isso também...*

A fala de Lucas indica que ele acredita que homens sentem mais desejo sexual que as mulheres. No entanto, a diminuição do desejo sexual pode ocorrer tanto nos homens quanto nas mulheres. As obrigações com o trabalho, com os cuidados domésticos e o compartilhamento com o cuidado dos filhos podem ser um dos motivos para a diminuição da disposição e o investimento do casal em sua sexualidade (Treadway, 2010).

- Flexibilidade

O casal relata que as expectativas e ideais quanto ao desenvolvimento familiar tiveram que ser flexibilizados ao longo do tempo, já que nem sempre é possível vivenciar o planejado.

*Lucas: Esperava o que eu vivo hoje. Um exemplo, quando eu trabalho fora, eu quero voltar pra casa pra ver a Valéria e os meninos, brincar com eles. Então é o que eu vivo hoje, eu sonhava com um casamento assim. É lógico que a realidade às vezes não é aquilo que a gente pensava, mas quando você amadurece, consegue entender que aquilo é o casamento... tem coisas que eu sonhava antes, que a gente vê que não é possível aquilo.*

Mencionam que, na dinâmica do casal, precisa haver adaptação para que encontrem um equilíbrio, a fim de conseguirem negociar as divergências existentes. Segundo Olson (1988), a adaptabilidade familiar é a capacidade do sistema em adaptar as suas estruturas, regras e papéis para poder lidar com os desafios apresentados ao longo do ciclo de vida familiar.

*Valéria: Nós somos pessoas diferentes, temos opiniões diferentes, mas é um abrindo mão para que as coisas fiquem bem.*

A díade reflete sobre como terão que se reorganizar para enfrentar as mudanças decorrentes da saída dos filhos de casa, já que vão deixar de assumir funções hoje executadas. Nessa fala, é possível observar o receio do casal frente ao processo evolutivo familiar. Segundo McGoldrick (1995), a saída dos filhos demanda dos membros um reajuste das relações e flexibilização para lidar com as mudanças advindas, já que os pais novamente se encontrarão sozinhos, precisando retornar ao laço emocional que os une.

*Lucas: Então assim, temos que ter muito cuidado, porque os filhos vão, nós temos que dar todo o suporte pra eles, mas temos que preocupar com o nosso casamento, porque daqui uns anos eles vão e vamos ficar só nós dois. E muda tudo mesmo, antes eu fazia isso, aquilo outro e agora não consigo fazer mais, mas muito feliz por não conseguir.*

- Comunicação

Quanto à comunicação do casal, assinalam não terem muitos momentos para dialogar e ficarem a sós, e mencionando buscarem brechas durante o caminho para o trabalho e no horário das refeições, quando não há a interrupção das crianças.

*Lucas: Eu levo a Valéria pra trabalhar e é o momento que a gente tem pra conversar, porque quando ela chega em casa é um turbilhão, então a gente não tem aquele tempo de comunhão.*

Valéria: *A gente tem também os horários de almoço, tomamos café da manhã juntos, então são nesses momentos que a gente tem mais tempo pra conversar, pra parar mesmo. E a gente faz junto todos os dias.*

Durante a entrevista, Lucas em alguns momentos explicava à esposa as perguntas realizadas pela pesquisadora, como se sua parceira não conseguisse compreendê-las, o que, observou-se, causava certo incômodo à Valéria. Em alguns momentos, o marido também interrompeu a fala da esposa, complementando ou respondendo em seu lugar, caracterizando uma hierarquia de poder dentro do núcleo familiar. Para Walsh (2006), as famílias nomeadas como disfuncionais apresentam um desequilíbrio de poder no casal, existindo uma maior dominância de autoridade de um sobre o outro. Durante vários momentos da entrevista foi possível perceber falas como:

Lucas: *Desculpa, cortando-a...*

A postura de Lucas ao explicar para a esposa as perguntas realizadas pela pesquisadora bem como suas interrupções na fala da parceira podem ser nomeadas como *mansplaining*, termo utilizado para nomear as tentativas dos homens de elucidar algo para uma mulher, sem considerar que ela possa saber sobre o assunto. Segundo Joyce et al. (2021), os homens tendem a silenciar as mulheres sem se atentar ao conteúdo de suas falas, agindo de maneira paternalista, de forma a considerar seu conhecimento como superior, apenas com base em seu gênero.

O casal pontua não terem o costume de se sentar para conversar sobre questões relativas ao cuidado com os filhos, e que as decisões costumam ser tomadas apenas por um dos pais e depois comunicada ao parceiro.

Lucas: *Mas uma coisa interessante é que são raras as vezes que nós sentamos para decidir uma correção juntos.*

A falta de comunicação do casal pode gerar conflitos e afetar o funcionamento familiar. Famílias que apresentam comunicação clara e aberta, e que resolvem os problemas de forma

colaborativa e proativa, previnem crises e evitam acumular problemas não resolvidos (Walsh, 2010).

#### 5.2.3.3. *Relação coparental*

- Concordância ou discordância quanto a aspectos relativos ao cuidado e educação das crianças

O casal expressa sua discordância em situações voltadas ao cuidado e educação das crianças, mas assinala que tentam manejar os desacordos para que não sejam percebidos pelos filhos.

*Valéria: Na frente dos meninos nunca, eu acho. Às vezes é só no olhar, sabe? Quando o Rodrigo tá muito alterado e tals, eu dou uma olhada, mas não falar mesmo, sabe? A gente só, aí ele para. Ou então ele fala, mas nunca na frente dos meninos.*

Embora relatem tentar alinhar as divergências existentes por meio do diálogo, pontuam não existir muitos momentos para poderem conversar sobre essas questões. Segundo Bolze et al. (2017), a comunicação aberta entre cônjuges a fim de solucionar divergências existentes é vista como construtiva, ao passo que estratégias que envolvem a evitação são vistas como destrutivas, já que os cônjuges deixam de dialogar sobre assunto importantes da dinâmica familiar.

*Lucas: E eu falo assim, que é no diálogo, no diálogo que a gente resolve mesmo. Eu falo que tem vezes que a gente fica, tem tempo que a gente não faz isso, mas conversando até de madrugada tentando chegar em um como acordo.*

Lucas pontua que o modelo de coparentalidade da sua família de origem influencia na forma que manejam as discordâncias no contexto familiar. Quando um casal se une, eles trazem as suas histórias familiares como bagagem, cujas raízes podem influenciar no desenvolvimento

do novo núcleo familiar, sendo necessário, portanto, renegociarem suas crenças, concepções e valores. (McGoldrick, 1995).

*Lucas: Mas assim, acho que é só nisso mesmo. Acho que assim, vai muito da educação que recebemos, né? Assim, que eu me lembro, nunca vi o meu pai discordando da minha mãe, então assim, eu trouxe isso pra minha vida e eu acho então que isso influencia muito. Então, por mais que na hora eu vejo, até a Valéria falou que me dá um sinal, mas discordar na frente nunca.*

- Divisão de trabalho relacionada à criança

O casal relata que a divisão das tarefas é realizada de forma flexível, de modo que o parceiro que estiver livre naquele momento a executa, sem haver um planejamento anterior.

*Lucas: Sabe o que... Vou falar por mim, tá? O que eu acho bacana entre eu e a Valéria é que a gente não tem, como se diz?... Tem casais que eu conheço que tem planejamento, tudo certinho. A gente faz tudo tão natural, sabe? Que eu acho que aí se torna gostoso e prazeroso. Não temos um planejamento pra cuidar deles não, fazemos da forma natural. Da forma que achamos que está fluindo bem, sabe?*

*Valéria: Num divide, né?*

Lucas e Valéria descrevem as tarefas de cuidado do pai com a casa e com as crianças como “ajuda”. O marido diz que as tarefas ficam mais a cargo de Valéria, mas “quando as coisas apertam” ele assume, dizendo precisar de fazer isso pelos filhos. Valéria parece se sentir satisfeita com a divisão das tarefas e acreditar que, pelo fato de o marido ser melhor remunerado no trabalho, provendo mais à família financeiramente, é o dever dela assumir predominantemente as funções de cuidado. Narvaz et al. (2006) apontam estereótipos acerca da divisão do trabalho nas famílias, em que o papel da mãe é remetido ao cuidado da casa e dos filhos, enquanto o papel do pai, além de prover o sustento, envolve questões de disciplina

e autoridade. Os autores pontuam, ainda, que o papel da mulher no contexto econômico é invisibilizado e desqualificado, sendo a ela conferido o papel de trabalhadora complementar.

*Valéria: Como ele ajuda mais financeiramente, eu cuido mais da casa.*

*Valéria: É, por exemplo, tarefas de casa, por exemplo. O Lucas sempre me ajudou nos serviços domésticos, se ele estiver tranquilo, ele sempre faz. Às vezes eu saio e falo assim “Lucas tem comida, mas tem que preparar mais alguma coisa” e ele prepara, sabe? E foi nisso “Aí eu tô ocupado, vou dar banho nos meninos e você termina de fazer?”.*

*Lucas: Eu penso assim “Pô, pra mim ajudar a Valéria eu posso fazer isso pros meus filhos”, então, não deixo que a sobrecarga caia nela.*

Apesar de Lucas questionar o papel de gênero centrado na mulher na execução do cuidado com a casa e com as crianças, percebe o seu envolvimento nessas atividades como um “auxílio”, algo que é raro para os homens e que se deva orgulhar. Zanello (2014) aponta que o cuidado dos homens aos filhos é visto como esforço, valendo gratificação, enquanto para as mulheres trata-se de vocação, de seguir a sua natureza, sendo a naturalização do cuidado colocada nas mulheres e não nos homens.

*Lucas: A Valéria faz mais coisas do que eu..., mas quando eu vejo que aperta... É igual domingo mesmo. Domingo, almoçamos, aquela coiserada toda, você vai lavar os pratos e eu falei: Ok*

*Lucas: Mas é dividido, eu falo que é um ajudando o outro. Eu tenho muito desse sentimento assim, por que que a mulher é obrigada a fazer isso? Quem estipulou isso? A mulher não é obrigada, eu falo assim “Valéria você não é obrigada a cozinhar”, por ter esse sentimento eu acho que posso pegar e lavar uma vasilha tranquilo, fazer um miojo, né?*

- Apoio (ou falta de apoio) ao papel coparental

Apesar de nem sempre conversarem sobre suas expectativas e divergências na atuação com os filhos, é relatado que buscam apoiar a decisão do parceiro, não os desautorizando, cabendo a quem iniciou a correção executá-la até o fim. De acordo com Feinberg (2003), o apoio coparental é expresso pelo reconhecimento entre os parceiros de suas competências e da sustentação das decisões e autoridades do outro.

*Valéria: É tipo, um não tirar a autoridade do outro, né?*

*Valéria: Falamos “Ah, você tá de castigo, seu pai colocou e seu pai vai tirar” e sempre nesse aspecto, né? “Ah, sua mãe pôs, então sua mãe tira”. E sempre o castigo mesmo, nada...*

*Lucas: Mas uma coisa interessante é que são raras as vezes que nós sentamos para decidir uma correção juntos. Geralmente a Valéria. toma a decisão e eu apoio, logicamente, e eu tomo a decisão e ela apoia. Mas nós nunca sentamos “Ah, vamos fazer assim, assim e pronto”, nós nunca sentamos para decidir uma correção, né?*

Valéria diz buscar o apoio do marido quando vai chamar atenção das crianças por acreditar que ele representa uma figura de maior autoridade e respeito na relação com os filhos.

*Valéria: Eu tenho mania de falar assim, vou corrigir os meninos e falo assim “vou chamar o seu pai”, porque assim, o Lucas tem mais cara de bravo, sabe? Ai, claro que eu chamo atenção e tudo, mas todas as vezes eu falo “vou chamar o seu pai pra resolver” e eles dão uma sossegada, sabe?*

O casal expõe perceberem um ao outro de forma positiva em seus papéis parentais, apesar de as vezes se questionarem em algumas atitudes. Lucas diz se incomodar pelo fato de a companheira investir muito no cuidado com o lar deixando de ter tempo para brincar com as crianças.

Lucas: *O que eu questioneei esses dias foi isso, de poder brincar mais com os meninos. E igual eu falei, ela é muito zelosa com tudo, com a família, às vezes ela se preocupa muito com algo e deixa de lado outras coisas, acho que foi a última coisa que eu questioneei.*

Valéria: *O Lucas como pai é presente, muito presente, muito verdadeiro com os meninos, brincalhão, sabe? Aquele pai cúmplice, e uma pessoa muito íntegra, o que é certo é certo e o que é errado é errado, e assim o Lucas é um pai desse jeito, tá?*

Lucas: *A Valéria é uma pessoa muito, é uma mãe, é uma mãe sensacional, sabe? Protetora, acho que isso é de mãe, sabe? Eu não estudo, não sou psicólogo, então eu não sei... Mas acredito que é um sentimento de mãe, ela é muito protetora, não é aquela superprotetora não, sabe? Mas ela protege mesmo os filhos, assim, pro lado bom. correta, viu, meu amor?*

- Manejo conjunto das relações familiares

As atividades de cuidado com as crianças e com a família parecem serem mais centradas na figura de Valéria. Lucas assinala que, quando percebe que sua esposa está “agarrada” com alguma atividade, ele assume, parecendo ser necessário haver indícios ou pedidos diretos da esposa para que essa divisão conjunta seja realizada. Segundo Feinberg (2003), os pais variam no grau que contribuem para a interação familiar, podendo se equilibrar em termos do seu envolvimento, de forma que um dos parceiros assume mais a liderança enquanto o outro se retira.

Lucas: *E nós chegamos foi assim, né? Um ajudando o outro mesmo, com os meninos mesmo. Eu sempre faço isso, né? Vejo que a Valéria está agarrada e falo “não, pode deixar que dou banho”, ponho pra dormir aqui, arrumo o*

*quarto deles ali, vou com eles, pra poder sobrar um tempo livre pra ela e ela a mesma coisa.*

*Valéria: Eu fiz almoço, aí a gente terminou de almoçar e eu falei “Então a cozinha é dos homens”, ficou ele e o Pedro me olhando assim e eu falei “eu e a Alice vamos descer”. Nós descemos pros quartos e eles arrumaram a cozinha, sabe? Nesse domingo foi assim, um sorteio mentalmente que os homens ganharam.*

O casal relata manejar a forma de se comunicar e de se comportar na frente das crianças, evitando envolvê-las em discussões conjugais e tentando tranquilizá-las.

*Lucas: Não discutimos na frente das crianças, elas quase não percebem conflitos entre nós dois.*

*Valéria: Tomamos muito cuidado com o que verbalizamos na frente deles.*

#### *5.2.3.4. Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos.*

O casal acredita que as crianças percebem as alterações do clima familiar - como mudanças de expressão do casal, tonalidade de voz e temática da conversa -, sendo por elas afetadas, o que influencia na dinâmica familiar. Segundo Goulart et al. (2013), as crianças são capazes de compreender o conflito conjugal, caracterizando-os de acordo com diferentes aspectos, como temática, frequência, expressão e resolução. A maneira utilizada pelo casal para lidar com os conflitos (diálogos construtivos, busca por soluções, tonalidade de voz respeitosa) pode minimizar seus impactos no sistema familiar e até mesmo promover o estreitamento e a aproximação das relações, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas (Boas et al., 2010).

Lucas: *Mas eles percebem no olhar, se eu e a Valéria estamos conversando uma coisa séria, eles já olham nossa fisionomia e sabem que tá acontecendo alguma coisa.*

Lucas: *Quando a Valéria tá na TPM, ela fica muito nervosa, então eu já expliquei mais ou menos pro Gustavo o que é, e quando eu falo pra ele que ela tá daquele jeito, ele já fica mais tranquilo, sabe?*

O casal diz que a interação com os filhos às vezes gera estresse, apesar de acreditarem conseguir manejar os conflitos de forma a não prejudicar o envolvimento entre eles.

Lucas: *Mas no casamento é assim, a Valéria fala resolve lá e eu quando tô cansado fala pra ela ir, mas a gente sabe que irmão é isso, tem briga mesmo, mas a ponto de atrapalhar o relacionamento, não. Mas o que mais acontece é isso, pedir pro outro ir resolver.*

#### 5.2.4. Análise integrativa das famílias

Com o intuito de analisar, de forma integrada, os três casos, são apresentadas, nesta seção, as principais temáticas identificadas na pesquisa a partir dos construtos da conjugalidade e coparentalidade, do relacionamento com os filhos, e da interação entre os subsistemas, a fim de estabelecer pontes.

Por meio das entrevistas com os casais, constatou-se que, nas três famílias se fizeram presentes, em alguma medida, atravessamentos entre os subsistemas conjugal e coparental. Essa questão é percebida, por exemplo, na dificuldade dos casais de abordar a sua relação sem trazer a dinâmica com os filhos para a conversa, além de verbalizarem alterações da relação conjugal após a chegada das crianças. Esses achados vão ao encontro do conceito de transbordamento (*spillover*) proposto por Erel e Burman (1995), que dizem que a qualidade da relação conjugal tende a transbordar para a qualidade da relação entre pais e filhos, ou seja, o

transbordamento ocorre independentemente de a qualidade da relação conjugal ser alta ou baixa.

#### *5.2.4.1. Relação conjugal*

No que se refere à coesão, os três casais apresentaram semelhanças em relação ao desejo de estarem juntos e de construir uma família, embora apresentassem contrapontos quanto à vivência da conjugalidade e da individualidade em seu relacionamento. Mariza e Ricardo (Família 2) valorizam tanto suas semelhanças como suas complementariedades, por acreditarem que os cônjuges podem contribuir e aprender um com o outro no manejo das questões da relação e das divisões de papéis. Já as Famílias 1 e 3 buscam a unicidade em sua dinâmica, por acreditarem ser necessário haver similaridade nas ideias e concepções da díade para a formação de uma família. Pode-se levantar como hipótese para as diferenças presentes nas três famílias seus diferentes níveis de coesão: famílias que apresentam sistemas emaranhados podem interferir no desenvolvimento da autonomia e competência dos membros, por perceberem as diferenças individuais e os momentos de privacidade como ameaçadores ao sistema familiar (Walsh, 2010).

Na vivência da afetividade e da sexualidade, os casais das Famílias 1 e 3 indicam ter vivenciado mudanças em decorrência do nascimento dos filhos. Aline e Carlos (Família 1), que já assinalavam a questão da afetividade e sexualidade como pouco prazerosa, mencionam que, após o nascimento dos filhos, passaram a ter maior dificuldade para conseguir momentos a dois, e que a sexualidade ficou ainda pior por não conseguirem se desligar da questão parental. Na Família 3, Valéria e Lucas relatam que a rotina de cuidado com a casa, o trabalho e a atenção aos filhos impactaram o envolvimento do casal, também apresentando dificuldades para viver a sexualidade. Diferentemente das demais famílias, Ricardo e Mariza mencionam sentir satisfação na vivência da sexualidade e da afetividade e sinalizando que a dinâmica com os filhos não atrapalha a vivência afetiva do casal pois utilizam de estratégias na rotina das

crianças como organização dos horários de sono, para que possam ter um momento a sós. Segundo McGoldrick (2014), a experiência conjugal dos casais, é modificada com o nascimento dos filhos, por acrescentar aos cônjuges novas demandas à dinâmica da família o que pode reduzir temporariamente o interesse sexual da díade.

As três famílias mencionam ocorrências em que precisaram utilizar da flexibilidade para manejar situações de mudanças. Assinalam que, após o nascimento dos filhos, foi necessária maior flexibilidade para lidar com as novas situações de rotinas, provenientes da passagem para a coparentalidade. O casal da Família 1 menciona que, após o nascimento dos filhos, tiveram que diminuir as saídas e se adaptar a um novo estilo de vida. Na Família 2, é relatado que o nascimento das crianças demandou uma flexibilização, mas que percebem como algo natural e de aprendizagem ao casal. Na Família 3, por sua vez, é descrita preocupação dos pais relacionada à eventual saída dos filhos do lar, que parece despertar angústia do casal por demandar esforço no rearranjo do sistema familiar. Essas falas são corroboradas por Minuchin (1982), que diz que o sistema conjugal precisa se readaptar para a passagem ao sistema coparental.

No que concerne à comunicação, as Famílias 1 e 3 demonstraram dificuldade em se comunicarem de forma clara e assertiva. Durante a entrevista, o casal da família 1 apresentou contradições em suas verbalizações e falta de clareza no que sentiam um pelo outro. Lucas e Valéria (Família 3), por sua vez, relatam não terem muito tempo para se comunicarem, tendo sido observado ainda que o marido em alguns momentos interpela a esposa em suas falas. Por outro lado, essa dificuldade não aparece no discurso da família 2, que pontua que o diálogo é essencial na relação, sendo uma maneira de alinharem as questões da família. Segundo Olson (2000) uma boa comunicação é essencial para um bom funcionamento familiar, assim, sistemas equilibrados possuem maior facilidade de apresentarem bons padrões comunicacionais, enquanto sistemas desequilibrados tendem a ter uma comunicação ruim.

No contexto da conjugalidade, verificam-se, nas famílias 1 e 3, inobstante as singularidades de cada sistema, disfuncionalidades nos quatro construtos considerados. O nível de coesão das famílias é alto, caracterizando sistema emaranhados, havendo muita proximidade e pouco espaço para a vivência da individualidade entre os membros. Quanto à flexibilidade, existe uma dificuldade dos casais de lidarem com as mudanças e instabilidades de suas rotinas, ao passo que a afetividade/sexualidade é expressa pela insatisfação das díades. Nesse contexto, uma comunicação funcional entre os cônjuges poderia facilitar a compreensão da sua dinâmica, permitindo que os aspectos da relação fossem percebidos de forma mais clara e transparente, potencialmente melhorando a satisfação dos casais quanto à conjugalidade. A esse respeito, Olson (2020) afirma que a comunicação facilita o movimento das outras dimensões. Por outro lado, na família 2, é observada uma funcionalidade nos quatro construtos: os cônjuges percebem a comunicação como satisfatória; existe um equilíbrio nos níveis de coesão entre os membros do casal que permite a vivência de espaços individuais e conjugais; e, ainda que o casal não tenha adentrado muito sobre o tema, foi demonstrada satisfação com a sexualidade. Sendo assim, da mesma maneira que os diferentes subsistemas de uma família estão interligados, as dimensões da relação conjugal (coesão, comunicação, flexibilidade e sexualidade/afetividade) também se retroalimentam.

#### *5.2.4.2. Relação coparental*

Em relação à concordância ou discordância quanto a aspectos relativos ao cuidado e educação das crianças, os casais das Famílias 1 e 3 pontuam discordar com os parceiros em algumas situações, embora esses desacordos sejam manejados de maneiras distintas pelas famílias. Aline e Carlos (Família 1) dizem que as discordâncias aparecem, às vezes, de forma direta na dinâmica com os filhos, acabando por triangular as crianças no conflito. Na Família 3, é dito tomar-se cuidado para que os desacordos não apareçam na frente dos filhos, embora o casal assinale não existir muitos momentos para que as divergências sejam alinhadas. Já na

Família 2, Ricardo e Mariza relatam existir pouca discordância entre eles no cuidado com as crianças, mas que, quando essas aparecem, eles tentam resolver por meio do diálogo, levantando, como pontos positivos, o posicionamento alinhado entre eles e a compreensão dos filhos da dinâmica familiar.

Nas três famílias, foi possível identificar falas que remetem à presença da questão de gênero na divisão do trabalho. Nas Famílias 1 e 3, apesar dos casais mencionarem que as atividades são divididas de modo flexível entre os pais, Aline (Família 1) e Valéria (Família 3) descrevem a participação do parceiro nas atividades domésticas como “ajuda”, o que demonstra que as mulheres percebem o trabalho relacionado à criança e os deveres domésticos como sendo responsabilidades femininas, com a participação do gênero masculino sendo algo incomum, e por esse motivo devendo ser engrandecida. Valéria ainda diz que, pelo fato de o marido prover mais financeiramente, ela se sente na obrigação de cuidar mais das crianças e do lar. Na família 2, o casal Mariza e Ricardo relata dividirem as tarefas de forma flexível e que, ao perceberem a existência de um desequilíbrio, tentam conversar para administrar a situação. No entanto, ao descrever a participação das crianças nos trabalhos domésticos, Mariza parece esperar que a filha menina desempenhe mais atividades que seu filho menino, indicando existir uma maior participação feminina nos trabalhos domésticos e de cuidado infantil.

No que se refere ao apoio (ou falta de apoio) ao papel coparental, foi percebida, na Família 1, a presença de contradições na fala do casal. Embora relatem se apoiar e se respeitar em decisões relativas aos filhos, apresentaram, durante a entrevista, falas que desqualificavam o parceiro, o que pode caracterizar uma relação competitiva na díade parental. Segundo Murphy et al. (2017) a coparentalidade competitiva, como ataques à atuação da figura parental, pode prejudicar o desenvolvimento socioemocional das crianças. Nas Famílias 2 e 3, foi possível perceber falas atreladas a questões de gênero. Mariza (Família 2) diz que sempre **permitiu** o envolvimento do marido com as crianças e que percebe que algumas mães **excluem**

os pais da dinâmica inicial com o bebê, pontuando que, diferentemente, ela faz questão de incluí-lo. Diz também que o marido sempre a “ajudou muito”, expressão apresentada também pelas outras participantes e que reforça a ideia de que as mulheres reproduzem falas patriarcais e que percebem o cuidado infantil como sendo de sua responsabilidade. Valéria (Família 3) relata que, geralmente, quando precisa chamar atenção dos filhos, recorre ao marido, já que acredita que ele possui uma figura de maior autoridade e respeito na família. Narvaz (2006) aponta para a existência de estereótipos nas relações familiares, onde o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos são remetidos ainda ao papel da mulher, enquanto o papel do homem está ligado a ser provedor financeiro e ao seu uso da autoridade.

Em relação ao manejo conjunto das relações familiares, os casais das Famílias 1 e 2 dizem que trabalham em conjunto, colaborando e dialogando com o parceiro. No entanto, nota-se que o casal Carlos e Aline (Família 1) compartilham decisões já tomadas de forma individual sobre os filhos, não havendo uma definição conjunta. Também relatam fazerem intervenções na dinâmica do parceiro diante da presença dos filhos. Na família 3, as atividades de cuidado são mais centradas na figura de Valéria, com relatos do marido de que ele tenta auxiliar quando percebe que a esposa está “agarrada”.

#### *5.2.4.3. Interações da conjugalidade, da coparentalidade e do relacionamento com os filhos*

As três famílias relatam perceberem a interligação mútua entre a dinâmica do casal e o relacionamento entre pais e filhos. Os casais das Famílias 1 e 3 informam que, quando o clima fica pesado, havendo alterações na tonalidade de voz, nas expressões e no tema da conversa, as crianças podem ser atingidas de modo a ficarem mais chorosas, agressivas e até intervindo de maneira direta no relacionamento do casal. Ademais, relatam que a dinâmica de cuidado diário com as crianças pode, por sua vez, gerar estresse na conjugalidade. Na Família 2, apesar

de o casal perceber a inter-relação dos dois subsistemas, referem que conseguem manejar bem os conflitos de forma que a conjugalidade não interfira no relacionamento com os filhos.

A satisfação na relação conjugal parece ter influenciado a dinâmica coparental dos casais entrevistados. Nas famílias 1 e 3, é notado que os desafios presentes na relação do casal dificultam o exercício da coparentalidade, refletindo nos aspectos como a discordância e a falta de diálogo dos casais em relação aos filhos, a centralização das tarefas domésticas e a falta de apoio dos parceiros no papel parental. Já na família 2, percebe-se que existe uma divisão mais igualitária das tarefas com as crianças, uma comunicação mais clara e aberta e o manejo conjunto das atividades. Segundo Feinberg (2003) o relacionamento conjugal está associado as funções parentais e ao ajustamento dos filhos.

Em decorrência de a vivência dos aspectos analisados no subsistema conjugal ser um desafio para a díade, as famílias 1 e 3 demonstram maior dificuldade em exercer as tarefas da coparentalidade, o que acabou por refletir na relação entre pais e filhos, bem como na dinâmica com as crianças. Essa questão pode ser observada na intensificação de comportamentos reativos dos filhos na família 1 e na introspecção das crianças na família 3, frente aos conflitos da díade. Em contrapartida, na família 2 a satisfação do casal com a vivência conjugal também é sentida no exercício coparental e no desenvolvimento dos filhos, que se mostram mais tranquilos e cooperativos.

Vale ressaltar que, inobstante os desafios vivenciados pelas famílias 1 e 3, tanto na conjugalidade quanto na coparentalidade, os casais demonstraram criticidade e desejo em melhorar o seu funcionamento familiar. Quando os cônjuges cooperam um com o outro e se comunicam se apoiando e trabalhando juntos no cuidado com seus filhos, é provável que tais esforços aproximem os dois parceiros e os levem a manter um relacionamento mais satisfatório, o que se repercute no desenvolvimento da segurança emocional nos filhos (Schrodt et. al, 2019). Erel et al. (1995) apontam que casais que apresentam baixos níveis de satisfação

conjugal e que vivenciam conflitos frequentes e intensos têm a relação com os filhos afetada negativamente, o que demonstra a permeabilidade existente entre o subsistema conjugal e coparental.

## 6. CONCLUSÃO

O estudo teve por objetivo compreender as relações entre conjugalidade, coparentalidade e relacionamento com os filhos em famílias intactas com filhos na meia-infância. Para isso, foram realizados dois estudos, sendo o primeiro uma revisão integrativa da literatura dos últimos cinco anos e o segundo um estudo de caso coletivo com três famílias, com casais pais de crianças de seis a onze anos.

Os achados presentes no primeiro estudo apontaram para a interligação mútua dos subsistemas conjugais, coparentais e parentais, sinalizando a existência de múltiplos fatores que podem influenciar a dinâmica da família, tais como a forma como a díade maneja sua relação conjugal e coparental; a percepção das crianças sobre esses subsistemas; a influência dos filhos na relação do casal; a maneira da família lidar com as flutuações derivadas do ciclo de vida; e a satisfação/insatisfação da díade coparental com as divisões de tarefas relacionadas às crianças.

Ainda na revisão integrativa da literatura, observou-se que a maioria dos estudos encontrados foram de origem internacional, adotando o método quantitativo e apresentando uma leitura mais compartimentalizada sobre a interação familiar. Apesar de as pesquisas abordarem a dinâmica triádica na interação familiar, poucos trabalhos analisaram a interação relacional de pais e filhos, geralmente não inserindo a criança na pesquisa.

Na segunda etapa, um estudo de caso coletivo foi realizado a partir de dados levantados na entrevista com três casais casados pais de crianças, e trouxe, como contribuição, uma maior compreensão do fenômeno conjugalidade, coparentalidade e relacionamento com os filhos. O estudo corroborou com achados já presentes na literatura sobre a influência interativa e bidirecional observada nos subsistemas conjugais e coparentais. Os casais da pesquisa que apresentaram maior dificuldade nas dimensões da conjugalidade (coesão, flexibilidade, comunicação e afetividade/sexualidade) demonstraram perceber o manejo coparental como um

desafio, notando também uma menor adaptabilidade nas reações das crianças. Foi observado também, na pesquisa, que vários aspectos desafiadores, quando presentes na relação entre os cônjuges, no que se refere aos construtos retromencionados, foram potencializados após a passagem para a coparentalidade, com intensidades variando de acordo com a maneira na qual a díade manejava os desafios na sua relação.

Nas entrevistas, surgiram indícios da existência de atravessamentos entre os subsistemas conjugal e coparental, observados na dificuldade dos casais de abordarem sua relação sem trazerem a dinâmica com os filhos para a conversa, além de verbalizarem alterações da relação conjugal após a chegada das crianças. Os achados vão ao encontro do conceito de *spillover* (Erel et al., 1995). Essa dinâmica explicita a existência de uma interligação da relação do casal com a coparentalidade, de forma que a qualidade das relações entre os cônjuges tem efeitos nos filhos, ao passo que questões ligadas às crianças, como alterações dos comportamentos e desafios na rotina familiar, também são vivenciadas na relação conjugal. Não obstante, aspectos como a facilidade de lidar com as mudanças no ciclo de vida, o manejo conjunto das atividades, o apoio coparental e uma boa comunicação entre os cônjuges, influenciam nos impactos que esse transbordamento terá na dinâmica da família.

Outra questão muito presente nas entrevistas foram as questões de gênero, que apareceram em vários momentos relacionados aos seguintes construtos de coparentalidade: divisão do trabalho, apoio coparental e manejo conjunto das relações familiares. As tarefas de cuidado infantil e do lar foram mais relacionadas ao papel feminino, e as contribuições masculinas foram nomeadas pelas participantes como “ajuda”, sendo esse tema naturalizado pelos casais, o que ressalta a questão patriarcal presente nas divisões de trabalho.

As famílias que se mostraram menos satisfeitas com a vivência da conjugalidade, tendo dificuldade para manejar espaços individuais e conjuntos, pouca flexibilidade para lidar com as mudanças, insatisfação com a vivência da sexualidade/afetividade e comunicação

disfuncional também demonstraram menos habilidades para manejar questões coparentais. Por sua vez, esse movimento, se refletiu nos comportamentos de impulsividade, agressividade e introspecção das crianças.

Como limitação deste estudo, assinala-se o fato de a coleta de dados ter ocorrido somente por meio de entrevistas com os casais, considerando apenas a perspectiva dos entrevistados. Futuras pesquisas poderiam agregar também o relato dos filhos sobre a dinâmica existente, além de conduzir observações triádicas das interações familiares. Essas observações ajudariam na compreensão da dinâmica da família, já que acrescentariam a percepção das crianças sobre as interações entre os subsistemas, além de permitir uma avaliação do relacionamento entre pais e filhos por parte do pesquisador.

Por fim, como contribuição para a prática profissional, o presente trabalho ressalta a importância de promover mais espaços que permitam a reflexão e o diálogo entre os membros da família, tornando possível uma maior consciência sobre os padrões interacionais e o desenvolvimento de novas habilidades de comunicação, de modo a auxiliar no desenvolvimento de estratégias positivas para a vivência dos desafios na vida da família.

## REFERÊNCIAS

- Adler-Baeder, F., Garneau, C., Vaughn, B., McGill, J., Harcourt, K. T., Ketring, S., & Smith, T. (2018). The effects of mother participation in relationship education on coparenting, parenting, and child social competence: Modeling spillover effects for low-income minority preschool children. *Family Process*, *57*(1), 113–130. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1111/famp.12267>
- Augutin, D., & Frizzo, G. B. (2016). A coparentalidade ao longo do desenvolvimento dos filhos: Estabilidade e mudança no 1º e 6º ano de vida. *Interação em Psicologia*, *19*(1), 13–24.
- Belsky, J., Putnam, S., & Crnic, K. (1996). Coparenting, parenting, and early emotional development. *New directions for child development*, *74*, 45–55.
- Blandon, A. Y., Scrimgeour, M. B., Stifter, C. A., & Buss, K. A. (2014). Within-and between-family differences in cooperative and competitive coparenting. *Journal of Family Psychology*, *28*(1), 106–111. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/a0035266>
- Boas, A. C. V. B., Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: Uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *62*(2), 91–102.
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. Educação, Família e Necessidades Especiais. *Educar em Revista*, *59*, 17–33. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.44615>
- Bolsoni-Silva, A. T., Maturano, E. M. (2010). Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *26*(1), 67-75.

- Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Boing, E., & Crepaldi, M. A. (2017). Conflitos conjugais e parentais em famílias com crianças: Características e estratégias de resolução. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia. Paidéia*, *17*(Suppl. 1), 457–465. <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201711>
- Bowen, M. (1976). Theory in the practice of psychotherapy. In P. J. Guerin Jr. (Ed.), *Family therapy: Theory and practice* (pp. 42–90). Gardner Press.
- Bowen, M. (1979). *De la familia al individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Paidós.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: Uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *18*(2), 151–161.
- Broady, G. H., Pellegrini, A. D., & Sigel, I. E. (1986). Marital quality and mother-child and father-child interactions with school-aged children. *Developmental Psychology*, *22*, 291–296.
- Buckley, C. K., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2010). Father involvement and coparenting behavior: Parents' nontraditional beliefs and family earner status as moderators. *Personal Relationships*, *17*(3), 413–431.
- Burt, S. A., Wildey, M. N., & Klump, K. L. (2015). The quality of the interparental relationship does not moderate the etiology of child conduct problems. *Psychological Medicine*, *45*, 319–332.
- Camisasca, E., Miragoli, S., Caravita, S., & Di Blasio, P. (2015). The Parenting Alliance Measure: The first contribution to the validation of the measure in Italian mothers and fathers. *TPM-Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, *22*(1), 71–95.

- Camisasca, E., Miragoli, S., Di Blasio, P., & Feinberg, M. (2019). Co-parenting mediates the influence of marital satisfaction on child adjustment: The conditional indirect effect by parental empathy. *Journal of Child and Family Studies*, 28(2), 519–530. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10826-018-1271-5>
- Christopher, C., Umemura, T., Mann, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Marital quality over the transition to parenthood as a predictor of coparenting. *Journal of Child and Family Studies*, 24(12), 3636–3651. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10826-015-0172-0>
- Cox, M. J., Paley, B., & Harter, K. (2001). Interparental conflict and parent-child relationships. In J. H. Grych, & Fincham, F. D. (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, Research, and Applications* (pp. 249–272). Cambridge University Press.
- Daks, J. S., Peltz, J. S., & Rogge, R. D. (2020). Psychological flexibility and inflexibility as sources of resiliency and risk during a pandemic: Modeling the cascade of COVID-19 stress on family systems with a contextual behavioral science lens. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 18, 16–27. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1016/j.jcbs.2020.08.003>
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security Hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116, 387–411.
- Davies, P., Sturge-Apple, M., & Cummings, E. (2004). Interdependencies among interparental discord and parenting practices: The role of adult vulnerability and relationship perturbations. *Development and Psychopathology*, 16, 773–797.
- Dessen, M. A. (1997). Desenvolvimento familiar: Transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia*, 5(3), 51–61. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1997000300006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300006&lng=pt&tlng=pt)

- Dollberg, D. G., Hanetz Gamliel, K., & Levy, S. (2021). Mediating and moderating links between coparenting, parental mentalization, parents' anxiety, and children's behavior problems. *Journal of Family Psychology, 35*(3), 324–334. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/fam0000728>
- Elkaim, M. (1990). *Se você me ama não me ame: Abordagem sistêmica em terapia conjugal e familiar*. Papirus.
- Enger, A. (1988). The interrelatedness of marriage and the mother-child relationship. In R. Hinde, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 83–103). Oxford University Press.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 118*(1), 108–132.
- Estlein, R., & Theiss, J. A. (2014). Inter-parental similarity in responsiveness and control and its association with perceptions of the marital relationship. *Journal of Family Studies, 20*(3), 239–256. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1080/13229400.2014.11082009>.
- Fatinato, A. C., & Cia, F. (2015). Habilidades sociais educativas, relacionamento conjugal e comportamento infantil na visão paterna: Um estudo correlacional. *Revista Psico, 46*(1), 120–128.
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice, 3*, 95–131.
- Feinberg, M. E., Jones, D. E., Roettger, M. E., Solmeyer, A., & Hostetler, M. L. (2014). Long-term follow-up of a randomized trial of family foundations: Effects on children's emotional, behavioral, and school adjustment. *Journal of Family Psychology, 28*(6), 821–831. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/fam0000037>

- Feinberg, M. E., & Jones, D. E. (2018). Experimental support for a family systems approach to child development: Multiple mediators of intervention effects across the transition to parenthood. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 7(2), 63–75.  
<https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/cfp0000100>
- Feijó, M. R. (2007). Práticas sistêmicas com casais e famílias com dificuldades afetivo-sexuais. In A. L. M. Horta, & M. R. Feijó (Orgs.), *Sexualidade na família* (pp. 111–124). Expressão e Arte.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379–394.  
<https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Frizzo, G., Kreutz, C., Schmidt, C., Piccinini, C., & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15, 84–94.
- Gallegos, M. I., Jacobvitz, D. B., Sasaki, T., & Hazen, N. L. (2019). Parent's perceptions of their spouses' parenting and infant temperament as predictors of parenting and coparenting. *Journal of Family Psychology*, 33(5), 542–553.
- Grandesso, M. A. (2008). Desenvolvimentos em terapia familiar: Das teorias às práticas e das práticas às teorias. In L. C. Osorio, & M. E. Pascual do Valle (Orgs.), *Manual de terapia familiar* (pp. 104–118). Artmed.
- Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital process. *Annual Review of Psychology*, 49, 169–197.
- Goulart, V. R., Wagner, A. (2013). Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 392–408.
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). Casa do pai, casa da mãe: A coparentalidade após o divórcio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 77–87.

- Grych, J. H. (2002). Marital relationships and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Social conditions and applied parenting* (pp. 203–225). Lawrence Erlbaum Associates.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201–209. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>
- Hameister, B. R., Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2015). As repercussões nos filhos dos conflitos conjugais dos pais. In A. Wagner, C. Mosmann, & Falcke, D. (Orgs.). *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade* (pp. 69–78). Sinodal.
- Han, Y., Rudy, D., & Proulx, C. M. (2017). Longitudinal relationships among marital conflict, maternal and paternal warmth and control, and preschoolers' socioemotional outcomes in South Korea. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 48(10), 1522–1536. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0022022117732300>
- Hanetz Gamliel, K., Dollberg, D. G., & Levy, S. (2018). Relations between parents' anxiety symptoms, marital quality, and preschoolers' externalizing and internalizing behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, 27(12), 3952–3963. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10826-018-1212-3>
- Hindman, J. M., Riggs, S. A., & Hook, J. (2013). Contributions of executive, parent–child, and sibling subsystems to children's psychological functioning. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2(4), 294–308. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/a0034419>
- Holland, A. S., & McElwain, N. L. (2013). Maternal and paternal perceptions of coparenting as a link between marital quality and the parent-toddler relationship. *Journal of Family Psychology*, 27(1), 117–126. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/a0031427>

- Jessee, A., Mangelsdorf, S. C., Wong, M. S., Schoppe-Sullivan, S. J., Shigeto, A., & Brown, G. L. (2018). The role of reflective functioning in predicting marital and coparenting quality. *Journal of Child and Family Studies, 27*(1), 187–197. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10826-017-0874-6>
- Joyce, J. B., Humă, B., Ristimäki, H.-L., de Almeida, F. F., & Doehring, A. (2021). Speaking out against everyday sexism: Gender and epistemics in accusations of “mansplaining”. *Feminism & Psychology, 31*(4), 502–529. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0959353520979499>
- Jones, D., Feinberg, M., Hostetler, M., Roettger, M., Paul, I. M., & Ehrenhal, D. B. (2018). Family and child outcomes 2 years after a transition to parenthood intervention. *Interdisciplinary Journal of Applied Family Science, 67*(2), 270–286. <https://doi.org/10.1111/ifa.12309>
- Karreman, A., de Haas, S., van Tuijl, C., van Aken, M. A. G., & Deković, M. (2010). Relations among temperament, parenting and problem behavior in young children. *Infant Behavior & Development, 33*(1), 39–49. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1016/j.infbeh.2009.10.008>
- Keller, P. S., Cummings, E. M., & Peterson, K. M. (2009). Marital conflict in the context of parental depressive symptoms: Implications for the development of children’s adjustment problems. *Social Development, 18*, 536–555.
- Kerr, M. E., & Bowen, M. (1988). *Family evaluation: The role of the family as an emotional unity that governs individual behavior and development*. W. W. Norton & Company.
- Kreppner, K., & Ulrich, M. (1998). Talk to mom and dad and listen to what is in between. In M. Hofer, P. Noack, & J. Youniss (Eds.), *Verbal interaction and development in families with adolescents* (pp. 83–108). Ablex.

- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations, 49*(1), 25–44.
- Kolak, A. M., & Volling, B. L. (2013). Coparenting moderates the association between firstborn children's temperament and problem behavior across the transition to siblinghood. *Journal of Family Psychology, 27*(3), 355–364. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/a0032864>.
- Koprowski, A. H., Galindo, G. S. de P., & Gomes, L. B. (2020). Conflito conjugal e sistema parental: Uma revisão integrativa da literatura nacional. *Pensando famílias, 24*(2), 15-31.
- Kuo, P. X., Volling, B. L., & Gonzalez, R. (2017). His, hers, or theirs? Coparenting after the birth of a second child. *Journal of Family Psychology, 31*(6), 710–720. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/fam0000321>
- Kwon, K.-A., Jeon, H.-J., & Elicker, J. (2013). Links among coparenting quality, parental gentle guidance, and toddlers' social emotional competencies: Testing direct, mediational, and moderational models. *Journal of Family Studies, 19*(1), 19–34. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.5172/jfs.2013.19.1.19>
- Lamela, D., Figueiredo, B. (2016). Coparentalidade após a dissolução conjugal e saúde mental das crianças: Uma revisão sistemática. *Jornal de Pediatria, 92*(4), 331–342.
- Latham, R. M., Mark, K. M., & Oliver, B. R. (2018). Coparenting and children's disruptive behavior: Interacting processes for parenting sense of competence. *Journal of Family Psychology, 32*(1), 151–156. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/fam0000362>.
- Laville, C., & Dione, J. (1999). Capítulo 8: Das informações à conclusão. In *A construção do saber: Manual de metodologia em ciências humanas* (pp.197–231, H. Monteiro, & F. Settiner, Trad.). Artmed; Editora da UFMG.

- Leusin, J. F. (2017). Clima familiar e problemas emocionais e comportamentais em uma amostra de crianças do Rio de Janeiro. [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41596>
- LeRoy, M., Mahoney, A., Pargament, K. I., & DeMaris, A. (2013). Longitudinal links between early coparenting and infant behaviour problems. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 360–377. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1080/03004430.2012.711588>
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3–21.
- Marin, A., Schaefer, M., Lima, M., Karmêni, R., Fava, D., & Feijó, L. (2021). Delineamentos de pesquisa em psicologia clínica: Classificação e aplicabilidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(e221647), 1–17. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221647>
- McDaniel, B. T., Teti, D. M., & Feinberg, M. E. (2017). “Assessing coparenting relationships in daily life: The Daily Coparenting Scale (D-Cop)”: Erratum. *Journal of Child and Family Studies*, 26(9), 2653–2654. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10826-017-0794-5>
- McGoldrick, M. (1995). A união das famílias através do casamento: O novo casal. In B. Carter, & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 184–205). Artmed.
- McGoldrick, M.; Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. P., & Galvão, C. M (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Reflexão. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 758–764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

- Merrifield, K. A., & Gamble, W. C. (2013). Associations among marital qualities, supportive and undermining coparenting, and parenting self-efficacy: Testing spillover and stress-buffering processes. *Journal of Family Issues*, 34(4), 510–533. [https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0192513X12445561](https://doi.org/ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0192513X12445561)
- Miller, B. C., & Sollie, D. L. (1980). Normal stresses during the transition to parenthood. *Family Relations*, 29, 459–465.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1995). A cura da família: Histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar (2a ed.). Artes Médicas.
- Moraes, M. C. B. D. (2013). A nova família, de novo- Estruturas e funções das famílias contemporâneas. *Pensar*, 18(2), 587–628.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315–325.
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista Spagesp*, 12(2), 5–16.
- Mosmann, C., Costa, C. B. C., Einsfeld, P., & Silva, A. G. M. D. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: Associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Psicologia da saúde –Estudos de psicologia*, 34(4), 487–498. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005>
- Mosmann, C., Costa, C. B. D., Silva, A. G. M. D., & Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: Papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Temas em Psicologia*, 26(1), 429–442. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-17Pt>

- Mota, M. M. P. E. da (2010). Metodologia de pesquisa em desenvolvimento humano: Velhas questões revisitadas. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 144–149. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472010000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472010000200007&lng=pt&tlng=pt)
- Murphy, S. E., Jacobvitz, D. B., & Hazen, N. L. (2016). What's so bad about competitive coparenting? Family-level predictors of children's externalizing symptoms. *Journal of Child and Family Studies*, 25(5), 1684–1690. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10826-015-0321-5>
- Murphy, S. E., Boyd-Soisson, E., Jacobvitz, D. B., & Hazen, N. L. (2017). Dyadic and triadic family interactions as simultaneous predictors of children's externalizing behaviors. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 66(2), 346–359. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1111/fare.12225>
- Narvaz, M. G., Koller, S. H. Famílias e patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 49–55. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos*. Artmed.
- Olson, D. H. (1991). Tipos de família, estrés familiar y satisfacción com la familia: Uma perspectiva del desarrollo familiar. In C. Falicov (Ed.), *Transiciones de la familia: Continuidad y cambio en el ciclo de vida* (pp. 99–129). Amorrortu.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research & evaluation methods*. Sage.
- Parkes, A., Green, M., & Mitchell, K. (2019). Coparenting and parenting pathways from the couple relationship to children's behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 33(2), 215–225. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/fam0000492>

- Pedro, M. F., & Ribeiro, M. T. (2015). Adaptação portuguesa do questionário de coparentalidade: Análise fatorial confirmatória e estudos de validade e fiabilidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(1), 116–125. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528113>
- Perlin, G., & Diniz, G. Casais que trabalham e são felizes: Mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, 17(2), 15–29. <https://www.scielo.br/j/pc/a/4LJ3WrSJSZXkxmmJXM5Zt6M/?lang=pt>
- Pires, H., Martinho, R., Beja, M. J., & Gaipo, C. (2019). *Aliança coparental e percepção do apoio parental em crianças do 1º ciclo do Ensino Básico*. Universidade Madeira. <http://hdl.handle.net/10174/27617>
- Rios-González, J. A. (2005). *Los ciclos vitales de la familia y de la pareja: Crises u oportunidades?* Editorial CCS.
- Schoppe-Sullivan, S. J., & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent characteristics and early coparenting behavior at the transition to parenthood. *Social Development*, 22(2), 363–383. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1111/sode.12014>.
- Schrodt, P., & Afifi, T. D. (2019). Venting to unify the front: Parents' negative relational disclosures about their children as mediators of coparental communication and relational quality. *Journal of Family Communication*, 19(1), 47–62. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1080/15267431.2018.1531006>
- Scrimgeour, M. B., Blandon, A. Y., Stifter, C. A., & Buss, K. A. (2013). Cooperative coparenting moderates the association between parenting practices and children's prosocial behavior. *Journal of Family Psychology*, 27(3), 506–511. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/a0032893>

- Sears, M. S., Repetti, R. L., Reynolds, B. M., Robles, T. F., & Krull, J. L. (2016). Spillover in the home: The effects of family conflict on parents' behavior. *Journal of Marriage and Family*, 78(1), 127–141. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1111/jomf.12265>
- SILVA, I. M., Schmidt, B., Lordello, S. R., Noal, D. S., Crealdi, M. A., Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: Recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando famílias*, 24(1), 12–28. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2020000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003)
- Silva, I. M., & Lopes, R. C. S. (2012). As relações entre os subsistemas conjugal e parental durante a transição para a parentalidade. *Pensando Famílias*, 16(1), 69–90.
- Song, J.-H., & Volling, B. L. (2015). Coparenting and children's temperament predict firstborns' cooperation in the care of an infant sibling. *Journal of Family Psychology*, 29(1), 130–135. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/fam0000052>.
- Souza, M., Silva, M., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: O que é e como fazer. *Einstein*, 8(1):102–106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>.
- Shigeto, A., Mangelsdorf, S. C., & Brown, G. L. (2014). Roles of family cohesiveness, marital adjustment, and child temperament in predicting child behavior with mothers and fathers. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(2), 200–220. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0265407513490586>.
- Snyder, D. K., Cozzi, J. J., & Mangrum, L. F. (2006). Conceptual issues in assessing couples and families. In H. A. Liddle, D. A. Santisteban, R. F. Levant & J. H. Bray (Eds.), *Family psychology: Science-based interventions* (pp. 69–87). American Psychological Association.
- Stake, R. E. (1995). *The art of the case study research*. Sage Publications.

- Stroud, C. B., Meyers, K. M., Wilson, S., & Durbin, C. E. (2015). Marital quality spillover and young children's adjustment: Evidence for dyadic and triadic parenting as mechanisms. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 44*(5), 800–813. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1080/15374416.2014.900720>
- Szabó, N., Dubas, J. S., & van Aken, M. A. G. (2012). And baby makes four: The stability of coparenting and the effects of child temperament after the arrival of a second child. *Journal of Family Psychology, 26*(4), 554–564. <https://doi.org/10.1037/a0028805>
- Sydow, K., Ullmeyer, M., & Happ, N. (2001). Sexual activity during pregnancy and after childbirth: Results from the Sexual Preferences Questionnaire. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology, 22*, 29–40.
- Skowron, E. A., Kozlowski, J. M., & Pincus, A. L. (2010). Differentiation, self-other representations, and rupture-repair process: Predicting child maltreatment-risk. *Journal of Counseling Psychology, 57*(3), 304–316.
- Taylor, Z. E., Larsen-Rife, D., Conger, R. D., & Widaman, K. F. (2012). Familism, interparental conflict and Parenting in Mexican-Origin Families: A Cultural-Contextual Framework. *Journal of Marriage and Family, 74*(2), 312–327. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1741-3737.2012.00958.x>
- Tissot, H., Kuersten-Hogan, R., Frascarolo, F., Favez, N., & McHale, J. P. (2019). Parental perceptions of individual and dyadic adjustment as predictors of observed coparenting cohesion: A cross-national study. *Family Process, 58*(1), 129–145. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1111/famp.12359>.
- Treadway, D. C. (2010). Dancing to their own music. In S. R. Leiblum (Ed.), *Treating Sexual Desire Disorders. A Clinical Casebook* (pp. 165–180). The Guilford Press.

- Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development, 11*(3), 165-178.
- Van Eldik, W. M., Prinzie, P., Deković, M., & de Haan, A. D. (2017). Longitudinal associations between marital stress and externalizing behavior: Does parental sense of competence mediate processes? *Journal of Family Psychology, 31*(4), 420–430. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1037/fam0000282>
- Vasconcellos, M. J. E. (2003). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência* (10<sup>a</sup> ed.). Papyrus.
- Walsh, F. (2006). *Strengthening family resilience*. The Guilford Press.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. (1973). *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação* (9<sup>a</sup> ed.). Cultrix.
- Wright, L. K. (1998). Affection and sexuality in the presence of Alzheimer's disease: A longitudinal study. *Sexuality and Disability, 16*(3), 167-179.
- Young, M., Riggs, S., & Kaminski, P. (2017). Role of marital adjustment in associations between romantic attachment and coparenting. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies, 66*(2), 331–345. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1111/fare.12245>
- Zanello, V. (2014b). Saúde mental, mulheres e conjugalidade. In C. Stevens, S. Oliveira, V. Zanello (Orgs.), *Estudos feministas e de gênero: Perspectivas e articulações* (108-118). Mulheres.
- Zemp, M., Milek, A., Cummings, E. M., & Bodenmann, G. (2017). Longitudinal interrelations between dyadic coping and coparenting conflict in couples. *Journal of Child and Family Studies, 26*(8), 2276–2290. <https://doi-org.ez54.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10826-017-0742-4>

## Anexos

### ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Conjugalidade e Coparentalidade: Inter-relações com os comportamentos dos filhos”, de responsabilidade de Priscila de Oliveira Chiari, estudante de Mestrado, da Universidade de Brasília, orientada pela Profa. Dra. Isabela Machado da Silva, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. O objetivo desta pesquisa é compreender as repercussões entre conjugalidade, coparentalidade e comportamento dos filhos, em casais heterossexuais com crianças entre seis a 11 anos. Assim, gostaria de convidá-lo para cooperar com esta pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com o casal e por atividades envolvendo pais e filhos. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Acredita-se que esta pesquisa ofereça riscos mínimos aos participantes, relacionados ao potencial desconforto emocional e psicológico por tocar em questões de cunho relacional e ao cansaço ocasionado pelo questionário e pela entrevista. Você pode interromper qualquer das atividades caso vivencie algum desconforto.

Espera-se que esta pesquisa ajude na criação de futuras estratégias de intervenções e prevenção voltadas às relações conjugais e coparentais, bem como à saúde infantil.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração, essa pesquisa pode trazer benefícios por permitir o seu contato e o questionamento sobre suas relações conjugais, coparentais e a relação com o comportamento de seus filhos, possibilitando um maior autoconhecimento e compreensão do sistema familiar. O estudo também apresenta benefícios por ampliar a literatura brasileira sobre a conjugalidade, coparentalidade e a inter-relação com o comportamento infantil.

A pesquisa será realizada por meio de encontros mediados por plataformas de videoconferência. Serão realizados dois encontros e cada um terá uma duração aproximada de 60 minutos. Os encontros serão gravados, mas os vídeos serão acessados apenas pelas pesquisadoras e serão apagados assim que concluirmos a análise das entrevistas.

Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61) 98317-7080 ou pelo e-mail [prichiari@gmail.com](mailto:prichiari@gmail.com).

**ANEXO B – ENTREVISTA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DO CASAL**

**(Roteiro adaptado de NUDIF, 1998b)**

**Eu gostaria de mais informações sobre vocês:**

**Esposa:**

Nome:

Data de nascimento:

Idade:

Escolaridade(ano de conclusão):

Religião: Praticante: ( ) Sim ( ) Às vezes ( ) Não

Você trabalha fora? Sim( ) Não ( )

Grupo Étnico:

Quanto tempo está casada? É o seu primeiro casamento?

Quantos filhos você tem? Todos os filhos são do seu atual relacionamento?

Houve planejamento para a maternidade? Sim ( ) Não ( )

Telefone para contato:

Email:

**Marido:**

Nome:

Data de nascimento:

Idade:

Escolaridade (ano concluído):

Religião: Praticante ( ) Sim ( ) Às vezes ( ) Não

Você trabalha fora? Sim ( ) Não ( )

Grupo Étnico:

Quanto tempo está casada?                      É o seu primeiro casamento?

Quantos filhos você tem?                      Todos os filhos são do seu atual relacionamento?

Houve planejamento para a maternidade? Sim ( ) Não ( )

Telefone para contato:

Email:

**ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O CASAL****(Roteiro adaptado de NUDIF, 1998c)**

## 1) História da Relação

- Quanto tempo estão casados?
- Como você descreve a história de relação de vocês?
- Como vocês se conheceram?
- O que te atraiu nele (a)?
- Como era a relação na época do namoro? Por quanto tempo vocês namoraram?
- Como foi a decisão de se casarem?
- O que você esperava da vida conjunta de vocês?
- A relação de vocês depois que passaram a viver juntos satisfaz sua expectativa? Por

quê?

## 2) História da Relação pós- paternidade

- Como foi a decisão de ter filhos?
- Mudou algo na relação de vocês após a chegada dos filhos? O quê?
- O que vocês acham que contribuiu para essas mudanças?
- O que vocês têm feito juntos como casal? Como são esses momentos para vocês?
- O que fazem separados? Como são esses momentos para vocês?
- Como anda a vida sexual de vocês?

## 3) Conjugalidade, coparentalidade e Comportamento dos filhos

- Como vocês tomam as decisões relativas ao cuidado dos seus filhos?
- Com que frequência vocês discordam sobre esse tema?
- Como vocês costumam resolver essas discordâncias?
- Como vocês dividem as tarefas relativas ao cuidado dos seus filhos?

- Como chegaram a essa divisão?
- Como vocês dividem as demais tarefas de casa?
- Como chegaram a essa divisão?
- Como você descreveria como mãe (pai)?
- Como você descreveria seu parceiro como pai/mãe?
- Você já questionou ou questiona algum comportamento que seu parceiro já tenha realizado como pai (ou mãe)?
- Você percebe alguma influência dos conflitos entre vocês, como marido e mulher, nos comportamentos do seu filho?
- Por que você acha que isso acontece?
- Descreva um episódio que isso acontece?
- Você percebe alguma influência do comportamento dos filhos na relação de vocês enquanto marido e mulher?
- Por que você acha que isso acontece?
- Descreva um episódio que isso acontece?
- Pensando na relação de vocês como marido e mulher, o que você acha que contribui para a forma como vocês criam o seu filho?
- Existe algo da sua relação como marido e mulher que você acredita que dificulte a criação do seu filho?

## ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** As relações entre conjugalidade, coparentalidade e o bem-estar dos filhos

**Pesquisador:** Priscila de Oliveira Chiari

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 29929120.9.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia - UNB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.541.344

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisadora propõe uma emenda para o projeto já aprovado pelo CEP/CHS no dia 9 de junho de 2020. A ampliação requerida se refere à inclusão de um novo estudo, quantitativo e online, que tem como objetivo investigar as relações entre satisfação conjugal, coparentalidade, relações familiares, presença de afetos positivos e negativos na criança e comportamentos infantis.

A amostra desse novo estudo será composta por 400 pais (pai e mãe) brasileiros e será selecionada por conveniência, a partir da resposta a anúncios divulgados em redes sociais e no site do grupo de pesquisa.

Em função da pandemia de Covid-19, as coletas de dados presenciais foram substituídas por coletas de dados online, com o auxílio de plataformas de videoconferência.

#### Objetivo da Pesquisa:

Inalterado em relação ao parecer substanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 9 de junho de 2020.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Inalterada em relação ao parecer substanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 9 de junho de 2020.

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASILIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br